

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Maria Carolina Silva Rocha Vieira

**O BRASIL QUE NÃO É BEM ASSIM: REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA
COBERTURA DA COPA DO MUNDO 2014 PELO JORNAL THE GUARDIAN**

**BAURU
2016**

Vieira, Maria Carolina.

O Brasil que não é bem assim: representações do Brasil na Copa do Mundo 2014 pelo jornal The Guardian / Maria Carolina Vieira, 2016
130 f.

Orientador: Maximiliano Martin Vicente

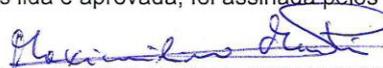
Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2016

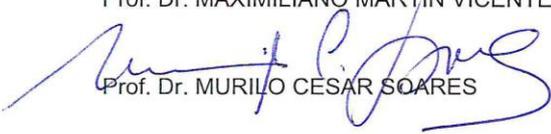
1. Comunicação Midiática. 2. Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais. 3. Jornalismo. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIA CAROLINA SILVA ROCHA VIEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO.

Aos 25 dias do mês de abril do ano de 2016, às 14:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. CRISTINA GONZÁLEZ OÑATE do(a) Departamento de Ciencias de La Comunicación / Universitat Jaume I, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MARIA CAROLINA SILVA ROCHA VIEIRA, intitulada **O Brasil que não é bem assim: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo de 2014 pelo jornal *The Guardian*.** Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE


Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES

Prof. Dr. CRISTINA GONZÁLEZ OÑATE



Maria Carolina Silva Rocha Vieira

**O BRASIL QUE NÃO É BEM ASSIM: REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NA
COBERTURA DA COPA DO MUNDO 2014 PELO JORNAL THE GUARDIAN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação Social, sob orientação do Professor Doutor Maximiliano Martin Vicente

**BAURU
2016**

AGRADECIMENTOS

À UNESP, por propiciar a expansão dos meus horizontes de conhecimento, além de algumas de minhas melhores memórias acadêmicas e, principalmente, não acadêmicas.

Ao meu orientador, Maximiliano Martin Vicente, não só por sua orientação precisa, mas pelas palavras sábias e compreensivas nas horas mais necessárias.

Às minhas ex-colegas de trabalho, por entenderem na rotina diária que eu tinha outras preocupações e responsabilidades.

Aos meus amigos, que foram uma verdadeira torcida na jornada deste mestrado.

A toda a minha família, em especial minha mãe, meu pai e minha irmã, que sempre me apoiaram e, acima de tudo, acreditaram em mim.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, insistem em me mostrar a (ainda) ter fé no poder da educação.

*– It is our choices that show what we
truly are, far more than our abilities,*
J. K. Rowling

VIEIRA, Maria Carolina Silva Rocha. **O Brasil que não é bem assim:** representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal The Guardian. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

RESUMO

O Brasil, como terra colonizada por europeus, teve desde o seu nascimento não só sua imagem, mas seu próprio senso de identidade influenciado e construído por relatos estrangeiros, começando pelos de colonizadores, passando por escritos de viajantes e chegando aos dias de hoje com todas as configurações do jornalismo internacional. A Copa do Mundo, por sua vez, além de se conectar ao Brasil pela relação histórica do país com o futebol, devido às suas características de megaevento midiático tem a potencialidade (e a intenção) de deixar como legado determinadas projeções nas representações de sua nação-sede.

Tomando como cenário de atuação o jornalismo internacional em um contexto globalizado e como base os Estudos Culturais Britânicos – que entendem a cultura como meio de vida e campo de embate no qual construções e representações são formadas/modificadas – esta dissertação propõe o estudo das representações do Brasil durante a Copa do Mundo 2014 pelo *The Guardian*, jornal inglês de prestígio mundial e de grande tradição na cobertura internacional. Utilizando autores como Stuart Hall, Raymond Williams, John B. Thompson e Douglas Kellner para suporte teórico e a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin para suporte metodológico, o objetivo é verificar quais as representações do Brasil e dos temas brasileiros que têm mais destaque na mídia internacional (sendo estes 1-aspectos culturais; 2-aspectos políticos; 3-aspectos sociais; 4-impressões sobre a Copa e 5-relação do Brasil e brasileiros com o futebol) em um momento em que os holofotes globais estão voltados para ele, além de confirmar se existe alguma inter-relação entre a visão do jornal sobre a edição 2014 da Copa do Mundo e a imagem que o veículo faz do país.

Os resultados mostram que, apesar do uso de repórteres e correspondentes *in loco* (muitos fugindo propositalmente do foco esportivo) e da abundância de fontes locais de informação, o Brasil se destaca por seus problemas sociais e ainda é um país incompreendido pela sua complexidade política, cultural, econômica e social, levantando, assim, temas binários recorrentes, por exemplo, a desigualdade entre ricos e pobres, a paixão pelo futebol x a insatisfação com a organização da Copa, contrastes entre regiões, ambivalência entre a população calorosa hospitaleira contra torcedores violentos e polícia repressiva, entre outros, reafirmando a diversidade de representações às quais o país é passível. Constatou-se também que a equivalência entre a imagem da Copa do Mundo 2014 e a do Brasil veiculadas no jornal existe, já que características encontradas na representação da primeira condizem com o que se fala sobre o país e seus temas mais destacados. Os dados finais também expõem o potencial do megaevento esportivo de tanto proporcionar novas leituras sobre o país-sede quanto ofuscá-las devido ao envolvimento da mídia com a festa mundial do futebol.

Palavras-chave: jornalismo internacional; The Guardian; Brasil; Copa do Mundo; representações.

VIEIRA, Maria Carolina Silva Rocha. **The Brazil that is not really like this: Brazil's representations at The Guardian news coverage during the 2014 Soccer World Cup.** 2016. 130f. Dissertation (Master's Program in Communication) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

ABSTRACT

As an European colonized land, Brazil has had since its birth not only its image, but also its own identity sense influenced and built by foreign narratives, starting with the colonizers, going through travelers and reaching today with all the forms of international journalism. Besides its connection to Brazil for the country's historical relationship with soccer, the World Cup, in turn, because of the media mega-event features has the potential (and intention) to leave as legacy some projections on its host nation representations.

Taking for action scenario the international journalism in a globalized context and as base the British Cultural Studies – that understand culture as way of life and a battlefield on which framing and representations are made/changed – this project intends to study the Brazil representations constructed during the 2014 World Cup by *The Guardian*, English newspaper of global prestige and with big tradition in international coverage. Using authors such as Stuart Hall, Raymond Williams, John B. Thompson and Douglas Kellner for theoretical support and Laurence Bardin's Content Analysis for methodological support, the purpose is verify what are the representations of Brazil and of the most highlighted Brazilian themes in international media (being them 1-cultural aspects, 2-political aspects, 3-social aspects, 4-impressions about the Cup and 5-relation between Brazil and Brazilians with soccer) while global spotlights are turn to the country, besides to confirm if there is any correlation between the newspaper view about the 2014 edition of the World Cup and the Brazil image sold by it.

The results shows that, even with the use of in locus reporters and correspondents (many distancing themselves intentionally of the sports focus) and the abundance of local information sources, Brazil gets attention for its social problems and is still an uncomprehend country for its political, cultural, economic and social complexity, raising recurrent binary themes. For example: inequality between rich and poor, passion for soccer x dissatisfaction with the World Cup organization, differences among the country's regions, ambivalence between the warm and welcome population against the violent crowd and repressive police, among others, reassuring its diversity of representations. It is also found that there is an equivalency between the World Cup 2014 image and Brazil's conveyed on the newspaper, by the means the observed features on the representation of the tournament match with what was written about the country and its most highlighted aspects. The final data also exposes the potential of the megaevent in both afford new lectures about its host nation or overshadow them because of the media participation at the worldwide soccer feast.

Key-words: international journalism, The Guardian, Brazil, World Cup, representations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matérias analisadas do período pré-Copa do Mundo (29 de maio a 11 de junho de 2014)	66
Quadro 2 – Matérias analisadas do período da Copa do Mundo (12 de junho a 13 de julho de 2014)	67
Quadro 3 – Matérias analisadas do período pós-Copa do Mundo (14 de julho a 20 de julho de 2014)	69
Quadro 4 – Matérias constituintes da categoria “Aspectos culturais”	70
Quadro 5 – Matérias constituintes da categoria “Aspectos políticos”	71
Quadro 6 – Matérias constituintes da categoria “Aspectos sociais”	71
Quadro 7 – Matérias constituintes da categoria “Impressões sobre a Copa”	72
Quadro 8 – Matérias constituintes da categoria “Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol”	72
Quadro 9 – Relação de unidades de registro adjetivas referentes a Brasil	78
Quadro 10 – Unidades de registro adjetivas referentes às cidades-sede	83
Quadro 11 – Relação de unidades de registro referentes a Aspectos culturais	86
Quadro 12 – Relação de unidades de registro referentes a Aspectos políticos	89
Quadro 13 – Relação de unidades de registro referentes a Aspectos sociais	91
Quadro 14 – Relação de unidades de registro referentes a Impressões sobre a Copa	96
Quadro 15 – Relação de unidades de registro referentes a Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	100
Quadro 16 – Relação de unidades de registro adjetivas referentes a Copa do Mundo	105
Quadro 17 – Relação de palavras em português nas matérias analisadas	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias de análise	69
Tabela 2 – Quantidade de unidades de registro das categorias de análise e média por matéria ..	74
Tabela 3 – Recorrência da unidade de registro “Brasil” por categoria de análise	75
Tabela 4 – Recorrência da unidade de registro “Brasil” em títulos e linhas finas por categoria de análise	76
Tabela 5 – Unidades de registro substantivas referentes a Brasil	77
Tabela 6 – Unidades de registro adjetivas referentes a Brasil	78
Tabela 7 – Unidades de registro referentes a Aspectos culturais	85
Tabela 8 – Unidades de registro referentes a Aspectos políticos	89
Tabela 9 – Unidades de registro referentes a Aspectos sociais	91
Tabela 10 – Unidades de registro referentes a Impressões sobre a Copa	95
Tabela 11 – Unidades de registro ref. a Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	99
Tabela 12 – Recorrência da unidade de registro “Copa do Mundo” por categoria de análise ..	102
Tabela 13 – Recorrência da unidade de registro “Copa do Mundo” em títulos e linhas finas por categoria de análise	103
Tabela 14 – Unidades de registro substantivas referentes a Copa do Mundo	104
Tabela 15 – Unidades de registro adjetivas referentes a Copa do Mundo	104
Tabela 16 – Recorrência de fontes nas matérias analisadas	107

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Relação de autores das matérias analisadas	120
Anexo 2 – Títulos originais em inglês e links de acesso das matérias do jornal <i>The Guardian</i> analisadas	121
Anexo 3 – Frases em inglês e traduzidas (pelo jornal <i>The Guardian</i>) presentes na matéria “Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e se desculpar em português”, do dia 3 de junho de 2014	125
Anexo 4 – Lista completas das fontes de informação usadas pelo <i>The Guardian</i>	127

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O cenário globalizado no jornalismo internacional: expectativas, desafios e influências	14
1.1. Reflexos da globalização no jornalismo	14
1.2. Desafios e expectativas no jornalismo do século XXI	17
1.3. O que é notícia no jornalismo internacional?	21
1.4. Rumos e alternativas diante do cenário contemporâneo	25
2. Uma perspectiva cultural sobre as representações	27
2.1. Conceitos de cultura: da antropologia a Raymond Williams	28
2.2. Cultura como protagonista nos Estudos Culturais Britânicos	32
2.3. Identidade e representação: o olhar sobre o mundo e sobre si mesmo	35
2.4. Identidade brasileira: do olhar estrangeiro a uma busca nacional	38
3. Brasil e Copa do Mundo: uma construção midiática	46
3.1. Representações recorrentes sobre o Brasil na mídia internacional	46
3.2. Copa do Mundo e megaeventos esportivos como fenômenos midiáticos	50
3.3. Cronologia: trajetória do Brasil na Copa do Mundo 2014	53
4. Metodologia	57
4.1. Percurso metodológico	57
4.2. Objeto de pesquisa	61
4.3. <i>Corpus</i> de pesquisa	65
4.4. Questões de pesquisa e categorias de análise	69
5. Representações do Brasil no <i>The Guardian</i>	75
5.1. O Brasil no <i>The Guardian</i>	75
5.2. Aspectos culturais	85
5.3. Aspectos políticos	88
5.4. Aspectos sociais	90
5.5. Impressões sobre a Copa	95
5.6. Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	99
5.7. Ligações e influências: representação da Copa do Mundo 2014 sob a perspectiva das representações do Brasil	102
5.8. Adendo 1 – fontes	107
5.9. Adendo 2 – palavras em português	109
Considerações finais	112
Referências	116
Anexos	120

INTRODUÇÃO

Enxergando a importância das narrativas estrangeiras e da mídia para a construção da imagem internacional de um país e, em um fluxo indireto de influências, no próprio senso de identidade de uma nação, esta dissertação visa o estudo das representações do Brasil no jornal inglês *The Guardian*, veiculadas durante a cobertura da Copa do Mundo 2014, megaevento esportivo que teve como local de realização o próprio país objeto de estudo. Por meio da utilização da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), o objetivo principal é verificar quais as representações do Brasil e dos temas brasileiros que mais se destacaram na mídia internacional no período (tendo sido determinados que eles são cinco: 1-aspectos culturais; 2-aspectos políticos; 3-aspectos sociais; 4-impressões sobre a Copa e 5-relação do Brasil e brasileiros com o futebol) em um momento em que os holofotes globais estavam voltados para ele, além de confirmar se existe alguma inter-relação entre a visão do jornal sobre a edição 2014 da Copa do Mundo e a imagem que o veículo faz do país. Para cumprir tal proposta, a dissertação está organizada em cinco capítulos: três teóricos, cada qual com um foco distinto, porém necessário para o embasamento dos capítulos posteriores; um metodológico e de descrição do objeto, *corpus* e categorias de análise; e um último que conta com a análise propriamente dita.

Considerando que, ao analisar um veículo de mídia, é impossível separá-lo da estrutura que o faz funcionar, tampouco das características inerentes à sua realidade editorial, o primeiro capítulo é centrado no levantamento de referências sobre o jornalismo atual e seus pormenores que possam estar relacionados ao *The Guardian*, retratando, assim, o cenário globalizado do jornalismo internacional. Aborda-se o fenômeno da globalização e suas influências nas transformações na rotina diária do jornalismo. Obras como *A mídia e a modernidade* (THOMPSON, 2005) e *A globalização da comunicação* (MATELLART, 2000) acabam por ser fundamentais para o entendimento de tais transformações. Em seguida, retrata-se, levando em consideração o citado cenário globalizado, os desafios e as perspectivas do jornalismo no século XXI. São utilizados como referências centrais autores como Nelson Traquina (2005), Érik Neveu (2006) e a dupla americana de jornalistas Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003). É importante trazer esta contextualização mais ampla, pois é por meio dela que é possível vislumbrar os princípios, as rotinas e as dificuldades que guiam o fazer do jornalismo diário. Por fim, também busca-se traçar um panorama do jornalismo internacional, assim como o que é notícia dentro de seu rol de atuação. Dessa forma, passa-se pelos critérios de noticiabilidade determinantes nesta editoria, assim como

seu histórico, a atuação dos correspondentes, seu público, entre outros itens, que utilizaram a obra *Jornalismo Internacional*, de João Batista Natali (2004) como referência central.

O segundo capítulo parte para a teorização acerca de conceitos como identidade, cultura e representações, já que o objeto de estudo é, em si, a representação midiática feita a partir da visão de um jornal estrangeiro sobre o nosso país, no recorte de um evento esportivo específico. Optou-se, assim, por seguir a dissertação sob a luz dos Estudos Culturais Britânicos, pois seria essa corrente teórica a que mais daria conta de elucidar as questões levantadas, principalmente se levarmos em consideração que representações são, em sua essência, embates culturais. Aqui, os autores centrais de referência são Raymond Williams (1992) e Stuart Hall, tanto com a obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2002) quanto com os textos encontrados em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2009), ainda que outros, como Néstor García Canclini (2005), Douglas Kellner (2001) e, mais uma vez, John B. Thompson (2005) também sejam relevantes. Este capítulo também traz um histórico da construção da identidade brasileira, começando pelos relatos de estrangeiros até chegar aos intelectuais brasileiros que se empenharam em encontrar uma “marca nacional” da nação, como Gilberto Freyre (2003), Sérgio Buarque de Holanda (2003) e Roberto DaMatta (1986).

O terceiro capítulo teórico tem como propósito, a partir das construções da identidade brasileira abordadas anteriormente, dissecar as representações recentes sobre o Brasil na mídia internacional, utilizando como exemplo pesquisas que, assim como esta dissertação, tiveram como objeto de estudo publicações do exterior. Ainda é contextualizado o que são megaeventos esportivos e como, pela atuação da mídia, também se transformam em construções mediatizadas. O último subitem do capítulo, por fim, conta com uma breve linha cronológica de fatos e eventos referentes à trajetória do Brasil na Copa do Mundo 2014, para contextualizar o leitor sobre os principais acontecimentos que foram veiculados e que podem ser necessários para compreensão da análise que vem a seguir.

O quarto capítulo se constitui da parte metodológica do trabalho, explicando de que maneira a Análise de Conteúdo foi utilizada na pesquisa, assim como justifica a escolha do jornal *The Guardian* como objeto de estudo, o recorte de matérias analisadas como *corpus* de pesquisa e sua posterior divisão em cinco categorias de análise. Com isso em mãos, podemos partir para o crucial capítulo cinco no qual a análise das representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal inglês é feita seguindo a metodologia proposta e, a partir dela, os resultados explanados nas considerações finais são obtidos e justificados.

A realização da Copa do Mundo no Brasil foi um momento histórico, tanto para os país como um todo quanto para o jornalismo. Na última vez em que foi realizada em terras brasileiras, em 1950, os modelos midiáticos eram extremamente diferentes e o futebol, em si, estava em outra fase de sua existência. Sua realização é, inclusive, significativa além do espectro nacional, afinal, é a primeira vez no século XXI que o evento chega ao berço do time que mais ganhou Copas do Mundo na história. Dessa forma, os resultados desta dissertação possibilitam não só destacar a relevância do tema futebol para os brasileiros, mas ainda observar a influência dos meios de comunicação na construção de uma imagem global do Brasil e levantar informações atuais sobre a maneira como o país vem sendo retratado na mídia internacional. É importante exaurir academicamente e “tirar proveito” deste evento único em termos de estudos midiáticos, já que ele pôde proporcionar um lugar de evidência mundial ao Brasil que dificilmente será repetido, para trazer novos olhares e também atualizar pesquisas já feitas sobre o tema (a representação do Brasil no *The Guardian* e/ou na mídia), futuramente promovendo possíveis estudos comparativos e que tracem um quadro evolutivo do Brasil segundo os jornalistas estrangeiros, além de dar informações aprofundadas sobre o retrato do Brasil no exterior, ferramenta fundamental para vários setores de trabalho, tanto no mundo acadêmico quanto fora dele.

. O CENÁRIO GLOBALIZADO NO JORNALISMO INTERNACIONAL: EXPECTATIVAS, DESAFIOS E INFLUÊNCIAS

Nunca antes se teve o mundo tão ao alcance das mãos: basta entrar numa página qualquer de notícias para ter acesso desde números da economia nacional até fatos no Oriente Médio ou atos políticos nos Estados Unidos, passando pelos resultados da rodada de esportes na Europa ou as tendências de moda no Japão. Com uma Copa do Mundo não seria diferente. Embora realizada no Brasil, ela não é apenas um evento esportivo, mas também – e majoritariamente – um evento midiático global.

Ao estudar a cobertura jornalística sobre o Brasil, país-sede da Copa do Mundo 2014, é imprescindível entender a quais dinâmicas esta cobertura está sujeita, assim como em qual contexto está inserida. Neste primeiro capítulo, busca-se trazer um panorama geral da situação do jornalismo e do jornalismo internacional hoje, levando em consideração como a realidade cada vez mais globalizada e regida por interesses alheios aos ideais jornalísticos atua nas funções e potencialidades da mídia, assim como no “fazer jornalismo”.

1.1. Reflexos da globalização no jornalismo

Miller (2011), em seu trabalho sobre cidadania cultural, diz que, à medida que a globalização impõe e convida à mobilidade, prolifera o intercâmbio de práticas culturais – muitas vezes, guiado pela mídia – como se cada vez existissem mais indivíduos e organizações transnacionais. Neste cenário, a emergência de uma cidadania global é inevitável. Enquanto algumas linhas de pensadores tomam esta tendência como a decadência da tradição e das identidades nacionais, outras a consideram a celebração da diferença, sem contar os que simplesmente a focalizam como um novo nicho mercadológico. Divergências à parte, o fato é que a globalização é um fenômeno intrínseco ao nosso tempo e já reflete na relação indivíduo x mundo.

A formação da globalização como característica organizacional do mundo remete ao século XIX, porém, ela é um fenômeno típico do século XX, já que foi durante esse período que “o fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular e penetrante da vida social” (THOMPSON, 2005, p. 208). Podemos considerar o conceito que vê a globalização como a “crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo, um processo que deu origem às formas complexas de interação e interdependência” (THOMPSON, 2005, p. 197). Dessa forma, segundo o autor, o fenômeno só surgiria quando atividades que envolvem algum grau de reciprocidade e interdependência acontecem e são

organizadas numa arena global. Já Hall (2002, p. 67), afirma que globalização se refere aos processos que tornam o mundo mais interconectado e foca em suas consequências.

Uma destas consequências, a compressão do espaço-tempo, tem reflexos diretos na prática jornalística. Segundo o autor, a aceleração dos processos globais, com os quais há a impressão de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, faz com que “os eventos de um determinado lugar tenham um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2002, p. 69). Além disso, essa disjunção entre o espaço e o tempo possibilita a simultaneidade, com a qual se pode experimentar eventos simultâneos que acontecem em lugares completamente distintos, desconectando o sentido de “agora” de uma determinada localidade, (THOMPSON, 2005, p. 58). Muda também a relação entre espaço x lugar: enquanto o lugar permanece fixo, “o espaço pode ser cruzado num piscar de olhos” (THOMPSON, 2005, p. 72) – ou melhor, em um clique. Ocorrem agora, como parte da mudança destas relações, os eventos globais, que são “acontecimentos catárticos que reúnem em torno de si notícias, reportagens e programas, os públicos nacionais e locais os mais diversificados” (MATTELART, 2000, p. 158).

Ainda que encolha distâncias e aumente o acesso a realidades distintas, a globalização não é um processo que ocorre de forma uniforme. Para Hall (2002, p. 80), a globalização é “desigual e tem sua própria geometria de poder”. É o que Canclini (2005, p. 32) também aponta como a submissão das manifestações culturais aos valores de mercado, ou seja, a substituição de cidadãos por consumidores. Em uma sociedade baseada nestas regras, não importa o quão interconectadas se encontrem as nações, manda quem tem maior poder econômico. E as perspectivas não seriam muito animadoras para certos autores. Pousa (2004) acredita que os agentes da globalização “buscam rentabilizar ao máximo seu objetivo básico, que é alcançar um controle absoluto (...) criando assim condições para que se produza uma primeira grande fragmentação social: a dos consumidores” (POUSA, 2004, p. 72). Já Mattelart (2000, p. 62) vê, decorrente da interdependência mundial, uma uniformização da cultura planetária, claro que comandada pelas nações ocidentais de primeiro mundo. Canclini (2005) não é mais otimista ao constatar que as pessoas se sentem, hoje, mais consumidoras do que cidadãs, muito porque as respostas de perguntas próprias dos cidadãos, por exemplo, “a que lugar pertencem” ou “como posso me informar”, atualmente são respondidas através do consumo de bens privados e dos meios de comunicação de massa. Contudo, a própria imprensa também não se encontra isenta dos reflexos da globalização.

A globalização impõe à mídia o papel de mostrar o mundo “sem fronteiras” ao seu público. Thompson (2005, p. 61) fala, inclusive, de uma “mundanidade mediada”, já que

nossa compreensão do mundo fora do nosso alcance pessoal estaria sendo modelada cada vez mais pelas formas simbólicas construídas pela mídia. A fim de cumprir esse suposto papel, Mattelart (2000, p. 37-44) chega a listar algumas utopias em relação à comunicação universal, entre elas a associação universal de homens em busca de um mesmo objetivo; o encurtamento não só entre distâncias, mas entre uma classe e outra, graças à interligação de redes; a propagação de ideias pelas redes sociais; e a superação das desigualdades entre classes, grupos e nações. Porém, os efeitos de uma comunicação globalizada são muito mais profundos e bem menos utópicos do que os abordados pelo autor.

A começar que “a globalização da comunicação no século XX é um processo dirigido principalmente por atividades de conglomerados de comunicação em grande escala” (THOMPSON, 2005, p. 209) que, ao mesmo tempo em que organizam suas atividades baseados em estratégias efetivamente globais, também promovem uma fragmentação de seu público “a fim de competir em todas as partes e com todos os tipos de suporte, o que obriga a criar sinergias midiáticas, que vão contra a diversidade de conteúdo” (POUSA, 2004, p. 73). Além disso, embora o desenvolvimento de novas tecnologias expanda o mercado global e crie uma arena internacional de circulação de produtos da mídia, existem um acesso e um fluxo desiguais de informação:

O material produzido em um país é distribuído não apenas no mercado doméstico, mas também – e em níveis sempre crescentes – no mercado global. Já é sabido, entretanto, que o fluxo internacional dos produtos da mídia é um processo estruturado no qual certas organizações detêm o controle predominante, levando algumas regiões do globo à extrema dependência de outras para o suprimento de bens simbólicos. (THOMPSON, 2005, p. 212).

Estas características, somadas à cultura do efêmero e da velocidade, levam a uma sensação de caos, com a qual os indivíduos não conseguem entender e se comunicar com o mundo à sua volta. Tampouco o jornalismo tem a capacidade de encarar a complexidade do mundo globalizado:

O modelo de jornalismo que emerge das ruínas do industrialismo (...) nunca poderá assim encarar os desafios de um mundo tão problematizado. Tampouco poderá desativar as causas que explicam desde a proximidade à grave deterioração que sofrem os meios, e muito menos reconquistar os valores que conformam a argamassa da democratização informativa. (POUSA, 2004, p. 78).

Assim, a globalização nos moldes atuais imporia “tirantias” à prática do jornalismo, que trariam consequências bastante específicas em sua prática, por exemplo, as citadas por

Pousa (2004, p. 78): a valorização da função consumista das audiências por cima de qualquer outra função ativadora; o surgimento do que o autor chama de distorções, como o infoentretenimento; o condicionamento do conceito de atualidade a apenas o que tem impacto visual ou emocional, o que também mostraria o poder de significação dado exclusivamente à imagem; a variação do tempo da informação, já que o que é instantâneo teria sempre mais valor. Em seguida, as consequências chegam à própria mensagem jornalística, seja ela local ou internacional, como continua Pousa (2004, p. 79), ao observar, entre tais consequências, a fragmentação da realidade em cenas soltas, sem dar importância ao contexto dos acontecimentos; a desestruturação e fragmentação do argumento, submetendo-o à leitura rápida; a espetacularização, contando mais com a capacidade emotiva do que com o valor de verdade; a dramatização, baseada no impacto que a mensagem pode fazer; a criação de mitos; a engenharia dos acontecimentos, ou seja, a fabricação de fatos noticiáveis; a obsessão pelo presente; a figuratividade, na qual contam as aparências dos fenômenos e suas manifestações visíveis, etc. Porém, mais do que a globalização, todas estas consequências também podem estar ligadas às mudanças do próprio jornalismo contemporâneo.

1.2. Desafios e expectativas no jornalismo do século XXI

Verdade, liberdade, independência, credibilidade e equilíbrio são algumas palavras que podem ser ligadas aos ideais do jornalismo clássico, aquele que nasceu com a aura de guardião dos cidadãos e da democracia. Traquina (2005) chega a citar a frase proferida por Thomas Jefferson de que “não há democracia sem liberdade de imprensa” ao listar os grandes valores do jornalismo. Os mais céticos diriam que este jornalismo não tem condições de existir no século XXI, era na qual as redações são comandadas pela lógica do mercado, a atualização frenética é prestigiada como qualidade editorial e os grandes conglomerados industriais ditam as regras do jogo. Os desafios são grandes, no entanto nota-se que os valores jornalísticos perseveraram em sua sobrevivência, principalmente entre aqueles que o exercem. Kovach e Rosenstiel (2003) fizeram um amplo estudo sobre os grandes princípios que norteiam a prática jornalística contemporânea, ouvindo os próprios profissionais da imprensa. O resultado é que, mais do que nunca, o fazer do jornalismo está ligado, pelo menos no campo ideológico, à democracia e à cidadania. Os autores listam nove elementos altamente presentes no conceito do que é jornalismo hoje, quais seriam suas obrigações e o que pode se esperar dele:

1- A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade. 2- Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3- Sua essência é a disciplina da verificação. 4- Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem. 5- O jornalismo deve ser um monitor independente do poder. 6- O jornalismo deve abrir espaço para crítica e o compromisso público. 7- O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante. 8- O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional. 9- Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003; p. 22, 23).

Se palavras como liberdade, verdade e compromisso público estão ainda tão presentes no imaginário da profissão, devem existir motivos para que hoje exista certa resistência em conferir ao jornalismo os valores que, em princípio, foram lhe tão inerentes.

Traquina (2005, p. 61) enxerga algumas tendências jornalísticas históricas comuns a diversos países, as quais ocorreram praticamente de forma cronológica: a expansão da imprensa; a sua crescente comercialização; um número crescente de pessoas que ganha a sua vida trabalhando nos jornais; e uma crescente divisão do trabalho no jornalismo, com uma também crescente especialização na profissão. Na primeira fase, que remete ao século XIX, é que se começa a moldar as funções da mídia que perdurariam, mesmo que sob o olhar de suspeita, até hoje. É já nesses primórdios que o jornalismo passa a ser chamado de “quarto poder” – não como uma forma de legitimar sua influência, mas como uma denominação para sua característica de guardião em uma sociedade que prezava cada dia mais a liberdade:

Os pais fundadores da teoria democrática têm insistido, desde o filósofo Milton, na liberdade como sendo essencial para a troca de ideias e opiniões, e reservaram ao jornalismo não apenas o papel de informar os cidadãos, mas também, num quadro de *checks and balances* (a divisão do poder entre poderes), a responsabilidade de ser o guardião (*watching*) do governo. Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia. (TRAQUINA, 2005, p. 22, 23).

Assim, o jornalismo encontra na opinião pública a justificativa para seu lugar crescente na sociedade, constituindo-se, então, não só como o elo entre cidadãos e instituições governantes, mas também como o guardião que “tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 31). Nasce aí sua finalidade primordial, fortemente ligada aos ideais democráticos, também apontada por Kovach e Rosenstiel (2003, p. 31), de “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernarem”. Segundo eles, os conceitos de jornalismo e comunidades democráticas são tão entrelaçados que é difícil até mesmo separá-los, utilizando-se inclusive do argumento de que “o jornalismo é tão fundamental para essa

finalidade que as sociedades que querem suprimir a liberdade devem primeiro suprimir a imprensa” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 32).

A história começa a mudar quando a teoria e a finalidade do jornalismo, tão duradouras até este ponto, são agora desafiadas de uma forma nunca antes vista (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 32). É que se chega à segunda fase do jornalismo, na qual industrialização e comercialização da mídia entram em cena. Devido principalmente à nova organização das empresas jornalísticas, o fazer jornalístico fica submetido a outros interesses e sua independência acaba dissolvida no meio da informação comercial e da autopromoção. Neveu (2006, p. 158) acredita que a expressão jornalismo de mercado “não designa a simples e velha obrigação de uma publicação de equilibrar seu balanço financeiro, mas um conjunto de evoluções pelas quais a busca de uma rentabilidade máxima vem redefinir a prática jornalística”. Já Thompson (2005, p. 110) considera a transformação das instituições de mídia em interesses comerciais de grande escala uma das três principais tendências desse ramo de trabalho desde o século XIX, ideia compartilhada também por Traquina (2005, p. 125). Este novo cenário acaba por criar uma polarização no jornalismo como campo de conhecimento, no qual o polo positivo está relacionado aos ideais clássicos da imprensa, identificando-o como elemento fundamental da teoria democrática, a qual diz que “o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos”, (TRAQUINA, 2005, p. 125-126). Já o polo comercial seria identificado como o negativo, embora seja ele que sustente economicamente as redações e empresas:

Para os jornalistas e para muitas vozes da sociedade, o polo negativo do campo jornalístico é o polo econômico, que associa o jornalismo ao cheiro do dinheiro e a práticas como o sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto que agarra os leitores/os ouvintes/a audiência, esquecendo valores associados à ideologia profissional. (Traquina, 2005, p. 27).

Com a entrada do caráter comercial no fazer jornalístico, era de se esperar que mudanças ocorressem em sua prática. É o que Traquina (2005) chama de *penny press* – o jornalismo vendido a centavos, afinal, quanto mais gente comprando, maior o lucro. Neveu (2006, p. 158) aponta algumas evoluções no dia a dia da profissão com a entrada do jornalismo de mercado, entre elas a prioridade dada às editorias julgadas mais propícias a maximizar os públicos, o aumento das *soft news* e a tendência da perda de autonomia das redações em face dos departamentos de gestão. Esta última, inclusive, propiciou uma relação cada vez mais rachada entre o departamento comercial e a redação. O resultado, além do

eterno embate entre repórteres e editores, é que, segundo Kovach e Rosenstiel (2003, p. 95), algumas práticas de negócios, contrárias aos melhores interesses jornalísticos e da população, passaram a ser usadas na redação.

Traquina (2005) ainda aponta outras mudanças oriundas do jornalismo de mercado, como o surgimento do infoentretenimento, a valorização do jornalismo de informação em detrimento do de opinião e o culto aos fatos, o que direciona as notícias aos acontecimentos por si só, esquecendo-se de contextos, causas e desdobramentos. Já Oliveira Filha e Moreira (2014), focando no jornalismo impresso, observam que, às transformações mercadológicas, somam-se as provindas de uma crise da própria linguagem escrita em relação à linguagem audiovisual, o que obriga o jornalismo – não só o impresso, mas também como campo propriamente dito – a se reinventar. De certa forma, a questão que fica é como balancear o inevitável caráter comercial e de constante mudança do jornalismo no século XXI com seus ideais de democracia, verdade e liberdade. Enquanto Neveu (2006, p. 168) chega a dizer que a legitimidade do próprio jornalismo é contestada devido a episódios que põem em xeque o respeito às suas regras deontológicas, Kovach e Rosenstiel (2003) defendem que a imprensa deve ser independente diante da ameaça dos conglomerados midiáticos:

Somente uma imprensa livre de censores governamentais pode contar a verdade. Num contexto moderno, essa liberdade expandiu-se de forma a significar independência de outras instituições também – partidos políticos, anunciantes, negócios e outras fontes. A conglomeração de negócios informativos ameaça a sobrevivência da imprensa como instituição independente, à medida que o jornalismo se converte em um setor subsidiário dentro das grandes corporações essencialmente voltadas para os negócios. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 53).

Assim, é possível ver tendências jornalísticas recentes, impulsionadas não só pelas novas tecnologias, mas também pelo esforço – ou até mesmo necessidade – de manter a credibilidade jornalística com um mínimo de reputação. Neveu (2006, p. 171) destaca algumas renovações no jornalismo contemporâneo, tais como o jornalismo de reportagem, por exemplo, que se constitui como uma resistência à dominação total do lucro sob o jornalismo voltado para os cidadãos. Kovach e Rosenstiel (2003, p. 51-52) ainda apostam em três forças causadoras do jornalismo ligado à construção da cidadania: a primeira seriam as novas tecnologias, que dissociaram o jornalismo da geografia e mudaram o papel do jornalista, já que este não decide mais o que o público deve saber, mas, sim, o ajuda a pôr “ordem nas coisas”; a segunda seria a globalização; e a terceira se daria com a conglomeração e surgimento de novas redes de notícias.

Seguindo lógicas comerciais e empresariais ou não, o jornalismo segue encontrando caminhos diante de novos desafios e tentando manter sua primeira lealdade com a missão de informar seu leitorado de forma íntegra, já que só “dessa maneira que nós, cidadãos, acreditamos numa empresa jornalística. É essa a fonte de sua credibilidade – a certeza de que não sofrem influência de terceiros” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 83). Além disso, os autores concluem afirmando que o jornalismo não está sozinho em suas batalhas diárias: os próprios cidadãos devem fazer parte da construção de uma mídia cada vez mais voltada para os princípios deontológicos tão celebrados no passado e ainda hoje prezados por seus profissionais, mesmo que mais fortalecida no campo ideológico do que no mercadológico. Assim,

Os jornalistas devem fazer com que o público participe do processo pelo qual são produzidas as notícias. (...). Dessa forma, o público se equipa com informação que lhe permite comparar com outras alternativas à mão. Mais importante ainda, o leitor passa a contar com uma base sobre a qual pode julgar se é esse mesmo tipo de jornalismo que quer estimular. Nesse sentido, os cidadãos passam também a ter algum tipo de responsabilidade no processo informativo. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003; p. 289).

1.3. O que é notícia no jornalismo internacional?

Enquanto o jornalismo segue buscando maneiras de lidar com as transformações do mundo contemporâneo, com a editoria internacional não poderia ser diferente. Embora a globalização traga maior sentido – e importância – a este setor especializado da mídia, ele é um dos que mais sofre as consequências do jornalismo de mercado: pouco rentável comercialmente e com um público seletivo, os investimentos provindos das empresas midiáticas diminuem ano após ano. Lins da Silva (2011), sintetiza bem tal dilema ao dizer que:

O início do século XXI, quando a globalização chega ao apogeu, é assim, contraditoriamente, o período em que a necessidade da atuação dessa categoria de jornalista é, em princípio, mais urgente e justificável, mas também em que ela se tem contraído como raramente antes, devido à impossibilidade de as empresas darem conta de seus elevados custos. (LINS DA SILVA, 2011, p. 10).

Mesmo com problemas em se sustentar financeiramente, contudo, o jornalismo internacional se mantém como uma editoria importante no quadro geral dos veículos de comunicação, muito pelo fato de que “publicar notícias sobre outros países sempre foi associado a prestígio para o veículo jornalístico que as divulgasse” (LINS DA SILVA, 2011, p. 25). Hohenberg (1981) observa que há bons sinais, pelo menos entre o público americano,

de que há mais pessoas seguindo o noticiário internacional, lembrando que o jornal *The New York Times*, mesmo fora de períodos de crise estrangeira, publica uma média de 16 a 18 colunas diárias de material referente ao contexto mundial. Natali (2004, p. 23) vai mais longe e chega a afirmar que o jornalismo nasceu internacional, já que, ainda nos formatos rudimentares do século XVII e XVIII, ele serviria basicamente como instrumento de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes. O autor remonta à formação deste segmento da imprensa, passando pelo papel das *newsletters* – já utilizada por banqueiros do século XVI para receber informações úteis aos negócios – e dos correios; pelo aumento do interesse do público em saber o que se passava fora de sua região – ele cita a Revolução Francesa como marco para a ampliação do espaço público de troca de ideias, ou o denominado “espaço de pauta” (NATALI, 2004, p. 26) – até chegar ao que ele chama de fase adulta do jornalismo internacional, iniciada durante a Guerra Civil americana, que foi acompanhada por nada menos do que 150 correspondentes de guerra.

É também a partir deste período, em meados do século XIX, que as agências de notícias entram no cenário midiático. Ainda hoje mantendo “suas posições de liderança no sistema internacional de coleta e disseminação de notícias e outras informações” (THOMPSON, 2005, p. 205), elas chegam para, como afirma Natali (2004, p. 31) dar visibilidade econômica ao noticiário internacional, já que distribuir centenas de textos a jornais que assinam seus serviços sai incomparavelmente mais barato do que um texto enviado por um correspondente, por exemplo. Porém, mesmo detentoras do crédito de exponenciar o jornalismo internacional, o autor ainda aponta certo apartidarismo como uma séria consequência da generalização dos serviços das agências. Generalização, aliás, que já é reflexo dos cortes de gastos nessa editoria: “não é uma postura ética, que isso fique bem claro. É uma postura de mercado. Como há clientes de diferentes orientações editoriais, nenhuma agência puxaria a azeitona para o lado de uma só empada”. (NATALI, 2004, p. 31).

Não se pode esquecer da importância do repórter inserido na produção de conteúdo para o noticiário internacional, tão envolto de particularidades que recebe outro nome: correspondente. O correspondente, “jornalista sediado em um país que não o seu de origem com a missão remunerada de reportar fatos e características dessa sociedade em que vive para a audiência da sua nação materna por meio de um veículo de comunicação” (LINS DA SILVA, 2011, p. 15), é por muitos considerado um orientador cultural:

É muito comum que ele se ache não apenas a elite da elite, mas também um guia das massas, influência fundamental no processo de decisões políticas, orientador cultural de seu público, formador de opiniões a respeito do país de que reporta.

Provavelmente ele é muito menos do que se imagina, embora naturalmente um pouco disso tudo a maioria realmente seja. (LINS DA SILVA, 2011, p. 118).

Além de carregar esta fatídica responsabilidade, é o correspondente internacional que precisa lidar com dilemas tão rotineiros quanto inerentes da editoria focada nas notícias estrangeiras. Entre eles, o risco de se nacionalizar no país em que se encontra sediado (LINS DA SILVA, 2011, p. 33), ou seja, pensar como suas fontes e não como seu público alvo; ou ainda outros, listados por Natali (2004), como o manejo de reclamações sobre o viés partidário na apresentação da notícia; o pouco acesso a fontes que estão na origem da informação publicada, já que este sofre intermediação de agências, consulados e comentaristas estrangeiros; e, claro, as limitações oriundas de trabalhar com uma língua estrangeira.

Além disso, o correspondente não fica ileso das restrições financeiras das empresas midiáticas, o que acaba exigindo uma maior qualificação destes já especialistas. Uma saída mais drástica, mas, ainda assim, cada vez mais frequente, é o corte do repórter alocado em outro país, que vem a ser substituído por profissionais que trabalham direto da redação. Mesmo que pareça uma troca desfavorável ao noticiário internacional, que não terá olhos *in loco* para cobrir os fatos, Natali consegue ser otimista graças ao que ele chama de revolução trazida pela internet:

Ela fez com que o redator abandonasse seu papel passivo diante dos telegramas das agências. Deu a ele um poder de intervenção inimaginável na elaboração mais pessoal de um texto noticioso. (...) Vejam que o uso da internet não substitui a existência de uma boa rede de correspondentes. Mas a falta dessa boa rede é em parte compensada por profissionais familiarizados com os múltiplos recursos disponíveis na rede mundial de computadores. (NATALI, 2004, p. 57-59).

Diante de certas mudanças no jornalismo internacional, como as causadas pela influência dos cortes de orçamento, pela adaptação à realidade mercadológica e pelas novas funções atribuídas a quem está por trás do teclado que redige seus textos, ao menos uma característica permanece praticamente intacta: sua gigantesca guilhotina da notícia. É a maneira de Natali (2004, p. 10) de dizer que nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção noticiosa. Ele também logo refuta esta ideia de seleção como sinônimo de censura, já que ela seria baseada em critérios claros de noticiabilidade:

Nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixada de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam

virando notícia porque interpelam a mitologia de nosso mundo cotidiano. (NATALI, 2004, p. 12).

Tal afirmação nos leva, então, à teoria do *gatekeeper*, para a qual o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” (TRAQUINA, 2005), sendo tais portões as áreas de decisão nas quais o jornalista escolhe se a informação é ou não notícia. Porém, ao contrário do que o autor acredita ser um processo subjetivo e arbitrário, baseado em um conjunto de experiências, atitudes e expectativas do próprio *gatekeeper*, o jornalismo internacional segue um mínimo de padrão quando se refere aos valores-notícia, que seriam “qualidades atribuídas, pelo jornalista, ao acontecimento, que permitem que o fato seja incluído na lista dos noticiáveis” (MURAD, 2002, p. 4). Tais valores-notícias, tanto na editoria internacional como no jornalismo como um todo, podem ser enxergados como parte da cultura jornalística, como afirma Moreira (2006):

Os valores-notícia não são naturais, mas fruto da cultura jornalística e de uma intenção prévia, e esta pode originar-se em um nível pessoal, organizacional, social, econômico, ideológico, etc. Tanto os sujeitos como as rotinas e também certos segmentos sociais, por exemplo, são agentes de valoração e construção das notícias. (MOREIRA, 2006, p. 40).

Diante destas constatações sobre o que determina a transformação de um fato em notícia, quais seriam, afinal, os grandes valores-notícias que norteariam o jornalismo internacional na comunicação contemporânea? O primeiro fator a se considerar é o leitorado dessa editoria. Natali (2004) afirma que o leitor desta editoria faz parte de um segmento minoritário, metropolitano e mais bem informado do público, o que conseqüentemente o faz mais exigente. Lins da Silva (2011) complementa ao dizer que, embora não seja massivo, esse leitorado, em grande parte, comanda os rumos da sociedade.

Outro fator específico a ser ressaltado, e citado por Natali (2004) é a acessibilidade, tanto geográfica quanto editorial, à notícia. Países de difícil acesso ou com liberdade de informação muito restrita dificilmente chegam aos meios de comunicação. Partindo para os valores-notícia clássicos do jornalismo, é presumível que eles também estejam presentes na editoria internacional. Porém, o contexto globalizado e cada vez mais multimídia das comunicações acaba influenciando e trazendo mudanças mesmo a esse quesito. Critérios de noticiabilidade como importância, interesse, brevidade, qualidade da história, uma composição equilibrada do noticiário, material visual disponível, exclusividade, entre outros listados por Murad (2002) são acompanhados por fatores que chegam com destaque nos dias

de hoje: a atualidade – trazida pelo aumento da velocidade provinda das tecnologias digitais, faz com que se busque o encurtamento do tempo entre o transcorrido e a publicação da notícia, mas também resulta em certa negligência com a apuração dos fatos – e a frequência, que se caracteriza pela atualização constante das informações, a fim de “promover sua audiência por meio de uma continuidade da cobertura informativa” (MURAD, 2002, p. 6).

Por último, mas não menos importante, vemos hoje com certa frequência no jornalismo internacional um embate entre o interesse público (com significado político, social, cultural...) e o interesse do público (aquilo que pode despertar curiosidade). Reflexo da predominância do jornalismo de mercado, vê-se que, na maioria das situações, o interesse do público acaba ganhando, já que “a pressão do mercado e da concorrência impõe, muitas vezes, na prática, a subvalorização da importância, isto é, a subordinação do interesse público ao interesse do público” (BIANCHI e HATJE, 2006, p. 174).

Assim, a partir desse histórico, características e critérios de seleção é que se molda o jornalismo internacional hoje: embora passando pelas mesmas mudanças e obstáculos do jornalismo em geral, consegue visualizar que tem um papel fundamental – ainda que dependente de fatores mercadológicos e editoriais – em “transformar cidadãos nacionais em cidadãos globais” (LINS DA SILVA, 2011, p. 10), transformação necessária em um cenário que, segundo o autor, exige cada vez mais que as pessoas estejam informadas, especialmente sobre o que acontece além de suas próprias fronteiras.

1.4. Rumos e alternativas diante do cenário contemporâneo

Ao abordar os aspectos midiáticos atuais, partindo das influências da globalização não só na estrutura da mídia, mas na prática jornalística em si, passando pelo cenário do jornalismo como um todo e finalizando nas especificidades da editoria internacional, pode parecer que, no quadro geral, os desafios se sobreponham às certezas. O desenvolvimento de tecnologias, a configuração mercadológica das empresas de comunicação e a nova configuração do mundo como uma arena interligada de culturas e conhecimento – nem sempre tão equilibrada em seus fluxos – transformam as funções e as maneiras de agir no jornalismo. As transformações podem ser tão profundas que Ramonet (2003) chega a dizer que o aclamado quarto poder da mídia, ligado à função de guardião da verdade e democracia, não tem mais espaço na sua realidade de conglomerados midiáticos globais e, até mais, que seus atores nem possuem mais a pretensão de cumprir tal papel.

Entre encarar mudanças como crise ou oportunidade, é preferível seguir pelo segundo caminho, o da oportunidade. Thompson (2005) afirma que o dever da mídia nas

transformações culturais é agir como uma multiplicadora de mobilidade, superando qualquer limitação imposta pelas características dominadoras dos grandes grupos, do jornalismo de mercado e até mesmo da globalização, estimulando a capacidade dos indivíduos de “imaginar alternativas às formas de vida características de seus locais imediatos” (THOMPSON, 2005, p. 245). A ideia segue a mesma linha do que defende Pousa (2004), ao chamar atenção para o potencial integrador de conhecimento dos meios de comunicação. Ramonet (2003) fala até de um quinto poder, este exercido pelos cidadãos com a função “de denunciar o superpoder dos grandes meios de comunicação, dos grandes grupos da mídia, cúmplices e difusores da globalização liberal”, destacando que, na sociedade ultraconectada, os indivíduos podem e devem, cada vez mais, participar – seja apontando falhas, seja produzindo e interagindo com conteúdo – dos processos do “fazer notícia”.

Diante dos desafios atuais e sejam quais forem os futuros, é certo que a imprensa e seus representantes vivem um contínuo caminho de adaptações, ora apostando no que já é sólido, ora se lançando para o desconhecido, para se adequar a um mundo cada vez mais globalizado e subordinado às leis do mercado, mas também mais interessante, imprevisível, dinâmico e com um público muito mais ativo. Dessa forma e seguindo a perspectiva de que os meios de comunicação não se perderam entre cifrões, velocidade sem fundamentação ou preponderância total dos agentes do mercado – o que, de certa forma, foi provado por Kovach e Rosenstiel (2003), ao constatarem que valores clássicos do jornalismo ainda estão extremamente presentes no imaginário dos profissionais das redações – o resultado seria um jornalismo de significação, “que é o modelo em que se vai fundamentar as estratégias de resistência e de alternativa a quanto desnaturaliza as funções sociais e culturais dos meios e jornalistas profissionais” (Pousa, 2004, p. 80). Seria, então, tanto o resultado quanto também uma possível alternativa para qualquer maior obstáculo que venha a aparecer na rota, tão bifurcada quanto inevitavelmente permanente, rumo ao futuro do jornalismo democrático e plural.

2. UMA PERSPECTIVA CULTURAL SOBRE AS REPRESENTAÇÕES

Quando falamos de ideias divulgadas em um veículo midiático, relacionadas a um país e seus habitantes, não estamos falando puramente de tal nação e tal povo, mas sim de uma cultura. A cultura se manifesta em todo lugar e a qualquer momento, seja em um simples gesto ou em um idioma, seja em costumes ou em complexos conjuntos de conceitos sobre determinado objeto. Para Williams (1969, p. 305), ela “constitui um esforço para compreender, interpretar e apreciar, em seu todo, a mudança em curso. É toda forma comum de viver que estava a ser modificada”. A cultura, muitas vezes, desafia nossa observação, já que inevitavelmente, como observadores, estaremos inseridos em uma ou diversas culturas. Ela está presente no nosso olhar, na maneira que tal olhar foi construído e também nos direcionamentos que ele toma para enxergar o mundo. A mídia, por sua vez, é uma instituição capaz de mostrar determinados olhares sobre os mais variados temas, sempre por meio de representações. É o que Thompson (2005) também chama de poder cultural ou simbólico dos produtos midiáticos.

O primeiro capítulo focou nas dinâmicas práticas que constroem uma cobertura jornalística, assim como no contexto em que ela ocorre. Para continuar a estudar as representações do Brasil contidas no jornal inglês *The Guardian*, no recorte da Copa do Mundo 2014, é importante agora passar dos aspectos jornalísticos para outros conceitos: cultura, identidade e representação midiática. A última é o foco deste trabalho, capaz de determinar o que entendemos do mundo, dos outros e de nós mesmos, o que nada mais é do que um apanhado de identidades possíveis e construídas. Adiante, o conceito de identidade obrigatoriamente passa pelo estudo de cultura, já que qualquer identidade deve ser apreendida dentro de um contexto cultural. Aqui, por cultura entendemos modo de vida, “não apenas a maneira de encarar a totalidade, mas ainda a maneira de interpretar toda a experiência comum e modificá-la (WILLIAMS, 1969, p. 20) – ideia resgatada dos antropólogos, reformulada pelo britânico Raymond Williams e a qual deu origem aos Estudos Culturais Britânicos, escola teórica que fundamenta este trabalho. A escolha por essa linha de pensamento deve-se tanto ao seu protagonismo na pesquisa dos conceitos relevantes neste capítulo quanto à sua abordagem multidisciplinar da cultura e da mídia, levando sempre em consideração seu potencial ambíguo de perpetuar a dominação de certos grupos, mas também proporcionar ferramentas para resistir a eles. Por fim, este capítulo também traz um histórico de como a identidade brasileira foi construída por meio de representações, primeiro oriundas de relatos

estrangeiros, depois vindas dos próprios estudiosos nacionais, mostrando como estas podem oscilar de acordo com o momento ideológico e as estruturas culturais vigentes.

2.1. Conceitos de cultura: da antropologia a Raymond Williams

Se atentarmos aos significados atribuídos a cultura em um dicionário comum – o Michaelis, por exemplo – poderemos perceber que são listadas mais de quinze opções. A primeira descreve cultura como “ação, efeito, arte ou maneira de cultivar a terra ou certas plantas”; a décima como “adiantamento, civilização”. Embora hoje significados tão distintos convivam pacificamente, houve um tempo em que existiam intensas discussões para defini-los. Foi no final do século XVIII, no auge do iluminismo, que o termo cultura evoluiu do status de ação (cultivar) para o de estado, o de ser (CUNHA, 2010, p. 24). Neste estágio, Edward Tylor sintetizou o termo germânico *Kultur*, que se referia aos aspectos espirituais de uma comunidade, à palavra francesa *Civilization*, que dizia respeito às realizações materiais de um povo, formando o vocábulo inglês *Culture*, que, por sua vez, seria um “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 1986, p. 25). A partir daí, estavam abertas as rodadas de teorias sobre o que definiria cultura.

Entre ideias originais, refutadas ou esquecidas, algumas permanecem trazendo contribuições para os estudos atuais sobre cultura. Antes mesmo da definição de Tylor de cultura como aprendizado, John Locke, no fim do século XVII, foi um dos primeiros a abordar o processo de endoculturação, ou seja, a refutar que princípios ou verdades são inatos e podem ser impressos hereditariamente, defendendo que “a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento” (LARAIA, 1986, p. 26). Alfred Kroeber também afirmou, posteriormente já nos primeiros anos do século XX, que o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, sendo “um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 1986, p. 45). Kroeber chega a defender que a capacidade de obter conhecimento do meio em que vive é, inclusive, o que define o ser humano como espécie, já que seríamos os únicos seres possuidores de cultura.

Estudando o tema por mais de quarenta anos e sendo um dos fundadores da Associação Antropológica Americana, em 1902, as contribuições de Kroeber para o campo não param por aí. Algumas de suas principais ideias foram listadas por Laraia (1986):

A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações (...); o homem age de acordo com os seus padrões culturais (...); adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas (...); o processo de aprendizagem (endoculturação) que determina o comportamento do homem (...); a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. (LARAIA, 1986, p. 48).

Ao falar de aprendizado e transmissão de conhecimento, Kroeber atribui automaticamente uma grande importância à comunicação para a formação da cultura. Segundo Laraia (1986, p. 52), a comunicação, por si só, é um processo cultural e a linguagem um produto da cultura, embora cultura não existiria se não fosse a capacidade do homem de desenvolver um sistema articulado de comunicação. Revela-se, assim, uma interdependência enorme entre comunicação e cultura desde suas origens. Desta forma, também, passam a surgir teorias que buscam explicar não só o aparecimento da cultura, mas que acabam por formar abordagens distintas sobre o tema. Claude Lévi-Strauss, por exemplo, defende, em obras publicadas a partir dos anos 50, que “a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma” (LARAIA, 1986, p. 54), fazendo parte das teorias idealistas da cultura, que a enxergam como sistema, seja ele cognitivo, estrutural ou simbólico. Já Leslie White, na mesma época que Lévi-Strauss, “considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos” (LARAIA, 1986, p. 55), pertencendo ao rol dos teóricos que tomam a cultura como sistema adaptativo ou “de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos” (LARAIA, 1986, p. 59).

Para White (2009), cultura é definida pela simbolização e, por isso, não há homem sem cultura nem cultura sem homem: somente a partir da capacidade de simbolizar é que começaram os processos de criação e construção da cultura, sendo os seres humanos os únicos capazes de simbolizar e compreender signos que não dependem dos sentidos. Por simbolizar, o autor entende “criar, definir e atribuir significados a coisas e acontecimentos, bem como compreender esses significados, que não são sensoriais” (WHITE, 2009, p. 11), o que, ao lado do discurso articulado – a linguagem, que é uma forma típica de simbologização – pode criar todo um modo de vida em comunidade, que inclui “tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante” (LARAIA, 1986, p. 59).

Embora nas primeiras discussões acerca de cultura tenha se considerado a existência de uma unidade psíquica da humanidade, White (2009) foi um dos autores a descartar a ideia

de desenvolvimento único da cultura, considerando-a, pelo contrário, heterogênea e multilinear. Justamente por acreditar na capacidade de criar símbolos de forma livre e arbitrária, é possível dizer que a “cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas” (LARAIA, 1986, p. 67). Assim, o século XX se firma como o tempo em que se substitui o termo Cultura, com a inicial maiúscula, por culturas no plural, como afirma Cevasco (2003, p. 24): “o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais”.

Os novos preceitos de não pensar mais a cultura como algo comum a toda a sociedade vieram influenciados pelas transformações culturais pelas quais a Europa passava em meados do século XX – tanto as decorrentes das duas guerras mundiais quanto do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Dentro desse contexto, “um grupo de intelectuais marxistas britânicos destacou-se por ter a preocupação em tentar reformular o conceito de cultura, de forma que esse novo conceito os ajudasse a entender tais transformações” (LIMA, 2004). Entre eles, estava Raymond Williams.

O autor galês – que construiu sua vida acadêmica na Inglaterra – desejava, em suas primeiras obras de relevância, rever o conceito de cultura fazendo um resgate histórico, no qual se impressiona com a evolução do termo:

A evolução da *cultura* é, talvez, a mais impressionante, em relação a de todas as outras palavras referidas. Cabe, em verdade, dizer que as questões ora implicadas nos significados da palavra *cultura* são questões diretamente surgidas das grandes transformações históricas que, à sua maneira, se traduzem nas alterações sofridas pelas palavras *indústria*, *democracia* e *classe* e são de perto acompanhadas pelas modificações experimentadas pela palavra *arte*. A evolução da palavra *cultura* dá testemunho de numerosas reações, importantes e continuadas, a essas alterações de vida social, econômica e política e pode ser encarada, em si mesma, como um especial tipo de roteiro, que permite explorar a natureza dessas mesmas alterações. (WILLIAMS, 1969, p. 18).

Buscando analisar o complexo sistema de referências, ao qual ele chama de “quadro geral de mudanças” (WILLIAMS, 1969, p. 19) em relação à cultura, ele conclui que o termo “passou a incorporar questões relacionadas a processos íntimos, como a vida intelectual e as artes, bem como aos processos gerais, relacionados aos diferentes modos de vida” (LIMA, 2004). Williams enxerga nisso um problema, já que, desta maneira, a cultura estaria sendo encarada como algo distinto e fora da realidade social, “uma categoria estanque, assim como política, economia e sociedade” (LIMA, 2004). Para rebater tal suposição, ele afirma que só se pode pensar o que é cultura a partir da reflexão conjunta com outros conceitos, tais quais

linguagem, literatura, ideologia e democracia, passando a defender uma teoria materialista da cultura:

A diferença fundamental da contribuição que Williams traz ao debate é a percepção materialista de cultura: os bens culturais são resultado de meios também eles materiais de produção (indo desde a linguagem como consciência prática aos meios eletrônicos de comunicação), que concretizam relações sociais complexas envolvendo instituições, convenções e formas. Definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida. (CEVASCO, 2003, p. 23).

Em suas conclusões, o autor diz que cultura é a resposta global que damos aos acontecimentos, à “grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum” (WILLIAMS, 1969, p. 305), a qual só pode ser entendida no contexto de nossas ações. As mudanças e as constantes novas condições em sociedade, que buscam ser compreendidas e controladas pelo homem, porém, impedem de se chegar a uma conclusão definitiva sobre a ideia de cultura. Para ele, antes de tudo, cultura constitui-se sempre como processo (WILLIAMS, 1969, p. 306). Para Hall (2009) o estudo da cultura deve se apoiar no estudo da relação de elementos – sempre mutáveis – em um modo de vida global: “a cultura não é uma prática, nem apenas a soma descritiva dos costumes e culturas populares das sociedades (...) Ela está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” (HALL, 2009, p. 128). Segundo este autor, a análise da cultura é, então, “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (HALL, 2009, p. 128).

Armand e Michèle Mattelart (2003) consideram, inclusive, as ideias de Williams como ponto de ruptura no estudo de cultura, não só por enxergá-la como “processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas” (MATTELART, 2003, p. 105), mas também por permitir, pela primeira vez, estudos entre a relação de cultura e outras práticas sociais. Williams resgata conceitos antropológicos acerca da cultura e a devolve aos holofotes acadêmicos, desta vez não como reflexo de uma determinada sociedade, grupo ou classe, mas para se tornar “elemento constitutivo do processo social e, assim, um modo de produção de significados e valores da sociedade” (LIMA, 2004). O autor defende, então, a convergência entre o sentido de cultura como modo de vida ao de práticas significativas, nas quais se incluem não só as artes e a literatura, mas também o jornalismo e qualquer manifestação midiática, por exemplo:

Há certa convergência prática entre os sentidos antropológicos e sociológicos da cultura como ‘modo de vida global’ distinto, do qual percebe-se, hoje, um ‘sistema

de significações' bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como 'atividades artísticas e intelectuais. (WILLIAMS, 1992, p. 13).

Pensando a cultura dentro da sociedade, Williams valoriza o termo como modo de vida e os seus usos democráticos nas práticas significativas, defendendo que é preciso dar condições para que todos sejam produtores de cultura, senão inevitavelmente os valores dominantes serão também os da classe dominante (CEVASCO, 2003, p. 51-54). Assim, a partir de suas ideias, aliadas às da Nova Esquerda Britânica, movimento intelectual do qual fazia parte, “a cultura deixou de ser encarada como uma esfera separada da social e passou a ser designada como um processo central e uma arena de luta social e política” (LIMA, 2004).

2.2. Cultura como protagonista nos Estudos Culturais Britânicos

As primeiras e principais ideias de Raymond Williams abordadas acima foram sintetizadas em sua obra *Cultura e Sociedade*, publicada em 1958 e que, segundo Hall (p. 124, 2009), veio a se tornar uma das bases teóricas – ao lado de *As utilizações da cultura*, de Richard Hoggart (1957) e, posteriormente, *The Long Revolution*, também de Williams (1961) – para o movimento de ruptura intelectual que estava por vir. De acordo com o autor, esses livros não só “levaram a ‘cultura’ a sério, mas (...) constituíram a ruptura e definiram um novo espaço em que uma nova área de estudo e prática brotou” (HALL, 2009, p. 125). Tais novos espaços e práticas foram chamados de Estudos Culturais Britânicos.

Os Estudos Culturais Britânicos têm origem na fundação, em 1964, do *Centre of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, o qual se constituiu em um “centro de estudos em nível de doutorado sobre as formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social (MATTELART, 2003, p. 105). O autor segue descrevendo a história da formação do centro:

Richard Hoggart é seu primeiro diretor. Em 1968, quando se torna diretor-geral adjunto da UNESCO, Stuart Hall (nascido em 1932), de origem jamaicana, assume seu lugar, até 1979. O centro conhece seu auge durante esse período, que coincide com o período de ouro da *New Left*. Em 1972 cria a revista *Working Papers in Cultural Studies* (WPCS). O Centro de Birmingham reconhece sua ideia fundadora nas obras de Hoggart, de Williams e do historiador Edward P. Thompson. (MATTELART, 2003, p. 105).

Este polo de estudo na Universidade de Birmingham surge não só da preocupação dos intelectuais em relação à hierarquização das formas culturais (MATTELART, 2003, p. 102), mas também fazendo jus a todo um contexto acadêmico em que novas teorias culturais e

críticas despontavam, devido, em especial, ao aparecimento dos novos meios de comunicação. As escolas de pensamento crítico iriam “se interrogar sobre as consequências do desenvolvimento desses novos meios de produção e transmissão cultural, recusando-se a tomar como vigente a ideia de que, dessas inovações técnicas, a democracia sai necessariamente fortalecida” (MATTELART, 2003, p. 73). Ou seja, ao encarar os meios também como potenciais formas de exercer poder e dominação, não é de se espantar que, entre as diferentes abordagens culturais que viriam a seguir, a Escola de Frankfurt foi a que inaugurou os estudos críticos de comunicação e desenvolveu o primeiro modelo de estudo cultural (KELLNER¹, 2001, p. 42).

Os intelectuais formadores da Escola de Frankfurt foram os primeiros a ver a importância da indústria cultural na reprodução da sociedade contemporânea, além de analisar sistematicamente e a criticar a cultura e comunicação de massa (KELLNER, 2001, p. 44). Eles, inclusive, foram pioneiros em cunhar o termo “indústria cultural” para se referir ao processo de industrialização e mercantilização da cultura, o qual consideravam extremamente negativo devido à “degradação do papel filosófico-existencial da cultura” (MATTELART, 2003, p. 78). Sobre as contribuições da Escola de Frankfurt, Kellner (2001) afirma que seus estudos “dissecaram a interconexão entre cultura e comunicação nas produções que reproduziam a sociedade existente, apresentando de modo positivo as normas e práticas sociais e legitimando a organização capitalista da sociedade” (KELLNER, 2001, p. 46-47), ou seja, ofereceram um modelo que ultrapassava as divisões dos estudos de cultura e comunicação, tornando possível observar os papéis e funções que ambas assumiam na sociedade mercantilizada. Contudo, embora o autor considere tal abordagem de valor inestimável, ele não deixa de apontar certas falhas, tais quais a dicotomia entre cultura superior e inferior (de massa) e a tomada do público como massa passiva de consumidores (KELLNER, 2001, p. 45).

¹ Embora Douglas Kellner (1943 -) seja americano e não tenha feito parte do CCCS na Universidade de Birmingham, seu trabalho é conhecido pela grande influência de tal centro de estudos britânico, levando e adaptando seus conceitos para a pesquisa da mídia nos Estados Unidos. No livro *A Cultura da Mídia*, ele explica sua relação com os Estudos Culturais Britânicos: “fizemos um mergulho na problemática dos estudos culturais britânicos a partir de 1975, quando de nossa participação num grupo de estudos em Austin, Texas, e escrevemos a Stuart Hall, do Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies. Ele respondeu com uma longa carta em que descrevia a história do Centro e com a qual nos mandava uma série de dissertações suas mimeografadas, que foram atentamente estudadas por nosso grupo. Nos anos que se seguiram, lemos todos os seus estudos, artigos e livros, e assim surgiu o primeiro grupo americano de estudos culturais em Austin, Texas” (KELLNER, 2001, p. 47).

Por compensar tais falhas é que a consolidação dos Estudos Culturais Britânicos, apoiados nos conceitos de cultura materialista de Raymond Williams, são tão determinantes para os estudos que envolvem cultura democrática e comunicação. Para Cevasco (2003), é exatamente a posição teórica dos Estudos Culturais Britânicos de pensar arte, comunicação e sociedade em conjunto, tornando-se uma área multidisciplinar cujos limites são até difíceis de se fixar, que se torna seu grande diferencial (CEVASCO, 2003, p. 64). Talvez seja por isso que outros também considerem que a originalidade do Centro de Birmingham era justamente conseguir reunir grupos de trabalhos em torno de diferentes áreas de pesquisa e vincular seus estudos a questões suscitadas por movimentos sociais (MATTELART, 2003, p. 108). Porém, podemos considerar como a verdadeira essência desta escola o fato de não subestimar os receptores dos então novos meios de comunicação, tampouco os próprios meios, que conseguiriam servir tanto à dominação quanto à resistência:

Os estudos culturais britânicos situam a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação. (...) Esses estudos situam a cultura num contexto socio-histórico no qual esta promove dominação ou resistência, e critica as formas de cultura que fomentam a subordinação. Desse modo, os estudos culturais podem ser distinguidos dos discursos e das teorias idealistas, textualistas e extremistas que só reconhecem as formas linguísticas como constituintes da cultura e da subjetividade. Os estudos culturais, ao contrário, são materialistas porque se atêm às origens e aos efeitos materiais da cultura e aos modos como a cultura se imbrica no processo de dominação ou resistência. (KELLNER, 2001, p. 47-49).

Os estudos culturais vêem a sociedade como um sistema de dominação, em que certas instituições, como a mídia, têm o poder de subordinar os indivíduos por meio da hegemonia da veiculação de ideias e, estes, se almejam liberdade, devem lutar contra, ou seja, resistir a esta hegemonia. Aqui, vale acrescentar que, por hegemonia, entendemos o conjunto de práticas e expectativas, um sistema vivido de significados e valores que constituem o sentido da realidade para a maior parte das pessoas em uma sociedade – descrição proposta por Raymond Williams e citada por Cevasco (2003), que completa: “trata-se, em outras palavras, de uma ‘cultura’ no sentido mais forte do termo, mas uma cultura que tem de ser vista como a vivência da dominação e da subordinação de certas classes sociais” (CEVASCO, 2003, p. 115). Por esta perspectiva, quebra-se a afirmação de que a classe dominante está inteiramente ligada ao domínio econômico (MATTELART, 2003, p. 108). Pelo contrário, está tanto quanto ou até mais relacionada à capacidade de determinado grupo dominar um sistema hegemônico de ideias.

Sendo a cultura, portanto, um eterno campo de batalha entre cultura hegemônica e as contra-hegemonias (ou quaisquer que forem os nomes dados às maneiras de não-subordinação às primeiras), a análise e o esclarecimento das formas veiculadas pela mídia podem constituir um modo eficiente de luta (CEVASCO, 2003, p. 70). É por isso, então, que os estudos culturais focam, segundo Mattelart (2003), em estudar de que maneira os produtos da cultura da mídia afetam o público e causam efeitos materiais, sempre se baseando na questão da dualidade da hegemonia x resistência. Kellner (2001), inclusive, diz que o papel dos estudos culturais é fazer uma crítica da dominação e dos modos como a cultura veiculada pela mídia reitera as relações de dominação, além de apoiar suas funções democráticas e de defesa da liberdade. O autor acredita que a cultura da mídia é tanto instrumento para os indivíduos se conformarem com a hegemonia vigente quanto resistirem a ela, bastando saber consumi-la, pois “os espetáculos da mídia demonstram quem tem poder e o que se deve pensar sobre o mundo – somente sabendo como interpretar a mídia é possível resistir à cultura dominante e aumentar sua autonomia” (KELLNER, 2001, p. 10).

Assim, o autor reitera a capacidade da cultura da mídia de fornecer o “material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (KELLNER, 2001, p. 9), por meio do qual os indivíduos podem se inserir no que ele chama de uma sociedade tecnocapitalista. Tendo tal material veiculado pela mídia efeitos de tamanha magnitude, dentro de um já citado campo de batalhas cultural, não é à toa que os Estudos Culturais Britânicos levam a cabo o papel de estudar os produtos midiáticos no que concerne suas potencialidades hegemônicas e de resistência, além de ampliar sua área de abrangência para acolher um conceito fundamental à sua atuação historicamente crítica: o de identidade.

2.3. Identidade e representação: o olhar sobre o mundo e sobre si mesmo

Ao aceitar que o mundo moderno é cada vez mais mediatizado, com indivíduos que inclusive preferem buscar informações e conteúdo simbólico nos meios de comunicação do que nas pessoas com quem interagem diretamente no dia a dia (THOMPSON, 2005, p. 125), os Estudos Culturais Britânicos dão o devido valor à pesquisa da identidade – tanto os que se referem às suas características na sociedade atual quanto aos que focam nas formas, hegemônicas ou não, que esta assume ou aparece na mídia. Afinal, a mídia é, entre outras instituições, uma grande formadora e propagadora de identidades, pois é por meio dela que “indivíduos puderam experimentar eventos, observar outros e, em geral, conhecer mundos –

tanto reais quanto imaginários – situados muito além da esfera de seus encontros diários” (THOMPSON, 2005, p. 233).

Como ponto inicial para esta discussão, é preciso destacar o caráter móvel que a identidade assume na modernidade – ou pós-modernidade, como rotulam alguns autores. Kellner (2001, p. 295) descreve-a como “mais móvel, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações”. Bauman (2004) concorda e acredita que, ao ganharem livre curso, cabe a cada indivíduo capturar as identidades em pleno voo, usando seus próprios recursos e ferramentas (BAUMAN, 2004, p. 35). Esta nova flexibilidade deve-se, em grande parte, à multiplicação dos sistemas de significação e representação, que, por sua vez, estão intrinsicamente conectados com o desenvolvimento dos novos meios e da globalização. Hall (2002) defende que, na pós-modernidade, as identidades são transformadas e multiplicadas na mesma medida que os próprios sistemas culturais aumentam e se modificam:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2002, p. 12-13).

Assim, mostrando um sincronismo entre as ideias dos principais autores que abordam este tema, Kellner (2001, p. 296) também afirma que “podemos escolher criar – e recriar – nossa identidade à medida que as possibilidades de vida mudam e se expandem ou se contraem”, o que vai ao encontro dos pensamentos de Hall (2002), que diz não existir uma identidade mestra: os indivíduos não são mais definidos apenas em termos de classe ou nacionalidade, por exemplo. São, sim, um conjunto mutável de identidades diversas. Além disso, Kellner (2001, p. 296-297) constata certas características da identidade na sociedade contemporânea, tais quais sua ligação com a individualidade, enquanto tradicionalmente era restrita à função da tribo; sua mutação constante em novas formas; a mediação do consumo para a sua criação; e sua dependência do outro para obter um reconhecimento socialmente válido. Tudo o que endossa seu caráter móvel, mas, por outro lado, que pode ser problemático e frágil.

Segundo Bauman (2004, p. 30), quando a identidade perde demais seus pontos fixos, a identificação e a sensação de pertencimento se tornam cada vez mais importante para os indivíduos, que acabam buscando tal “conforto” em grupos variados, por exemplo os eletronicamente mediados, que são fáceis de entrar e também de serem abandonados. É por

isso que, com a perda de referências sólidas, a identidade torna-se tão frágil na perspectiva destes autores:

À medida que o ritmo, as dimensões e a complexidade das sociedades modernas aumentam, a identidade vai se tornando cada vez mais instável e frágil. Nessa situação, os discursos da pós-modernidade problematizam a própria noção de identidade, afirmando que ela é um mito e uma ilusão. (KELLNER, 2001, p. 298)

A identidade no que seria a modernidade fluida – aquela em que nada se mantém por muito tempo, mudando pela influência até das menores forças – chegou a ser chamada de “manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” por Bauman (2001, p. 37). Por esse motivo Hall (2002) vê a dificuldade em “conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2002, p. 74). Isto quer dizer que, no cenário globalizado, a força das identidades culturais sólidas e unificadas, como seria o caso da identidade nacional, pode estar em declínio, dando um inédito espaço às identidades globais. O autor, na verdade, defende que em vez de pensar as identidades culturais como unificadas, deveríamos pensá-las como representantes da diferença como unidade de identidade: “elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (HALL, 2001, p. 61-62). A ideia reforça o argumento de que tanto as identidades nacionais quanto quaisquer outras não são inatas, mas formadas e transformadas no interior da representação. Se alguma vez responderam ao mito da unificação, foi por meio de construções simbólicas.

Embora este processo de formação da identidade possa significar a “supressão forçada da diferença cultural” (HALL, 2002, p. 59), o que nos leva novamente à questão de cultura como embate entre dominação e resistência, Bauman (2001, p. 21) acredita que ela deva ser construída e buscada, ou seja, ser ao menos um objetivo e não um fator predeterminado. Para ele, “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais” (BAUMAN, 2001, p. 21).

Por representações, pode-se entender “o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para ‘falar por’ ou ‘falar sobre’ categorias ou grupos sociais no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura” (FREIRE FILHO, 2004, p. 45). Hall (1997, p. 15) completa dizendo que representação é uma parte

essencial do processo pelo qual os significados são construídos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Em outra obra, Hall ainda fala que “sempre necessitamos de sistemas para representar o que o real significa para nós e para os outros” (HALL, 2009, p. 171), já que é por meio de tais sistemas que experimentamos o mundo, não existindo sequer experiência fora das categorias de representação. São consideradas, então, “processos de substituição de objetos por diversos tipos de símbolos e discursos, por meio dos quais os seres humanos tomam consciência dos objetos do mundo empírico ou imaginário” (SOARES, 2009, p. 263).

Intrinsecamente ligada à construção de identidades, portanto, as representações – assim como a cultura, tal qual foi abordado neste capítulo – se constituem de um campo de batalha cujo papel pode ser duplo: agir para a dominação ou para a resistência. É o que podemos resumir com as palavras de Freire Filho, Herschmann e Paiva (2004), que dizem que as representações, em específico encontradas nos meios de comunicação, podem operar no sentido de uma integração sociocultural de caráter heterogêneo ou, por outro lado, desenvolver processos de estigmatização. Assim, reassegura-se a importância dos estudos de representação, que permitem avaliar “de que maneira gêneros e artefatos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do status quo e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras” (FREIRE FILHO, 2005, p. 19).

2.4. Identidade brasileira: do olhar estrangeiro a uma busca nacional

O Brasil, como terra “descoberta”, sempre teve os relatos estrangeiros como parte da sua narrativa histórica. Primeiro para reportar sobre esse longínquo, extenso e abundante território, como já falou Pero Vaz de Caminha no primeiro documento oficial sobre o país; depois, para construir seu auto senso de identidade. Utilizando estas visões externas como parâmetro de comparação, intelectuais “nativos”, por sua vez, também se debruçaram no estudo e na busca de uma identidade nacional, relacionando-a ora à miscigenação, ora ao jeitinho e outros aspectos da sociedade, dependendo do momento ideológico em que a pesquisa se encontrava. Para fechar esta discussão que passou pelo resgate dos conceitos de cultura e de seu protagonismo nos Estudos Culturais, levando à atual importância das pesquisas sobre identidades e suas respectivas representações, é preciso resgatar de que forma as representações sobre o Brasil foram sendo construídas ao longo do tempo e chegaram aos formatos comumente aceitos nos dias de hoje.

Rasia (2011), em seus estudos sobre a identidade do Brasil e dos brasileiros no audiovisual, cita a importância do olhar estrangeiro na construção do que entendemos como “nós”. Para ele, o olhar estrangeiro colabora “para denegrir ou mesmo mitificar a imagem da identidade e o olhar do nativo sobre si, incidindo a construção de olhares internos” (RASIA, 2011). Assim, mais do que apenas propagar certos vieses sobre o Brasil (ou qualquer nação que seja) no exterior, esta visão “de fora” tem o poder de influenciar também a imagem que o próprio país tem de si mesmo.

O Brasil, como terra descoberta pelos portugueses, em 1500, é alvo deste olhar estrangeiro desde seu surgimento, já que os relatos de europeus que viveram ou passaram por aqui foram os que primeiro começaram a construir a identidade do que viria a ser o Brasil. A carta escrita por Pero Vaz de Caminha e endereçada a D. Manuel, com o intuito de detalhar a viagem comandada por Pedro Álvares Cabral e o seu destino, é o primeiro e principal exemplo destes relatos. No documento, já se encontravam menções à natureza do Novo Mundo, aos seus nativos e à sua cordialidade. Sobre os nativos, Caminha (A Carta de Pero Vaz de Caminha *in* Acervo digital do Ministério da Cultura) destaca suas características físicas e seus costumes, como o de andarem nus, descrevendo-os com “feições pardas, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto”. A troca de presentes, sinal de um povo cordial e pacífico, também é detalhada, citando que eles “davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha ou por qualquer coisa”, assim como o espírito hospitaleiro e festivo, já que Caminha menciona uma festa ao escrever que “dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus”.

A natureza chama a atenção do escrivão português por sua magnitude e abundância, o que leva Caminha a louvá-la a seu destinatário: “esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. (...) E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”. Analisando o valor histórico da carta, Castro (2013) afirma que ela serve não só como memória dos primeiros anos do nascimento do Brasil, mas ainda como revelação de uma terra cheia de magia, iniciando-se, desta forma, o mito do paraíso perdido ou o do Mundo Novo. Soma-se a isso a ideia de que este território tão farto e exótico estaria à espera da salvação do colonizador, noção que Caminha defende no desfecho de seu relato – “porém o melhor fruto,

que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” – e que determinou os próximos passos da formação do Brasil como nação.

Enquanto a carta de Pero Vaz de Caminha se tornou o primeiro documento oficial do nascimento do Brasil, outros olhares estrangeiros posteriores continuaram a formar e influenciar a identidade brasileira. É o caso dos jesuítas, que contribuíram com suas impressões sobre a colônia, em especial entre os séculos XVI e XVIII. De Almeida (2014) explica que até a chegada do rei D. João VI no Brasil, em 1808, apenas aqueles que vinham a serviço de Portugal eram permitidos no território brasileiro, resultando em poucas obras escritas sobre este período. Neste cenário, os poemas, sermões e cartas de padres como José de Anchieta, Antônio Vieira, Manuel da Nóbrega e outros se constituíram como uma das poucas fontes de informação sobre o que se pensava do Brasil-colônia destes séculos, podendo-se adicionar à lista os raros relatos de viajantes estrangeiros que por aqui passaram.

Um deles se destaca pela combinação de texto e ilustrações que, de tão realista, espantou o leitorado europeu e logo alcançou uma fama que se perpetua até os dias de hoje. Publicado em 1557, na Alemanha, *Duas Viagens Ao Brasil*, de Hans Staden, narra as viagens do autor por terras brasileiras (a primeira em 1547 e a segunda em 1550). Mesmo tendo como ponto de destaque o período em que ficou aprisionado por uma tribo Tupinambá com rituais antropofágicos, a obra serviu de fonte histórica e antropológica sobre os nativos ao descrever suas maneiras de viver em lugares ainda inexplorados, influenciando fortemente o imaginário popular sobre o Brasil na época e ainda depois:

Esta representação do Brasil como um país vasto, agradável, mas ao mesmo tempo violento, onde seus habitantes são pessoas astutas, fortes e queimadas do sol, teve tanta repercussão no imaginário de leitores em todo o mundo que ainda está presente em muitas narrativas sobre o país. Só para ter uma ideia do sucesso do testemunho de Staden, até o século XVIII sua obra já contava com mais de 70 edições. (DE ALMEIDA, 2014, p. 24).

A partir de 1808, com a vinda da família real, mais visitantes de fora – especificamente europeus – passaram a ter permissão para vir ao Brasil. Em um contexto em que jornais e notícias estrangeiras não eram de fácil acesso, viajantes que escreviam sobre suas experiências no exterior podem ser comparados, com suas devidas limitações, a correspondentes internacionais. Dois exemplos são o inglês Henry Sidney e o francês Louis de Freycinet. O primeiro publicou suas impressões sobre o Rio de Janeiro em 1815, em Londres, sob o título de *The travels and extraordinary adventures of Henry Sidney in Brazil*,

and the interior regions of South America, in the years 1809, 1810, 1811 and 1812. Na narrativa, “o deslumbramento de Sidney com a paisagem brasileira se contrapõe com suas impressões sobre a cidade. Para ele, ela está debaixo de um calor imenso, as casas são extravagantes e as ruas são regulares, mas bastante sujas” (DE ALMEIDA, 2014, p. 26). O inglês ainda comenta sobre os brasileiros, destacando sua cor de pele, chamando os índios de aborígenes e descrevendo as mulheres como “singelas, mas menos limpas que as damas de Portugal” (DE ALMEIDA, 2014, p. 26). Já o explorador, cartógrafo e naturalista francês Louis de Freycinet, no intuito de realizar observações científicas sobre a região, publicou seus relatos sobre o Rio de Janeiro em 1825, em Paris. Ainda que a natureza ganhe destaque em seu texto, são os costumes dos cariocas que tomam conta de sua história, muitas vezes contrastados entre o fervor religioso e o comportamento sexual libertinoso e a violência:

O que chama primeiro a atenção do narrador francês é o fato de haver muitas cerimônias religiosas no Brasil. Para o autor, uma das coisas que o espantava era o fato dessas celebrações parecerem mais uma festa que um encontro religioso. (...) Em seu relato, as pessoas eram violentas e a cidade um dos poucos lugares no mundo onde havia o maior número de contrabandistas, ladrões e assassinos. (...) Em resumo, o brasileiro era espíritoso, generoso, ciumento, sensual e orgulhoso, mas apenas nas classes mais altas era possível encontrar homens respeitáveis e instruídos. No entanto, o que ele mais chama a atenção em seu relato é para o comportamento social. Na visão de Freycinet, o Brasil estava tomado por uma libertinagem sexual exagerada. Segundo ele, nem os ricos escapavam. (DE ALMEIDA, 2014, p. 27, 28).

Não só de relatos assombrados se faz o rol de experiências dos estrangeiros no Brasil. O último a ser citado neste trabalho e mais recente exemplo, em um período em que os estudos dos próprios brasileiros acerca da formação de sua identidade já estavam fervilhando, pertence ao austríaco Stefan Zweig. Radicado em Petrópolis (RJ) ao fugir do nazismo da Segunda Guerra Mundial, em 1940, e tendo visitado o país anteriormente, o escritor judeu é o autor de *Brasil, o país do futuro* – cunhando o termo usado ainda hoje. De Almeida (2014) explica que, ao longo da obra, o austríaco “confessa sua paixão por esta nação e critica a atitude de superioridade do outro, o estrangeiro, que sempre vê e faz relatos sobre o país com olhares preconceituosos” (DE ALMEIDA, 2014, p. 30). No próprio livro, Zweig admite que as expectativas sobre o país não eram grandes, imaginando-o como “uma república qualquer da América do Sul, que não distinguimos bem umas das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade e finanças arruinadas” (ZWEIG, 2013), impressão que logo foi transformada durante o seu primeiro contato com o Rio de Janeiro, cidade da qual exalta a combinação paisagística sem igual, além da arquitetura e da felicidade de seu

povo. O termo país do futuro, o qual Zweig defende, também é envolto em certa complexidade, pois ao mesmo tempo em que denota “um país em desenvolvimento rápido (...) o futuro do mundo” (ZWEIG, 2013), toma o momento atual como ainda insuficiente para tornar o Brasil o país de agora. O autor cita a maneira de viver do brasileiro como menos intensa, com menos dinamismo e, portanto, fazendo com que a nação se desenvolva menos graças à influência depressiva do clima, além das deficiências estruturais da sua sociedade e administração em comparação à sua experiência europeia:

A maneira de vida de uma grande parte da população ainda está muito abaixo da maneira de viver de grande parte da nossa. As atividades técnicas e as industriais desta nação de cinquenta milhões de habitantes, por enquanto, só são comparáveis às de pequenos países europeus. O mecanismo da administração ainda não está bem regulado e muitas vezes tem paradas incômodas. Com um percurso de algumas centenas de quilômetros em direção ao interior chegamos ainda a um meio primitivo, atrasado de um século. Quem chega pela primeira vez ao país, terá que primeiramente adaptar-se, na vida quotidiana, a pequenas faltas de pontualidade e inexatidões, a certa deficiência de energia. (ZWEIG, 2013).

Com praticamente quatro séculos de narrativas estrangeiras sobre a população, os costumes e as paisagens nacionais, não é de se espantar que um contraponto exterior tenha sido tomado como referência quando estudiosos brasileiros voltaram sua atenção à pesquisa da formação e caracterização da identidade do país. Ortiz (1994) afirma que a resposta do porquê à insistência de nos compararmos ao estrangeiro “pode ser encontrada no fato de sermos um país do chamado Terceiro Mundo, o que significa dizer que a pergunta é uma imposição estrutural que se coloca a partir da própria posição dominada em que nos encontramos no sistema internacional” (ORTIZ, 1994, p. 7). Então, os primeiros autores – como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha – a abordarem o tema, no final do século XIX, buscaram, segundo Ortiz (1994, p. 20) compreender e revelar o que definiria nossa diferenciação nacional. O meio e a raça são um dos primeiros termos usados para explicá-la:

Ser brasileiro significa viver em um país geograficamente diferente da Europa, povoado por uma raça distinta da europeia. (...) Meio e raça traduzem, portanto, dois elementos imprescindíveis para a construção de uma identidade brasileira: o nacional e o popular. A noção de povo se identificando à problemática étnica, isto é, ao problema da constituição de um povo no interior de fronteiras delimitadas pela geografia nacional. (ORTIZ, 1994, p. 16,17).

A mestiçagem também é trazida à tona por estes primeiros intelectuais da identidade nacional, embora de uma forma pejorativa. Para eles, a mistura entre raças (branco, índio e negro, este último levado em conta apenas após a abolição da escravidão), tanto moral quanto

étnica, funciona para a aclimatação da civilização europeia nos trópicos, “no sentido de que tenderia a reequilibrar os elementos negativos herdados do colonizador” (ORTIZ, 1994, p. 26). Ou seja, havia a procura por um ideal europeu de população, já que a etnia branca ainda era vista como superior à negra e à indígena. A abordagem abriu caminho para um novo conceito que fica em voga no início do século XX: o mito das três raças, defendido na obra *Casa-grande & senzala*, escrita em 1933 por Gilberto Freyre.

O sociólogo leva em conta o contexto da miscigenação entre brancos, índios e negros na formação da sociedade brasileira, formulando um “mito nacional” (FREYRE, 2003, p. 23) que sugere um ponto de origem e transformando “a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada” (ORTIZ, 1994, p. 41). Para Ortiz (1994), em *Casa-grande & senzala* há uma transição entre o conceito de raça para o de cultura ao justificar a identidade brasileira como fruto da relação patriarcal entre os colonos brancos e os índios nativos e os negros escravos – ainda que equivocada, a relação supostamente pacífica entre esta tríade racial transmitiu, posteriormente, a ideia de que haveria uma convivência harmoniosa entre elas, gerando também o mito da democracia racial no país (ORTIZ, 1994, p. 94). Embora Freyre (2003) assuma a perspectiva do branco e do senhor (FREYRE, 2003, p. 22), sua obra possibilita que o brasileiro encontre sua própria definição, oferecendo a ele, nas palavras de Ortiz (1994, p. 42), uma carteira de identidade, que, por sua vez, é baseada numa única singularidade, a “miscigenação em todos os sentidos, desde a raça até a fé” (DALPIAZ, 2013, p. 68).

Quase simultaneamente a Gilberto Freyre, um segundo intelectual brasileiro apoiou seus estudos sobre a identidade dos brasileiros em outro viés: sua cordialidade. Já exaltada na carta de Pero Vaz de Caminha, ela é retomada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, com o livro *Raízes do Brasil*. Porém, diferentemente de Caminha, aqui ele descreve o homem cordial não como o homem bom, mas, sim, como aquele que deixa transpassar a emotividade e as relações familiares para outras esferas de convívio:

Formado nos quadros da estrutura familiar, o brasileiro recebeu o peso das “relações de simpatia”, que dificultam a incorporação normal a outros agrupamentos. Por isso, não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo. Onde pesa a família, sobretudo em seu molde tradicional, dificilmente se forma a sociedade urbana do tipo moderno. (HOLANDA, 2013, p. 17).

O autor afirma que “a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade” (HOLANDA, 2013, p. 146), completando que, embora a generosidade, a hospitalidade e a lhanza do trato sejam virtudes do caráter do brasileiro, elas são, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico. Uma das consequências mais notáveis desta característica seria a impossibilidade de ter um convívio social que não baseado em intimidade ou familiaridade. Como provas, Holanda (2013, p. 147) cita o uso frequente do diminutivo “inho” e o nome de batismo em detrimento do sobrenome; a aversão ao ritualismo social; a predominância de vontades particulares mesmo em esferas públicas; a indistinção entre o público e o privado; e, principalmente, uma falsa democracia, que funciona só quando convém, chamando-a de “um grande mal-entendido” (HOLANDA, 2013, p. 160).

Um último autor a ser citado e que “levanta a problemática da dissociação entre as leis e a realidade social brasileira” (DALPIAZ, 2013, p. 68) é Roberto DaMatta. Ele defende que, por possuir vários espaços dualísticos, o Brasil não pode ser lido de apenas um ângulo (DAMATTA, 1986, p. 76). Desta forma, o antropólogo opõe o país moderno x nação tradicional, religiosidade intensa x festividades populares, o indivíduo dentro de casa x a persona social e a ordem x o “salve-se quem puder”, dicotomia na qual em seu centro está o jeitinho, a malandragem brasileira:

O dilema brasileiro reside numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações onde cada qual se salva e se despacha como pode, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. (DAMATTA, 1986, p. 60).

DaMatta (1986, p. 62) afirma que o jeitinho é a junção do “pode” com o “não pode”, um modo de relacionar o impessoal com o pessoal e operar em um sistema legal que “quase nada tem a ver com a realidade social” (DAMATTA, 1986, p. 62). Ainda segundo o autor, o malandro seria o profissional do jeitinho, consagrando-o, assim, como um personagem nacional.

Enquanto escritores estrangeiros atentam à singularidades ou visões pessoais sobre o Brasil, os autores brasileiros do século XX, que tentaram formular uma identidade brasileira definitiva como ponto em comum, buscaram trazer aspectos positivos a ela para, então,

elaborarem um fator unificador da nação. Seja por meio da miscigenação, do jeitinho ou da cordialidade, porém, Dalpiaz (2013) ressalta que “trata-se de compreender que o mito nacional é uma forma moderna para se criar um sentimento coletivo de solidariedade, que supera barreiras de sangue e localidade, e conduz à dimensão de cidadania, que sugere laços maiores com a comunidade” (DALPIAZ, 2013, p. 70), sentimento o qual nem sempre floresce de maneira natural. Para ela, o mito nacional ajudou a encobrir as desigualdades presentes no país, apoiando-se em ideologias mutáveis a fim de compreender a complexa realidade brasileira.

É o caso do período da ditadura militar (1964-1985), quando intelectuais a mando do Estado eram incumbidos de formular uma memória coletiva de um Brasil construído sem rupturas nem violência (ORTIZ, 1994, p. 124); durante o Estado Novo (1930-1945), quando havia um “imperativo de pensar a identidade de um Estado que se moderniza” (ORTIZ, 1994, p. 130); ou ainda com Gilberto Freyre, com sua virada culturalista, na qual o brasileiro possuiria, em uma República nascente, um traço pelo qual poderia se orgulhar (DALPIAZ, 2013, p. 71). No entanto, ainda que haja um esforço em definir o que seria a essência de ser brasileiro, Dalpiaz (2013) considera o processo de construção da identidade nacional vinculado a grupos de interesse, ponto que a história prova e Ortiz (1994) concorda, ao dizer que a identidade é sempre abstrata: “o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa representação. (...) Todos, no entanto, se dedicam a uma interpretação do Brasil, a identidade sendo o resultado do jogo das relações apreendidas por cada autor” (ORTIZ, 1994, p. 139). Desta forma, intrincada em relatos estrangeiros, estudos nacionais, interesses nem sempre claros e interpretações pessoais, a identidade nacional também encontra espaço para ser representada – além de divulgada e modificada/perpetuada em suas leituras mais tradicionais – na mídia.

3. BRASIL E COPA DO MUNDO: UMA CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA

O capítulo anterior falou como os embates culturais e as representações oriundas deles podem influenciar ou modificar o senso de identidade de um povo ou nação. Com o Brasil não foi diferente e, de imagens provindas de relatos estrangeiros, ele passa, a partir do final do século XIX, a procurar e levantar aspectos de sua própria identidade, criando representações diversas e mutáveis. A partir destas vastas concepções sobre sua essência e suas características mais típicas que a mídia pode, enfim, fazer suas interpretações sobre o que é o Brasil e o que merece ser destacado sobre ele.

Para fechar a base teórica deste trabalho, após falar sobre os processos jornalísticos e o âmbito da identidade e das representações sob uma perspectiva cultural, além do histórico da construção das representações sobre o Brasil, este capítulo aborda a construção da identidade brasileira na mídia internacional, que é objeto de estudo deste trabalho – para chegar, então, a como hoje ela se mantém vinculada à realização da Copa do Mundo, megaevento não só esportivo, mas também midiático, com o potencial de trazer impactos e legados, principalmente em sua imagem. Ainda se encontra aqui uma breve cronologia dos principais fatos relacionados à trajetória do Brasil na Copa do Mundo 2014, narradas por veículos de comunicação.

3.1. Representações recorrentes sobre o Brasil na mídia internacional

Uma vez que construções sobre a identidade de determinados grupos, países, acontecimentos, etc., são feitas sempre a partir de representações, os meios de comunicação se tornam um de seus lócus naturais. Soares (2009) é um dos autores que ressalta o envolvimento da ação da mídia na construção das representações. Para ele, hoje vivemos dependentes dos meios de comunicação para construir a imagem que temos do mundo. É por intermédio dos significados produzidos por eles que “damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar” (FREIRE FILHO, 2004, p. 45). Já Alexandre (2001, p. 116) vai além e afirma que as representações disseminadas pela mídia fundamentam não só a compreensão que os grupos sociais têm dos outros, mas também de si mesmo, influenciando no que ele chama de “auto-imagem”. Esse poder dos meios seria justificado, para Soares (2009, p. 19) pela sua capacidade máxima de representar a partir da semelhança, da figuratividade e da simulação, o que levaria a certos resultados:

Como aparentam ser ou mesmo se apresentam como um retrato do mundo, essas representações instauram ou sancionam, homologam, naturalizam certos vieses, os quais, no âmbito discursivo, sugerem que esse é o modo de ser da sociedade representada, podendo servir para fixar ou confirmar estereótipos étnicos, sociais, de gênero, profissionais. Trata-se ora da instauração de padrões 'normais' ou 'modelos', ora de imagens pejorativas ou idealizadas de populações, categorias sociais, minorias, etc. (SOARES, 2009, p. 19-20).

Tendo um impacto na construção social dos significados compartilhados e em especial naqueles que se referem à construção da democracia (SOARES, 2009, p. 7), a veiculação das representações é ainda mais controvertida no caso do jornalismo. Soares (2009) diz que, muito frequentemente, “em vez de ser considerada como substituto simbólico de algo, a representação é involuntariamente tomada pela audiência como o próprio objeto ou assunto representado” (SOARES, 2009, p. 23), reforçando o ideal de que a narrativa jornalística deve ser imparcial e comprometida com a absoluta verdade. Porém, o próprio autor finaliza, o jornalismo também é um relato particular dos acontecimentos, construído sobre um aspecto do mundo selecionado.

Assim, desde que as fontes primordiais para a construção da visão sobre o Brasil foram passando pela sutil transição entre viajantes e colonizadores externos para estudiosos e grupos de interesse nacionais, podemos considerar que o resultado final – e ainda que vive em uma mudança constante – é uma mescla de ambas. Brasil (2012) aponta que, dos relatos estrangeiros, o que predomina ainda hoje é uma imagem associada à grandeza de território, à abundância da vida selvagem e à sensualidade do povo como dotes naturais, enquanto que, como dotes adquiridos, destacam-se “o desenvolvimento da vida urbana, malandragem, jeito brasileiro, indolência, musicalidade e cordialidade – isso não sendo apenas pensamento do estrangeiro, mas uma visão projetada pelos brasileiros” (BRASIL, 2012, p. 778). A mídia, não estando livre de representações consolidadas anteriormente, muitas vezes se baseia nestes conceitos para construir suas próprias interpretações sobre o Brasil e os brasileiros.

Brasil (2012) ao estudar as rotinas profissionais dos correspondentes, constata que grande parte do que é visto nos veículos de comunicação internacionais sobre o nosso país condiz com as imagens pré-concebidas oriundas desde o nascimento da nação:

O Brasil historicamente apresentado na mídia estrangeira é invariavelmente fruto de uma imaginação desbragada sobre os trópicos e de uma projeção de uma utopia cheia de estereótipos e clichês, nos quais prevalecem velhos modelos de representação, calcados na exploração de uma natureza exuberante e de costumes singulares frente ao olhar euro-americano. (...) A beleza das mulheres, a musicalidade das gentes e o carnaval são expressões que seriam agregadas à descoberta da Amazônia e, mais recentemente, à violência e à exclusão, numa

linha de desenvolvimento histórico que representa a imagem que temos do país. (BRASIL, 2012, p. 779).

Para o autor, temas como questões ambientais, redução da pobreza e das desigualdades, além da posição brasileira na política internacional serão sempre manchetes no exterior (BRASIL, 2012, p. 185). Suas considerações vão ao encontro dos resultados obtidos por Paganotti (2007), que, ao estudar imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais, observou que 86,5% das notícias e matérias analisadas simplesmente reproduziam imagens já construídas sobre o país, enquanto somente 13,5% a transformavam. Em uma análise que teve como *corpus* mais de 1200 textos veiculados em sete jornais internacionais (*The New York Times*, *El Mundo*, *Diário de Notícias*, *The Guardian*, *The Observer*, *Página/12* e *El Clarín*), ele afirma ser possível dividir o material em quatro grandes eixos temáticos, os quais denomina de Brasil verde, Brasil de lama, Brasil de sangue e Brasil de plástico. O Brasil verde traria de volta a exaltação à natureza que Pero Vaz de Caminha já havia relatado em 1500, com um adicional das discussões sobre biocombustíveis, agronegócio e preservação das florestas e reservas naturais; o Brasil de lama representaria os textos com enfoque na corrupção, nas desigualdades e na pobreza; o Brasil de sangue é a divisão das reportagens sobre a violência no país; e o Brasil de plástico conteria certa visão publicitária, englobando festividades, Carnaval, turismo e também os “mitos do crescimento econômico e do desenvolvimento tecnológico que colocariam o país entre uma das nações do futuro” (PAGANOTTI, 2007).

Segundo Paganotti (2007), as representações do Brasil de lama e do Brasil sangrento são as mais frequentes, assim como as menos passíveis de mudanças em relação a visões já estabelecidas sobre os respectivos temas. Tráfico de drogas, insegurança, impunidade e corrupção generalizada são assuntos tão recorrentes que o levam a fazer uma crítica ao trabalho dos correspondentes:

Considerando que a matéria-prima do jornalismo é a notícia, o fato novo, o diferente e o inusitado, como princípio o correspondente deve procurar focar a transformação, e não somente a reprodução de conceitos – o contrário do constatado neste trabalho. É cômodo basear a cobertura em pressupostos, alimentando as pré-concepções com dados, histórias e interpretações que reafirmam o que o público já sabe sobre a realidade ou, no pior cenário, repetir conceitos ideologicamente enviesados. (PAGANOTTI, 2007).

Características negativas relacionadas ao Brasil não são novidade nos estudos sobre a imagem do país na mídia estrangeira. Dota (2010) verificou, em matérias publicadas no americano *The New York Times* no período de janeiro a junho de 2004, que uma imagem

desfavorável do país – que envolveu, principalmente, conflitos de terra, rebeliões em prisões, favela e pobreza – é resultado não só da realidade em si, mas do enfoque do veículo nestes temas em especial:

A seleção de temas enfocados pelo *New York Times* remete a uma visão de mundo que não lhe permite enfatizar, ao lado de problemas, as iniciativas tomadas por autoridades e pela população brasileiras, no momento focado, no sentido de minimizar as dificuldades no campo social, muitas delas decorrentes de problemas econômicos fora do âmbito de decisão do país. (DOTA, 2010, p. 403).

Ainda que a autora enfatize a responsabilidade da mídia na seleção e divulgação de determinados pontos representativos sobre o Brasil em detrimento de outros, fica claro que a construção desta imagem veiculada internacionalmente é feita de forma cíclica e recíproca. Brasil (2012), citando que a mídia nacional também é fonte de formação e informação para a internacional, afirma que “uma parcela significativa das imagens do Brasil que os correspondentes das agências internacionais de notícias levam para o exterior é adquirida junto à Rede Globo” (BRASIL, 2012, p. 272). Já Mota (2013) diz que é importante destacar que “as representações imaginárias do nosso país que permeiam as produções midiáticas internacionais são, muitas vezes, construídas por nós mesmos” (MOTA, 2013).

Para chegar a estas considerações, Mota (2013) toma como objeto de estudo o jornal *The Guardian*, foco também deste trabalho. Para ela, o correspondente internacional da publicação, Jonathan Watts, pendula entre duas interpretações do Brasil: a primeira trazendo um tradicional país “atrasado, desorganizado, onde o Estado não se relaciona com a população, um lugar onde se rouba o turista e as favelas são lugares selvagens” (MOTA, 2013); e a segunda tentando inserir uma visão nova, com uma percepção mais atual, embora, para a autora, no geral as reportagens acabem presas nos “mesmos clichês vendidos internacionalmente” (MOTA, 2013).

Dalpia (2013) é outra pesquisadora que toma o *The Guardian* como foco de análise. Ela usou 65 reportagens publicadas na versão on-line do jornal e produzidas pelo correspondente Tom Philips durante o ano de 2011, além dos comentários de leitores em algumas delas, para estudar de que modo o Brasil tem sido representado fora de seu território. A autora verificou que, centrado em um olhar britânico, o posicionamento editorial também é conflitante entre uma nação com potencial emergente contra a ideia tradicional de um país cheio de problemas, que, por fim, acaba sobressaindo:

Verificou-se que, na observação do cenário amplo da imprensa britânica, são as políticas públicas internacionais brasileiras, tal como se apresentam por meio do posicionamento do Estado, que se sobressaem, isto é, um Brasil emergente, com potencial de crescimento rápido e de investimentos profícuos. Entretanto, em uma análise mais sistemática, do microcontexto, no qual o Brasil é reportado no seu dia a dia, no cotidiano, a identidade construída pelos britânicos desponta mais próxima à ideia de complexidade sociocultural da nação brasileira, é o território, a desigualdade social e a diversidade cultural do país que mais saltam à vista. (DALPIAZ, 2013, p. 182).

Nota-se, no quadro geral, que as imagens veiculadas internacionalmente sobre o Brasil podem ser ora tão conflitantes quanto as dicotomias novo x tradicional apresentadas por DaMatta, tão exaltadas quanto a ode à natureza e ao vasto território de Caminha ou Stefan Zweig ou ainda tão incertas sobre a complexidade da organização da sociedade brasileira, indo das festividades à política, quanto as proposições de Sérgio Buarque de Hollanda ou Gilberto Freyre. Com poucas ou muitas mudanças, é na inserção de novos fatores – como o caso de preocupações ambientais ou desenvolvimento econômico, apontadas por Paganotti (2007) – que temos a chance de ver quais os novos percursos que a construção da identidade nacional poderá tomar. A paixão pelo futebol, aliada à Copa do Mundo realizada em casa e com seu caráter de megaevento esportivo altamente midiático, têm o potencial de ser um destes fatores.

3.2. Copa do Mundo e megaeventos esportivos como fenômenos midiáticos

A fim de provar a importância da Copa do Mundo na cultura brasileira contemporânea e a apropriação do interesse social sob o evento pela mídia, Gastaldo (2004) mediu o tempo gasto com o assunto no *Jornal Nacional*. No dia do jogo de estreia do Brasil, verificou-se que 83% da duração do telejornal da *Rede Globo* foi dedicado ao tema; em um jogo posterior que culminou em vitória brasileira, o tempo total chegou a 94%. As medições foram feitas na Copa do Mundo de 1998 – edição realizada na França, território muito mais distante do dia a dia do brasileiro e dos veículos de comunicação do que seria uma Copa acontecendo no próprio país. Ainda assim, com estes números expressivos, o autor conclui que, se o jornalismo não inventa o interesse social por este evento, ao menos o aumenta e colabora para “construir uma impressão de realidade que mitifica a importância da Copa, elegendo-a como o ‘único’ acontecimento digno de menção jornalística (GASTALDO, 2004, p. 131).

Estar em uma Copa do Mundo e, mais ainda, sediá-la, é colocar-se sob os holofotes do mundo. Além dos benefícios de desenvolver projetos locais com prazos definidos e aumentar o turismo, De Almeida (2009, p. 183) cita a oportunidade de exposição midiática

regional, nacional e internacional a baixos custos como vantagens de se candidatar à vaga de país-sede de um evento deste porte. Payne (2006) também afirma que megaeventos podem servir como uma das mais poderosas plataformas para qualquer país:

Os governos gastam bilhões de dólares todos os anos trabalhando sua imagem no resto do mundo. Tentam influenciar o modo como são percebidos por outras nações e sabem que a imagem de uma nação afeta relacionamentos políticos e econômicos. Seja para aumentar o turismo, mudar a política interna e externa, atrair investimentos ou ajuda ou melhorar o comércio internacional, a intenção do gerenciamento da imagem nacional é colocar a nação sob uma luz mais favorável para o resto do mundo. (PAYNE, 2006, p. 178-179).

De fato, a perspectiva de possíveis legados dos megaeventos, em especial sobre a imagem do Brasil, ganha um capítulo exclusivo no livro *Legados de megaeventos esportivos*, elaborado pelo Ministério do Esporte e publicado em 2008, seis anos antes da Copa do Mundo chegar aqui. Membros do Grupo de Pesquisa e Estudos Olímpicos da Universidade Gama Filho listam alguns fatores que são esperados em relação às representações do país após este sediar o torneio esportivo: “projeção da imagem do país; projeção da imagem das cidades-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana; projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer; nacionalismo e confiança cívica, bem como o orgulho regional e nacional” (VILLANO *et al*, 2008, p. 48). Para Mezzaroba; Messa e Pires (2011), os megaeventos já são planejados pensando que a maior parte das pessoas terá acesso a eles pelos meios de comunicação, vendo assim, como algo a ganhar, a “imagem externa a ser construída pela mídia internacional, tornando as cidades e regiões do país mais conhecidas” (MEZZAROBA; MESSA; PIRES, 2011, p. 28).

A repercussão e a magnitude dos megaeventos esportivos são tão grandes, assim como suas possíveis consequências para o país-sede, que Santin (2009) chega a compará-los com guerras na questão de mobilização de pessoas:

Os megaeventos esportivos, para começar dizendo o óbvio, são as maiores invenções geradas pelo avanço científico e tecnológico, pela ganância econômica e pela sede de poder, durante o século XX. Apenas as duas grandes guerras mundiais os superam em magnitude de suas mobilizações e megalomanias de seus patrocinadores. A diferença entre esses dois tipos de megaeventos está na sua classificação. Os esportivos são proclamados como pacíficos e festivos. Os belicosos, ainda que sejam justificados como defensores da paz, são inapelavelmente criminosos e mortíferos. (SATIN, 2009, p. 332).

O autor acredita que esta capacidade de mobilizar milhares de pessoas, independente de cultura, idade, ideologia ou nível social se deve, primeiro, ao caráter do esporte como fator

positivo de sociabilidade e, segundo, porque existe a possibilidade real de “participação universal segundo as condições pessoais: participante, torcedor, telespectador (SATIN, 2009, p. 334), ressaltando, novamente, a função dos meios de comunicação na transformação de um evento qualquer em um megaevento.

Roche (2001) conceitua megaeventos como “eventos de larga escala cultural (incluindo comerciais e esportivos) que tem uma característica dramática, apelo popular massivo e significância internacional (ROCHE, 2001, p. 1). Tipicamente organizados por combinações variáveis de governos nacionais e organizações internacionais não governamentais, para o autor eles ainda podem ser importantes elementos nas versões oficiais da cultura pública. Mezzaroba; Messa e Pires (2011) continuam definindo-os como “eventos de curta duração e grande impacto, que apresentam grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da comunidade anfitriã” (MEZZAROBA; MESSA; PIRES, 2011, p. 27). Ainda que possam se configurar como acontecimentos do esporte, os três pesquisadores chamam a atenção que um megaevento é sempre “muito mais um fato social e econômico, que impacta diferentes âmbitos da sociedade que o acolhe, do que meramente um evento esportivo” (MEZZAROBA; MESSA; PIRES, 2011, p. 27). Assim, Copa do Mundo, Olimpíadas, Jogos Pan-Americanos e uma variedade de exposições internacionais, por seu caráter mobilizador em grande escala e que perpassa diversas esferas da sociedade, são tipicamente considerados megaeventos, sendo a Copa do Mundo 2014 o mais importante que o Brasil já sediou.

Mezzaroba; Messa e Pires (2011) não deixam de notar que, desde 2007, o Brasil tem se destacado no cenário mundial dos megaeventos: em 2007 ocorreu os Jogos Pan-Americanos, em 2013, a Copa das Confederações, em 2014 a Copa do Mundo e, por fim, as Olimpíadas em 2016. Soma-se a isso o fato de que, nos países do “sul”, quando se trata da organização de megaeventos esportivos mundiais, ainda existe uma alta preocupação em não falhar (DE ALMEIDA, 2009, p. 185) aos olhos dos países do “norte” mais do que aos seus próprios olhares. É de se esperar que, “por se tratar de um acontecimento com abrangência global, com grande destaque em termos de mídia (...) há que se considerar aspectos relacionados não só ao evento em si, mas também, e talvez principalmente, a perspectiva dos seus possíveis impactos e legados” (VILLANO et al, 2008, p. 48).

De uma forma que a magnitude inata destas ocasiões se une aos olhares mundiais atentos a todas as narrativas ou a qualquer pormenor que ocorra durante o percurso de um megaevento sul-americano, não é à toa que Gurgel (2009) enxerga o papel estratégico de um

megaevento esportivo como a Copa do Mundo 2014, denominando-a de “ápice do processo de construção de imagens espetaculares, que são midiaticizadas de forma massiva” (GURGEL, 2009, p. 204). Mais uma vez colocando a atuação dos veículos de comunicação em destaque, ele ainda diz que “os espetáculos dos megaeventos são produzidos duas vezes: uma pelo conjunto de agentes que, de fato, atuam na competição esportiva e uma outra por todos aqueles que reproduzem estas imagens (a mídia)” (GURGEL, 2009, p. 204). Com consequências diretas nas representações do país que o sedia, as formulações sobre o megaevento em si nos meios – sem se esquecer dos aspectos de seu entorno que vêm à tona – pode ser, então, uma pequena, mas indispensável, peça do complexo e jamais terminado quebra-cabeça que forma a identidade de uma nação.

3.3. Cronologia: trajetória do Brasil na Copa do Mundo 2014

Para terminar a exposição teórica, segue uma breve cronologia referente aos principais acontecimentos na trajetória do Brasil na Copa do Mundo 2014, desde sua candidatura e escolha como país-sede da competição aos passos da seleção durante o torneio. A contextualização é importante a fim de dar base informativa a certos eventos relatados nas reportagens que configuram o *corpus* de análise, por exemplo, as manifestações anti-Copa do Mundo – que são frequentemente relacionadas aos protestos de junho de 2013 – e as reações à derrota do Brasil para a Alemanha por 7x1 no jogo da semifinal.

18 de março de 2003 – A Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) decide indicar o Brasil como candidato único a país-sede da Copa do Mundo 2014². A decisão torna quase certo que o torneio será realizado no país, já que, em agosto de 2000, a FIFA havia implantado o rodízio de continentes para os países que sediariam as próximas Copas do Mundo. Assim, a edição do ano de 2014 deveria acontecer obrigatoriamente em um país latino-americano.

15 de junho de 2007 – O então presidente Luiz Inácio Lula da Silva assina um documento no qual o governo se compromete a cumprir exigências da FIFA para a realização da Copa do Mundo 2014³. São onze exigências no total, que buscam garantir que o país tenha a infraestrutura necessária para a realização do torneio, além de regras de segurança geral e para entrada de pessoas e equipamentos no território.

² Brasil vai ser candidato único a sede da Copa de 2014. *BBC Brasil*, 18 mar. 2003.

³ Lula assina garantias à Copa 2014 e conta com iniciativa privada. *GI*, 15 jun. 2007.

30 de outubro de 2007 – O Comitê Executivo da FIFA anuncia oficialmente o Brasil como sede da Copa do Mundo 2014⁴. É a segunda vez que o país recebe a competição, a primeira tendo sido em 1950, quando perdeu na final para o Uruguai por 2x1, no jogo que ficou conhecido como Maracanazo.

31 de maio de 2009 – A FIFA divulga as doze cidades-sedes da Copa do Mundo 2014⁵. São elas: Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), São Paulo (SP), Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ).

31 de outubro de 2010 – Dilma Rousseff é eleita presidente do Brasil no segundo turno das eleições⁶. Sucessora de Lula, é ela quem estará governando o país durante a Copa do Mundo 2014.

A partir de 2013 – Matérias jornalísticas que abordam os gastos excessivos, a corrupção e, principalmente, os atrasos nas obras – tanto estádios quanto as que envolvem mobilidade urbana, segurança, etc. – da Copa do Mundo 2014 se intensificam⁷. O tom se mantém até as vésperas do torneio⁸, já que algumas das obras prometidas acabam sendo entregues incompletas⁹.

Junho de 2013 – Protestos tomam conta das ruas do Brasil, no que foi posteriormente chamado de “jornadas de junho¹⁰”. Manifestações iniciais contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo se generalizam e se transformam em símbolo de descontentamentos diversos, desde contra à corrupção quanto à realização da Copa do Mundo no ano seguinte, ou, mais especificamente, os altos gastos que estiveram envolvidos em seus preparativos¹¹. Os protestos continuam até a Copa das Confederações¹² (a qual foi realizada nas mesmas cidades-sedes que receberiam os jogos da Copa do Mundo), dentro e fora dos estádios¹³. As jornadas de julho ficam marcadas pela grande participação popular, mobilização via redes sociais, ação policial repressiva, presença de black blocs e repercussão internacional¹⁴.

⁴ Oficial! A Copa do Mundo é nossa. *Globo Esporte.com*, 30 out. 2007.

⁵ Festa toma conta das sedes da Copa do Mundo de 2014. *O Estado de São Paulo*, 31 mai. 2009.

⁶ Dilma Rousseff é eleita presidente do Brasil. *Zero Hora*, 31 out. 2010.

⁷ A 500 dias da Copa de 2014, como estão os preparativos? *Agência Deutsche Welle*, 28 jan. 2013.

⁸ Cem dias para a Copa: veja como estão os 12 estádios. *Terra*, 4 mai. 2014.

⁹ Cobertura do Itaquerao estará incompleta para a Copa do Mundo. *UOL*, 15 mai. 2014.

¹⁰ Um ano depois, qual o saldo dos protestos de junho de 2013? *BBC Brasil*, 13 jun. 2014.

¹¹ Copa de 2014 será a mais cara da história. *Época Negócios*, 21 jun. 2013.

¹² Protestos na Copa das Confederações reuniram 864 mil pessoas. *UOL*, 2 jul. 2013.

¹³ Protestos contra gastos com Copa do Mundo 2014 invadem estádios antes de jogos da seleção brasileira. *R7*, 20 jun. 2013.

¹⁴ Manifestações de junho de 2013: Qual é o saldo dos protestos um ano depois? *UOL Vestibular*, 11 jul. 2014.

28 de maio de 2014 – As primeiras delegações e comitivas técnicas começam a chegar ao Brasil¹⁵. São 31 seleções estrangeiras, sendo a da Austrália a primeira a aterrissar em solo brasileiro.

12 de junho de 2014 – É realizada, em São Paulo, a cerimônia de abertura da Copa do Mundo 2014, seguida pelo jogo inaugural do torneio, em que Brasil e Croácia se enfrentam¹⁶ (o resultado termina 3x1 para o Brasil). Enquanto alguns veículos de comunicação destacam a participação dos cantores Jennifer Lopez, Claudia Leitte e Pitbull, além das vaias à presidente e o “clima morno da festa¹⁷”, outros notam alguns protestos que ocorreram mesmo durante a cerimônia, como o do indígena que segura uma faixa pedindo por demarcações territoriais¹⁸.

23 de junho de 2014 – Após ganhar por 4x1 de Camarões, em Brasília, o Brasil se classifica na fase de grupos, enfrentando o Chile nas oitavas de final¹⁹.

28 de junho de 2014 – Em Belo Horizonte, o Brasil vence o Chile nos pênaltis em um jogo nervoso²⁰ e avança para as quartas de final. Além do desempenho em campo, o estado emocional dos jogadores vira notícia²¹, ao mesmo tempo em que a comissão técnica procura maneiras de melhorar este aspecto da seleção²².

1 de julho de 2014 – Um esquema de venda ilegal de ingressos de jogos da Copa se torna alvo de investigação da Polícia Civil e do Ministério Público do Rio de Janeiro²³. A suspeita é que a quadrilha de criminosos já havia atuado em outras Copas do Mundo.

4 de julho de 2014 – Brasil vence a Colômbia por 2x1 em Fortaleza, em um jogo marcado pela agressividade²⁴, resultando na fratura de uma vértebra do jogador brasileiro Neymar. Por conta da lesão, sofrida em uma falta do colombiano Zúñiga, o atacante fica fora do restante dos jogos da seleção²⁵.

8 de julho de 2014 – No que já chamam de “vexame histórico” do futebol, o Brasil perde por 7x1 da Alemanha²⁶, em Belo Horizonte. À derrota, seguem-se matérias que tanto

¹⁵ Copa do Mundo: programação inicial das 31 seleções estrangeiras no Brasil. *Lance!*, 29 mar. 2014.

¹⁶ Após susto, Oscar e Neymar brilham e levam o Brasil ao triunfo na estreia. *UOL*, 12 jun. 2014.

¹⁷ Copa começou com festa morna (e xingamentos a Dilma). *Veja*, 12 jun. 2014.

¹⁸ Indígena estende faixa por demarcação na abertura da Copa. *Carta Capital*, 13 jun. 2014.

¹⁹ Brasil se classifica e enfrenta Chile nas oitavas de final. *BBC Brasil*, 23 jun. 2014.

²⁰ Brasil vence o Chile nos pênaltis em oitavas de final nervosa no Mineirão. *Placar*, 28 jun. 2014.

²¹ Por que os jogadores brasileiros estão chorando tanto? *UOL*, 1º jul. 2014.

²² Comissão técnica age para melhorar controle emocional de jogadores. *O Estado de São Paulo*, 30 jun. 2014.

²³ Escândalo da venda de ingressos da CBF nesta Copa do Mundo é alvo de investigação da polícia. *Brasil Post*, 2 jul. 2014.

²⁴ Seleção vai à semifinal com gols e atuação de gala de zagueiros. *UOL*, 4 jul. 2014.

²⁵ Neymar fratura vértebra e atacante não joga mais na Copa. *Folha de São Paulo*, 4 jul. 2014.

²⁶ Brasil sofre goleada da Alemanha em vexame histórico e disputará o 3º lugar. *Globo Esporte*, 8 jul. 2014.

buscam entender o porquê do resultado²⁷ quanto fazer sátiras e piadas com a disputa que gerou reações diversas e intensas da torcida brasileira²⁸.

12 de julho de 2014 – Na disputa pelo terceiro lugar, Brasil perde para a Holanda por 3x0, no Rio de Janeiro²⁹. A seleção termina a Copa do Mundo 2014 classificada na quarta colocação.

13 de julho de 2014 – Antes da realização do jogo final da Copa do Mundo (Alemanha x Argentina, do qual o primeiro time saiu campeão), é realizada a festa de encerramento da competição³⁰. Com as participações das cantoras Ivete Sangalo e Shakira, o clima se mantém tão morno quanto a cerimônia de abertura, embora, segundo algumas críticas, tenha superado a primeira³¹.

²⁷ Brasil 1 x 7 Alemanha: o que explica o vexame do Brasil? *Carta Capital*, 9 jul. 2014.

²⁸ Dez reações que provam que é melhor rir do que chorar do 7 a 1. *Terra*, 8 jul. 2014.

²⁹ Com uma goleada por 3x0, Holanda liquida os restos do Brasil. *El País*, 12 jul. 2014.

³⁰ Crítica: mais curta, festa de encerramento da Copa fica devendo. *Folha de São Paulo*, 14 jul. 2014.

³¹ Cerimônia de encerramento é de novo modesta, mas supera fracasso na abertura da Copa do Mundo. *R7*, 13 jul. 2014.

4. METODOLOGIA

4.1. Percurso metodológico

Williams (1992), ao falar sobre métodos para o estudo de cultura, cita a análise de conteúdo – a qual chama de técnica de observação sistemática – como uma das mais adequadas para este tipo de pesquisa:

Os estudos sociológicos de ‘conteúdo’ cultural têm-se distinguido de estudos, comparáveis sob outros aspectos, em história da arte ou da literatura pelos pressupostos metodológicos da análise observacional (...) A análise de conteúdo é muitas vezes criticada por seus achados ‘meramente quantitativos’; seus dados, porém, embora o mais das vezes exijam interpretação ulterior, são essenciais para qualquer sociologia desenvolvida da cultura, não só em sistemas modernos de comunicações, em que o grande número de obras torna isso inevitável, mas também em tipos mais tradicionais de trabalho. (WILLIAMS, 1992, p. 18).

Seguindo os argumentos do autor, a escolha de tal método de análise para este trabalho deve-se à sua capacidade de gerar dados objetivos acerca de um problema de pesquisa, em especial um que conta com uma vasta quantidade de material, ao mesmo tempo em que possibilita a posterior interpretação dos resultados, baseada no contexto em que eles estão inseridos. Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo “oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 1977, p. 9), caracterizando-a como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Para a autora, a análise de conteúdo é moldada para pesquisadores que querem dizer não à ilusão da transparência, “recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea” (BARDIN, 1977, p. 28), atitude de vigilância crítica que, ao ser adotada, exige uma sequência metodológica e o emprego de técnicas que visem à ruptura com um primeiro plano de leitura. Assim, os métodos empregados na análise de conteúdo buscam ultrapassar as incertezas da leitura pessoal de mensagens simbólicas e o enriquecimento da leitura, uma vez que uma análise mais atenta pode descobrir “conteúdos e estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 29). A autora ainda destaca que a análise de conteúdo, ao cumprir os objetivos citados, tem duas

funções, que podem ou não se dissociar: uma heurística, de caráter exploratória e propícia à descoberta; e uma que tende à administração das provas, para verificar ou refutar hipóteses pré-estabelecidas (BARDIN, 1977, p. 30). Todas estas características levam a um campo de atuação muito vasto, afinal, “qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por esse deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 32).

Adequando-se ao domínio, ao contexto e aos objetivos pretendidos, Bardin (1977, p. 31) afirma que esta metodologia deve ser reinventada a todo momento, o que, de fato, tem acontecido desde seu surgimento, no início do século XX, nos Estados Unidos. Fonseca Júnior (2009, p. 281) diz que a análise de conteúdo é originária do positivismo, corrente de pensamento cuja principal característica é a valorização das ciências exatas como paradigma de cientificidade – daí trazer tal objetividade e rigor mesmo para o campo social e humano. Os primeiros trabalhos que a utilizaram, impulsionados pela Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia (EUA), eram essencialmente jornalísticos, nos quais o foco estava em estudos quantitativos, que tinham “um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página)” (BARDIN, 1977, p. 15).

O cenário muda com a ocorrência da Primeira e, mais intensamente, da Segunda Guerra Mundial. Neste período, a análise de conteúdo encontra seu auge, tanto na esfera teórica quanto na prática. Em relação à primeira, há avanços oriundos da preocupação em “trabalhar com amostras reunidas de maneira sistemática, a interrogar-se sobre a validade do procedimento e dos resultados, a verificar a fidelidade dos codificadores e até a medir a produtividade da análise” (BARDIN, 1977, p. 19), culminando, então, em “conceitos bem específicos, ricos marcos teóricos, adesão de cientistas e aplicação de ferramentas estatísticas mais precisas (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 283); já a esfera prática deixa-se envolver pelos interesses do governo em investigações políticas e de propaganda subversiva – Bardin (1977, p. 16) chega a citar que 25% dos estudos empíricos que empregaram esta metodologia nesta época pertenciam a este hall de atuação.

Vivendo uma existência cíclica, após o apogeu na Segunda Guerra Mundial a análise de conteúdo passa pelo que Bardin (1977) chama de anos de bloqueio e desinteresse, que em parte se deve, segundo Fonseca Junior (2009), à sua desqualificação entre pesquisadores marxistas que argumentavam que “devido à sua origem positivista, não permitiria uma aproximação crítico-ideológica suficiente dos meios de comunicação de massa” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 281). O panorama volta a mudar após uma série de congressos norte-americanos (o último sendo o *Allerton House Conference*, em Illinois), nos quais surge uma

nova juventude para a análise de conteúdo oriunda, desta vez, de diversas outras áreas de conhecimento dispostas a darem sua contribuição à técnica. A partir deste ponto, Bardin (1977) enxerga duas iniciativas que “desbloqueiam” a análise de conteúdo:

Por um lado, a exigência da objetividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundiam objetividade e cientificidade com a minúcia da análise das frequências. Por outro, aceita-se mais favoravelmente a combinação da compreensão clínica com a contribuição da estatística. Mas, para além do mais, a análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo, antes se tomando consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a inferência. (BARDIN, 1977, p 21-22).

A inferência, dessa forma, passa a ser, se não o eixo central, a intenção principal da análise de conteúdo. Ela é “uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sob os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 284), que pode responder às suas causas ou antecedentes, além de seus possíveis efeitos e consequências (BARDIN, 1977, p. 39). Processo intermediário entre a descrição do texto (na superfície em suas características) e sua interpretação (fatores que determinam tais características), a inferência desvenda as condições de produção das mensagens analisadas (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 299), guiando todo o processo e determinando as etapas dessa metodologia.

A análise de conteúdo pode, então, ser dividida em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Para Fonseca Junior (2009), a pré-análise é uma das etapas mais importantes, pois “consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 290). Nela, devem ser feitas “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95). Para isso, conta-se com subfases metodológicas, a começar pela leitura flutuante dos documentos a serem analisados, visando conhecê-los e “deixando-se invadir por impressões e orientações” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 290). A partir destas primeiras impressões, a escolha dos documentos que irão constituir o *corpus* de pesquisa pode ser realizada, seguindo sempre certas regras, listadas por Bardin (1977, p. 97-98): a regra da exaustividade (todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no período escolhido, devem ser considerados), a da representatividade (caso o material permita, a análise pode ser efetuada com uma amostra), a da homogeneidade (os documentos tem que ser da mesma natureza, do mesmo

gênero ou se reportarem ao mesmo assunto) e da pertinência (o *corpus* precisa ser adequado ao objetivo da pesquisa).

Determinado o *corpus*, é hora da formulação das hipóteses e/ou objetivos. Enquanto a hipótese é “uma afirmação provisória que nos propomos verificar” (BARDIN, 1977, p. 98), o objetivo é “a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 1977, p. 98). Para a autora, enquanto não é obrigatório ter como guia um conjunto de hipóteses, já que a análise pode ser feita com caráter exploratório, os objetivos são sempre necessários. Para finalizar a pré-análise, deve-se, então, fazer a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores. Os índices podem ser a frequência como medida de importância – e indicadores de frequência seriam a repetição/número de aparições, por exemplo – entre outras opções, como “ênfase como medida de tendência ou orientação; equilíbrio de atributos favoráveis e desfavoráveis, quantidade de associações e de classificações manifestadas sobre um símbolo como medida de intensidade ou força de uma convicção” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 295).

Com todo o material preparado, passa-se para a segunda fase de exploração do material, que “se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, (...) não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101). Ou seja, ela consiste em transformar os dados brutos em um material que possa ser interpretado por meio de operações sistemáticas de codificação. O primeiro passo a ser cumprido é determinar as unidades de registro, “unidades de significação a codificar e que correspondem ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base” (BARDIN, 1977, p. 104), que podem ser palavras, expressões, temas ou frases, por exemplo. Estas unidades de registro devem ser organizadas por regras de enumeração, agregação e classificação, tais como presença ou ausência, frequência, frequência ponderada, direção, co-ocorrência, etc. (sendo destas a mais usada a regra da frequência). A partir da coleta das unidades de registro, é importante também categorizá-las, subfase que, segundo Fonseca Junior (2009, p. 298), consiste no trabalho de classificar e reagrupar as unidades de registro em número reduzido de categorias a fim de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade. A categorização, para pesquisadores da análise de conteúdo, “dá a conhecer índices invisíveis ao nível dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119), sendo, para a autora, qualidades fundamentais das categorias sua exclusão mútua (cada elemento não pode existir em mais de uma divisão), sua homogeneidade (um único princípio de classificação deve governar sua organização), sua pertinência (tem que estar coerente ao material de análise e ao

quadro teórico definidos), sua objetividade e fidelidade (as diferentes partes do material devem ser codificadas da mesma maneira) e sua produtividade (precisa fornecer dados e resultados férteis à pesquisa).

A análise categorial, portanto, divide as unidades de registro em categorias pré-definidas que façam sentido, de acordo com critérios de classificação daquilo que se procura. Feito isso, resta seguir à fase do tratamento dos resultados obtidos:

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ('falantes') e válidos. Operações estatísticas simples (porcentagens) ou mais complexas (análise factorial) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. (...) O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam a respeito de outras descobertas inesperadas (BARDIN, 1977, p. 101).

Para Fonseca Junior (2009) toda pesquisa é motivada pelo desejo de compreensão de alguns aspectos do mundo real, com a utilização de procedimentos e métodos de pesquisa. Porém, “nenhum método – nem mesmo a análise de conteúdo – é capaz de substituir uma boa teoria e um problema de pesquisa sólido” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 290). A especificidade da análise de conteúdo reside na articulação entre descrição e análise da superfície do texto e a dedução lógica – ou inferência – dos fatores que determinaram essas características (BARDIN, 1977, p. 40-41). Por sua potencialidade de, por meio de dados objetivos e procedimentos exatos, ultrapassar a primeira leitura da mensagem e revelar significados e representações não-aparentes, a análise de conteúdo, portanto, é a metodologia que norteia este trabalho, apoiada na base teórica já abordada em capítulos anteriores e, a seguir, colocada em prática.

4.2. Objeto de pesquisa

No cenário do jornalismo inglês, é possível distinguir alguns tipos diferenciados de publicações impressas, em especial as consideradas tabloides – mais sensacionalistas e populares – e de referência – com maior peso jornalístico e qualidade. De acordo com a classificação de Dalpiaz (2013), o *The Guardian* encaixa-se no segundo tipo, podendo ainda ser chamado de *quality newspaper* (jornal de qualidade), devido à “quantidade de reportagens sobre política e economia, com qualidade de análise e opinião editorial, que abordam ainda educação, artes e pautas em discussão” (DALPIAZ, 2013, p. 96). Molina (2007), vai além da Inglaterra e coloca o *The Guardian* entre os maiores jornais do mundo. Este posto é

conquistado por uma soma de fatores, desde a relevância atual até a importância histórica, a influência – normalmente, maior do que o próprio lucro – na formação da esfera pública e pelo jornal se constituir de um “repertório de informações que, muitas vezes, os historiadores recorrerão a seus arquivos (hoje, vários já são digitalizados) para fazer pesquisas” (MOLINA, 2007, p. 12).

O *The Guardian* foi fundado em 1821, em Manchester, na Inglaterra, e desde suas origens carrega uma tendência à defesa dos valores liberais. No artigo jornalístico “História do *The Guardian*”, encontrado no site do jornal, há a afirmação de que a publicação foi criada no intuito de promover o interesse liberal, intenção que permaneceu intacta do seu surgimento até hoje, passando ilesa por vários momentos de mudança: de endereço, saindo de Manchester e se estabelecendo em Londres, em 1976, e, em 2008, da famosa Fleet Street (rua londrina conhecida por reunir sedes da imprensa) para o Kings Place, localizado na estação King’s Cross e que se consolidou como uma espécie de centro cultural “que abriga galerias, conferências e espetáculos, além de espaços para escritórios e a própria redação do jornal” (DALPIAZ, 2013, p. 126); de design gráfico em vários momentos, mas em especial em 2005, quando adotou o formato *berliner*, sendo o primeiro jornal da Inglaterra a fazê-lo; e de dono, já que, em 1936, o então editor John Russell Scott passou o controle do jornal à fundação sem fins lucrativos Scott Trust “com a finalidade de manter sua independência e garantir sua publicação” (DALPIAZ, 2013, p. 123).

A história do *The Guardian* mostra que, muitas vezes, ele foi capaz de colocar seus ideais acima de qualquer questão mercadológica ou de descontentamento do público com suas escolhas jornalísticas, consolidando “seu prestígio como um jornal que arriscava a sobrevivência para manter os princípios” (MOLINA, 2007, p. 356). Uma frase célebre e que reflete os ideais do *The Guardian* é creditada ao editor do jornal por 57 anos, CP Scott (pai de John Russell Scott), que diz: “o comentário é livre, mas os fatos são sagrados. A voz dos oponentes, não menos do que a dos amigos, tem o direito de ser ouvida”. A gestão de CP Scott chegou mesmo a ser conhecida por trilhar “caminhos que se, de um lado, colocaram em risco a vida do jornal, de outro firmaram o veículo como principal formador de opinião da esquerda intelectual” (DALPIAZ, 2013, p. 12). Assim, o *The Guardian* é, inclusive, muitas vezes visto como um “jornal das minorias”, rótulo que, segundo Molina (2007), estaria se desfazendo gradualmente para focar no leitor comum.

Transformações recentes acabam surgindo para adaptar a publicação aos novos leitores e aos tempos da internet, mudança que tem se provado eficiente, já que “sua edição on-line é a mais visitada entre os jornais ingleses (...) e é considerado o melhor jornal

eletrônico do mundo, melhor do que o do *The New York Times* e *The Washington Post*” (MOLINA, 2007, p. 370). De acordo com uma linha do tempo do desenvolvimento do website do *The Guardian*, disponibilizada no próprio endereço eletrônico do jornal, em junho de 2012, por exemplo, o site alcançou a marca de 30,4 milhões de usuários únicos ao redor do globo, “fazendo dele o terceiro website de jornal mais popular do mundo”. Os investimentos na sua plataforma on-line são decorrentes da queda das vendas do impresso – nos meses de junho e julho de 2014, período que esta pesquisa abrange, a circulação da publicação ficou na média de 183 mil exemplares diários, segundo dados da ABC – e de um esforço em ser um jornal que ultrapasse as fronteiras da Inglaterra, atendendo a um público cada vez mais internacional.

Esta tendência atual pode ser considerada reflexo de uma forte tradição no jornalismo internacional no *The Guardian*, onde “os assuntos internacionais, inclusive a América Latina e sua luta pela independência, receberam, desde o início, uma boa cobertura. As edições de 21 e 28 de setembro de 1822 incluíram uma longa carta do Brasil datada de 14 de julho” (MOLINA, 2007, p. 351). O autor ainda cita a cobertura exemplar da Revolução Russa de 1914, na qual ele “foi o único jornal que não seguiu a linha oficial ditada pela chancelaria de seu país” (MOLINA, 2007, p. 358).

Focando no Brasil e em tempos mais próximos, o *The Guardian* mantém correspondentes na região desde a década de 90. Hoje, o correspondente internacional da América Latina do *The Guardian* é Jonathan Watts, premiado jornalista britânico, além de autor do livro *When a Billion Chinese Jump* (sem tradução para o português). Watts encontra-se sediado no Rio de Janeiro, Brasil, e é o único correspondente fixo do jornal em todo o território latino-americano (embora conte com a colaboração de outros jornalistas locais ou enviados de Londres, em especial quando há eventos de relevância, que é o caso da Copa do Mundo), atuando na função desde 2013. Sobre o trabalho, ele falou em entrevista a De Almeida (2014) que está sempre à procura de histórias – a partir de uma variedade de fontes, como dicas, redes sociais, blogs, outros meios de comunicação, revistas científicas, eventos pautados e até fofocas – que sejam de interesse para um público internacional e que se adequem às prioridades editoriais do *The Guardian*: “socialmente liberal, ambientalmente sustentável, politicamente progressista, culturalmente inovador e internacionalista” (DE ALMEIDA, 2014, p. 82).

Desta forma, embora Jonathan Watts goze de relativa liberdade jornalística, as recomendações vindas do *The Guardian* são para que este profissional não se restrinja à mera reprodução das notícias locais, mas que busque aprofundar as reportagens, apresentando um

material analítico. A orientação editorial é que “se produzam textos jornalísticos sobre a cultura do país, o que pode resultar na apresentação de um novo livro, uma direção de um filme, um programa de televisão, algo que revele um pouco sobre o modo de viver das pessoas, o cotidiano” (DALPIAZ, 2013, p. 131) Afinal, como diz o editor internacional do jornal, Martin Hodgson, em entrevista à autora, “não há razão em pagar pessoas para ir para um país diferente e produzir as mesmas notícias que as agências cobrem” (DALPIAZ, 2013, p. 130). Porém, segundo ela, a mesma recomendação enfrenta barreiras dentro do próprio corpo editorial do veículo, já que há um leque de interesse do jornal que não comporta temas que não fazem parte de uma ideia pré-concebida de Brasil. Na mesma entrevista à Dalpiaz (2013), Hodgson chega a afirmar que “o Brasil é um país difícil em termos de como se relaciona com a América Latina, porque é um país tão grande, tem sua própria agenda de notícias e o correspondente tem que aprender uma língua diferente” (DALPIAZ, 2013). O editor ainda:

Salienta que a América Latina não tem sido prioridade na imprensa britânica em termos de cobertura exclusiva, diferentemente dos Estados Unidos, que, por razões óbvias de ‘vizinho próximo’, destinam maior atenção ao país. Por outro lado, ressalta o editor que a tendência do *The Guardian* de cobrir o continente latino-americano deve-se ao fato de ser um dos jornais ingleses que, tradicionalmente, mais investe em noticiário internacional. (DALPIAZ, p. 127, 2013).

Para a cobertura da Copa do Mundo 2014, o *The Guardian*, obviamente, mobilizou mais profissionais além de Jonathan Watts – embora seja ele um dos jornalistas que mais escreveu no *corpus* de análise desta pesquisa, 14 matérias ao todo. Foram listados 20 autores diferentes a escreverem sobre o Brasil ou os brasileiros no período estudado, entre eles jornalistas que publicavam seus textos da Inglaterra, correspondentes e enviados especiais que escreviam direto do Brasil, convidados – tanto ingleses quanto estrangeiros – e *freelancers*, além de matérias assinadas pelo *Staff* (o que poderíamos chamar de “direto da redação”) ou por agências de notícias. A lista completa de autores encontra-se no Anexo 1. Um ponto interessante é que pelo menos uma jornalista foi declaradamente deslocada para produzir material que fugisse da cobertura do evento esportivo em si. É o caso de Hadley Freeman, enviada especificamente para escrever matérias além do futebol. Em um artigo posterior à Copa, intitulado “Minha improvável tarefa da Copa do Mundo: ‘hey, foi apenas como a Semana de Moda!’” (no original: *My unlikely World Cup assignment: hey, it was just like fashion week!*), ela relata a experiência como a “única correspondente a não saber que a Copa do Mundo era realizada a cada quatro anos”. Ainda se nota que muitos correspondentes

ou jornalistas escrevem, neste período, sobre temas de sua área de especialidade: Catherine Balson, por exemplo, é blogger de comida e fala sobre a nova “onda” de restaurantes na favela; Jonathan Jones é crítico de arte e escreve sobre arte de protesto nas ruas e um ensaio que compara a derrota do Brasil para a Alemanha por 7x1 nas semifinais do torneio a um teatro trágico.

Uma última observação relevante para esta pesquisa sobre o *The Guardian* é sua estrutura atual. O jornal é dividido em partes determinadas: a Seção Principal, que abrange editoriais que vão de Notícias do UK e Internacional a Educação e Clima; a Seção de Esportes, o G2 (o que chamaríamos de Caderno 2), além de suplementos não-diários como Turismo, Família e o *The Observer*, jornal extra que sai sempre aos domingos. A versão impressa é disponibilizada na íntegra no site do jornal – tanto a do dia de acesso quanto as anteriores, em um arquivo simples e eficaz – e suas matérias são vinculadas à estrutura on-line do portal. Ou seja, uma reportagem que tem somente texto e imagem no jornal diário pode ser acrescida de recursos audiovisuais no site; uma matéria que fazia parte da Seção de Esportes pode ter seu link de acesso redirecionado automaticamente para uma subeditoria Futebol do portal digital; um suplemento impresso pode mudar de layout para se adaptar à experiência de leitura na tela. Além de mostrar uma sintonia entre versões impressas e digitais, esclarecer estes detalhes é importante para não haver nenhum equívoco nas posteriores classificações e análises deste estudo.

4.3. Corpus de pesquisa

Com ampla reputação internacional, o *The Guardian* foi escolhido como fornecedor do material a ser analisado não só pelas razões e histórico descritos no item anterior, mas por, em comparação a outras publicações estrangeiras – o americano *The New York Times*, por exemplo – poder trazer resultados mais pertinentes à pesquisa por uma série de razões: não ser tão academicamente estudado quanto outros jornais, ter um público com uma ligação mais forte com o futebol do que o americano, possuir tradição no jornalismo internacional e trazer mais matérias analíticas e que ultrapassassem o básico do relato factual sobre jogos e desempenho das seleções, buscando sempre incluir matérias que trouxessem aspectos da identidade brasileira ao leitorado inglês. Assim, com o objetivo de verificar quais as representações do Brasil no *The Guardian* durante a realização da Copa do Mundo 2014, um megaevento esportivo, em um primeiro momento foi realizada uma leitura flutuante de todas as matérias publicadas na versão impressa do jornal (acessadas no endereço on-line www.theguardian.com, no qual o jornal impresso é disponibilizado na íntegra e

gratuitamente) no período entre os dias 29 de maio de 2014 – duas semanas antes do início da Copa do Mundo – e 20 de julho de 2014 – uma semana após o encerramento da Copa do Mundo – que tivessem alguma menção sobre o Brasil, chegando a um número de 168 textos.

Deste total inicial, porém, para constituir o *corpus* de análise propriamente dito, foram consideradas apenas as matérias que não apenas mencionam, mas têm como tema principal o Brasil e/ou os brasileiros. Para melhor cumprir o objetivo deste estudo, optou-se por excluir do *corpus* as matérias publicadas pelo jornal que falam do Brasil, mas mantém foco no relato e resultado de jogos, discussões sobre escolhas e preparação técnicas da seleção nacional ou resenha dos shows de abertura e encerramento. Da mesma maneira, foram encontradas matérias que focalizam em algum aspecto do Brasil, mas não necessariamente relacionado à Copa do Mundo – embora este caso seja exceção. Estas matérias, sim, foram incluídas ao *corpus*. O período do qual se retirou material também foi estendido para além do começo e fim da Copa do Mundo – duas semanas antes e uma semana depois – a fim de abranger matérias que pudessem trazer expectativas e, posteriormente, ideias mais conclusivas sobre o evento. Ainda, não se fez distinção, no momento da seleção, entre os tipos de textos jornalísticos, incluindo-se no *corpus* tanto matérias factuais quanto *soft news*, relatos em primeira pessoa, editoriais e opiniões.

Considerando o que foi exposto acima, o *corpus* de pesquisa é constituído por 53 matérias (os títulos originais em inglês e os links de acesso se encontram no Anexo 2) que foram veiculadas no período proposto da Copa do Mundo e que têm como eixo temático central o Brasil. Elas seguem relacionadas nos quadros a seguir:

QUADRO 1 – MATÉRIAS ANALISADAS DO PERÍODO PRÉ-COPA DO MUNDO (29 DE MAIO A 11 DE JUNHO DE 2014)			
DATA	MANCHETE (TRADUZIDA PELA AUTORA)	TIPO DE TEXTO JORNALÍSTICO	EDITORIA
29/5	Músicas de protesto rivais da Copa do Mundo atropelam a atenção dos fãs	Factual	Futebol
29/5	Copa do Mundo 2014: nas finais brasileiras, o homem com óculos de proteção será rei	Opinião	Futebol
29/5	O lugar mais quente do Rio para se comer – as favelas	Relato em primeira pessoa	Estilo de vida (subeditoria: comida)
31/5	Brasil: o mundo aos seus pés	Factual	Futebol (em: especial Copa do Mundo)
31/5	Brasil 2014: o que a Copa do Mundo significa para nós	Factual	Futebol (em: especial Copa do Mundo)
3/06	Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e	<i>Soft news</i>	Esportes (em: Guia

se desculpar em português			Alternativo para Copa do Mundo 2014)
4/06	Copa do Mundo: prefeito de Manaus pede a fãs ingleses para se comportarem como “padres”	Factual	Futebol
6/6	Copa do Mundo 2014: cidade do jogo de abertura, São Paulo, atingida por greve no transporte público	Factual	Mundo (subeditoria: Americas)
7/6	Espírito latino: trilha da cachaça do Brasil	Relato em primeira pessoa	Viagem
8/6	Copa do Mundo 2014: grupos e protestos nas ruas do Brasil	Factual	Mundo (em: <i>The Observer</i>)
8/6	Os ingredientes essenciais do Brasil 2014: o logo, o mascote e a música de J-Lo	<i>Soft news</i>	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
9/6	Políticos brasileiros apostando na vitória da Copa do Mundo para ajudar a suavizar inquirição	Factual	Futebol
10/6	Deixe-os comer futebol: arte de rua anti-Copa do Mundo do Rio de Janeiro	<i>Soft news</i>	Cultura (subeditoria: arte & design)

QUADRO 2 – MATÉRIAS ANALISADAS DO PERÍODO DA COPA DO MUNDO (12 DE JUNHO A 13 DE JULHO DE 2014)

DATA	MANCHETE (TRADUZIDA PELA AUTORA)	TIPO DE TEXTO JORNALÍSTICO	EDITORIA
12/6	Copa do Mundo 2014: pronto ou não, é hora do Brasil se mostrar ao mundo	Factual	Futebol
12/6	“A Copa do Mundo é realmente só para as pessoas de helicópteros”	Factual	Mundo
12/6	Copa do Mundo 2014: greves deixam São Paulo congelada ao invés de em fervor	Factual	Futebol
12/6	Brasil 2014 está aqui: não só qualquer Copa do Mundo, mas a Copa das Copas	Opinião	Futebol
13/6	Estádio de Manaus em franca pressa para ficar pronto para o jogo Inglaterra x Itália	Factual	Futebol
15/6	Brasil: prisões e repressão, mas ativistas anti-Copa do Mundo levam sua mensagem	Factual	Mundo (em: <i>The Observer</i>)
15/6	Ingleses encontram uma quente boas-vindas no calor lancinante da floresta Amazônica	Factual	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
17/6	Fábrica de figurinhas da Copa do Mundo Panini: São Paulo é meca para colecionadores	<i>Soft news</i>	Futebol
18/6	Gols, emoção e vilania – até agora, esta foi uma Copa do Mundo para se saborear	Opinião	Futebol
18/6	Como a Copa do Mundo do Brasil vendeu seu povo a curto prazo na Amazônia	Opinião	Futebol
19/6	Polícia brasileira criticada sobre incursão em campo de protesto	Factual	Mundo (subeditoria: Américas)
20/6	Cena musical de São Paulo: “todo dia é segunda, toda noite é sábado”	<i>Soft News</i>	Cultura (subeditoria: música)
20/6	América Latina: novas fronteiras da indústria musical	<i>Soft News</i>	Cultura (subeditoria: música)
21/6	Fãs da Copa do Mundo de todas as classes se deleitam na praia, apesar da colonização da Fifa	Opinião	Futebol
22/6	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	Relato em primeira pessoa	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
24/6	Residentes das favelas fazem a Copa do Mundo funcionar para eles com hospedagem para fãs	<i>Soft News</i>	Futebol

28/6	América Latina se deleita em seu momento na Copa do Mundo	<i>Soft News</i>	Futebol
28/6	Copa do Mundo 2014: cinco coisas que disseram que daria errado no Brasil	Opinião	Futebol
28/6	Copa do Mundo 2014: um carnaval colorido de futebol que poderia ser o melhor de todos	Opinião	Futebol
28/6	Belo Horizonte segura sua respiração ao passo que Brasil acolhe Chile no confronto dos 16	Factual	Futebol
30/6	Brasil luta para se recuperar da vitória por pênaltis emocionante sob o Chile	Factual	Futebol
3/7	Paixão, pressão e preces carregando o Brasil nos sete degraus ao céu	Factual	Futebol
4/7	Time do Brasil da Copa do Mundo chama uma psicóloga depois das lágrimas do jogo contra Chile	Factual	Futebol
5/7	Brasil coloca fãs através do moinho com a montanha-russa contra Colômbia	Factual	Futebol
6/7	Copa do Mundo 2014: um Brasil aturdido chama falta sobre machucado de Neymar	Factual	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
6/7	Entrevista de Neymar a TV brasileira deixa apresentador e audiência em lágrimas	Factual	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
6/7	Reação da mídia: Brasil chora perda de Neymar enquanto Colômbia trilha uma “injustiça”	Factual	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
8/7	A visão do Brasil – enquanto eles se preparam para encarar Alemanha na semi-final	Opinião	Futebol
9/7	Descrença ao Alemanha quebrar o coração do anfitrião Brasil em derrota por 7 a 1	Factual	Futebol
10/7	A noite em que um jogo de futebol no Brasil alcançou as alturas de um teatro trágico	Opinião	Opinião
10/7	Corrida do Brasil na Copa do Mundo acabou, mas ramificações políticas ainda são incertas	Factual	Mundo (subeditoria: Américas)
10/7	Brasil é misto de motim e luto após “maior vergonha da história”	Opinião	Futebol
11/7	Polícia brasileira indica executivo da Match, Ray Whelan, como “fugitivo”	Factual	Futebol
12/7	Verdadeiro esporte nacional do Brasil: enganar o povo	Opinião	Opinião
12/7	A visão do The Guardian sobre os borrões e as glórias desta Copa do Mundo	Editorial	Editorial
13/7	Copa do Mundo 2014: Argentina tem Messi e o Papa. Pode o rival Brasil suportar ver levantar a Copa do Mundo também?	<i>Soft News</i>	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
13/7	Adrian Chiles: porque a Copa do Mundo foi maravilhosa	Opinião	Futebol (em: <i>The Observer</i>)
13/7	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	Relato em primeira pessoa	Futebol (em: <i>The Observer</i>)

QUADRO 3 – MATÉRIAS ANALISADAS DO PERÍODO PÓS-COPA DO MUNDO (14 DE JULHO A 20 DE JULHO DE 2014)

DATA	MANCHETE (TRADUZIDA PELA AUTORA)	TIPO DE TEXTO JORNALÍSTICO	EDITORIA
14/7	Brasil se prova anfitrião perfeito para inspirar uma comvente festa da Copa do Mundo	Factual opinativo	Futebol
16/7	Organizadores das Olimpíadas Rio 2016 confiantes depois do sucesso da Copa do Mundo Brasil	Factual	Esportes

4.4. Questões de pesquisa e categorias de análise

Uma vez com o *corpus* de pesquisa definido, os objetivos iniciais da pesquisa ficam mais fortes e evidentes, se desdobrando, conseqüentemente, em perguntas de pesquisa mais específicas. São duas perguntas centrais (uma se ramificando em mais duas questões secundárias) que devem ser respondidas por meio desta análise:

1. Quais as representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 do jornal *The Guardian*?

1.1. Quais temas brasileiros mais se destacam na mídia internacional, no caso, no jornal *The Guardian*?

1.2. Quais as representações de tais temas na cobertura do jornal *The Guardian* no período analisado?

2. A forma como a Copa do Mundo é representada pode influenciar ou modificar as representações do Brasil? Se sim, como?

Para buscar respostas para a primeira pergunta (“Quais as representações do Brasil?”), foram estipuladas como unidades de registro palavras, expressões e frases que fizessem referência ao Brasil no *corpus* escolhido, tendo como regra de enumeração a presença e a frequência destes. Para encontrar a segunda resposta (“A forma como a Copa do Mundo é representada pode influenciar ou modificar as representações do Brasil?”) seguiu-se o mesmo procedimento, porém enumerando a presença e frequência de palavras, expressões ou frases que fizessem referência à Copa do Mundo 2014, para depois compará-las aos resultados obtidos com a primeira análise sobre o Brasil. Já para verificar as perguntas de pesquisa secundárias (“Quais temas brasileiros mais se destacam no *The Guardian*?”; e “Quais as representações destes temas?”), foi necessário dividir o material coletado em categorias de

análise. Após uma leitura inicial das 53 matérias que constituem o *corpus*, cinco temas principais surgiram. Eles estão contidos na tabela a seguir:

TABELA 1 – CATEGORIAS DE ANÁLISE			
TEMA	DESCRIÇÃO	Nº DE MATÉRIAS	PORCENTAGEM
Aspectos culturais	Matérias que dizem respeito à cultura e a manifestações culturais do Brasil, tais quais música, artes, danças, costumes, dia a dia, etc.	13	24.55%
Aspectos políticos	Matérias que dizem respeito à rotina política do país, ao governo, a notícias sobre a situação ou manobras políticas, etc.	2	3.77%
Aspectos sociais	Matérias que dizem respeito a problemas ou situações que vivem o povo brasileiro, manifestações populares, etc.	11	20.75%
Impressões sobre a Copa	Matérias que dizem respeito à visão do jornal sobre a Copa do Mundo 2014 e sua realização no Brasil.	10	18.86%
Relação do Brasil e brasileiros com o futebol	Matérias que dizem respeito à relação que o Brasil e os brasileiros têm com o futebol e a Copa do Mundo.	17	32.07%
TOTAL		53	100%

Respondendo à primeira pergunta secundária de pesquisa, constatou-se que os temas brasileiros que mais se destacaram na cobertura da Copa do Mundo pelo *The Guardian* foram (em ordem alfabética) 1- Aspectos culturais, 2-Aspectos políticos, 3- Aspectos sociais, 4- Impressões sobre a Copa e 5- Relação do Brasil e brasileiros com o futebol. Para buscar suas representações, assim como proposto na segunda questão secundária de pesquisa, optou-se por transformá-los em categorias de análise. As matérias que constituem cada uma das cinco categorias são, agora, expostas nos quadros de 4 a 8 a seguir:

QUADRO 4 – MATÉRIAS CONSTITUINTES DA CATEGORIA “ASPECTOS CULTURAIS”		
DATA	MANCHETE	DESCRIÇÃO
29/5	Músicas de protesto rivais da Copa do Mundo dão cotoveladas por atenção dos fãs	Músicas – oficiais e não-oficiais – que ganharam destaque na Copa e abordam questões sociais
29/5	O lugar mais quente do Rio para se comer – as favelas	Turismo nas favelas do Rio de Janeiro
3/06	Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e se desculpar em português	Expressões irônicas em inglês com suas traduções em português que os turistas podem usar na Copa
4/06	Copa do Mundo: prefeito de Manaus pede a fãs ingleses para se comportarem “como padres”	Preparação e recepção de turistas ingleses em Manaus
7/6	Espírito latino: trilha da cachaça do Brasil	Turismo focado nos melhores lugares para se tomar cachaça: São Paulo,

8/6	Os ingredientes essenciais do Brasil 2014: o logo, o mascote e a música de J-Lo	Minas Gerais e Rio de Janeiro Descrição de itens principais que envolvem a Copa do Mundo
10/6	Deixe-os comer futebol: arte de rua anti-Copa do Mundo do Rio de Janeiro	Arte de rua anti-Copa, em contraste com os altos gastos para realização do torneio
15/6	Ingleses encontram uma quente boas-vindas no calor lancinante da floresta Amazônica	Recepção dos turistas ingleses em Manaus e organização da Copa na cidade
17/6	Fábrica de figurinhas da Copa do Mundo Panini: São Paulo é meca para colecionadores	Confecção e febre pelas figurinhas do álbum oficial da Copa
20/6	Cena musical de São Paulo: “todo dia é segunda, toda noite é sábado”	Cena musical de São Paulo, com destaque a novos artistas independentes/fora do mainstream
20/6	América Latina: nova fronteira da indústria musical	Melhoria da indústria e público musical na América Latina, incluindo Brasil
22/6	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	Relato em primeira pessoa do dia a dia de repórter no Brasil
13/7	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	Relato em primeira pessoa do dia a dia de repórter no Brasil

QUADRO 5 – MATÉRIAS CONSTITUINTES DA CATEGORIA “ASPECTOS POLÍTICOS”

DATA	MANCHETE	DESCRIÇÃO
9/6	Políticos brasileiros apostando na vitória da Copa do Mundo para ajudar a suavizar inquietação	Relação passional entre futebol e política e sua influência na política
10/7	Corrida do Brasil na Copa do Mundo acabou, mas ramificações políticas ainda não são claras	Consequências políticas da derrota por 7x1 contra a Alemanha

QUADRO 6 – MATÉRIAS CONSTITUINTES DA CATEGORIA “ASPECTOS SOCIAIS”

DATA	MANCHETE	DESCRIÇÃO
6/6	Copa do Mundo 2014: cidade do jogo de abertura, São Paulo, atingida por greve no transporte público	Greve de transporte público em São Paulo
8/6	Copa do Mundo 2014: grupos e protestos nas ruas do Brasil	Falta de apoio à Copa por parte da população, o que resultou em protestos anti-Copa
12/6	“A Copa do Mundo é realmente só para as pessoas de helicópteros”	Desigualdade social na Copa do Mundo, retratada pelo contraste entre os estádios e um acampamento de Trabalhadores Sem Teto em seus arredores
12/6	Copa do Mundo 2014: greves deixam São Paulo congelada ao invés de em fervor	Greve de transporte público em São Paulo e falta de apoio à Copa por parte da população
15/6	Brasil: prisões e repressão, mas ativistas anti-Copa do Mundo levam sua mensagem	Protestos anti-Copa do Mundo e repressão policial neles
18/6	Como a Copa do Mundo do Brasil vendeu seu povo a curto prazo na Amazônia	Obras feitas em Manaus para a Copa do Mundo, que não terão utilidade para sua população local, excluída economicamente de participar do torneio
19/6	Polícia brasileira criticada sobre incursão em campo de protesto	Protestos e repressão policial em Recife
21/6	Fãs da Copa do Mundo de todas as classes se deleitam na praia, apesar da colonização da Fifa	Fifa Fan Fest, local oficial de transmissões de jogos x festa gratuita

24/6	Residentes das favelas fazem a Copa do Mundo funcionar para eles com hospedagem para fãs	dos torcedores nas ruas e praias Hospedagem de turistas na favela como forma de ganho financeiro a locais
11/7	Polícia brasileira indica executivo da Match, Ray Whelan, como “fugitivo”	Atualizações nas informações sobre o escândalo da venda ilegal de ingressos da Copa
12/7	Verdadeiro esporte nacional do Brasil: enganar o povo	Crítica: promessas não-cumpridas na Copa do Mundo

QUADRO 7 – MATÉRIAS CONSTITUIENTES DA CATEGORIA “IMPRESSÕES SOBRE A COPA”

DATA	MANCHETE	DESCRIÇÃO
29/5	Copa do Mundo 2014: nas finais brasileiras, o homem com óculos de proteção será rei	Segurança na Copa do Mundo
12/6	Copa do Mundo 2014: pronto ou não, é hora do Brasil se mostrar ao mundo	Cenário geral para o início da Copa
12/6	Brasil 2014 está aqui: não só qualquer Copa do Mundo, mas a Copa das Copas	Expectativas sobre a Copa no país do futebol
13/6	Estádio de Manaus em pressa frenética para ficar pronto para o jogo Inglaterra x Itália	Obras (e atraso delas) em Manaus para seu primeiro jogo
18/6	Gols, emoção e vilania – até agora, esta foi uma Copa do Mundo para se saborear	Impressões sobre a primeira semana da Copa
28/6	Copa do Mundo 2014: cinco coisas que disseram que daria errado no Brasil	Revisão sobre expectativas x realidade na Copa
12/7	A visão do The Guardian sobre os borrões e as glórias desta Copa do Mundo	Visão editorial sobre a Copa do Mundo
13/7	Adrian Chiles: porque a Copa do Mundo foi maravilhosa	Visão pessoal sobre a Copa do Mundo
14/7	Brasil se prova anfitrião perfeito para inspirar uma comovedora festa da Copa do Mundo	Revisão pós-evento da Copa do Mundo sobre o Brasil no papel de país-sede
16/7	Organizadores das Olimpíadas Rio 2016 confiantes depois do sucesso da Copa do Mundo Brasil	Preparações para as Olimpíadas de 2016 após o fim da Copa do Mundo

QUADRO 8 – MATÉRIAS CONSTITUIENTES DA CATEGORIA “RELAÇÃO BRASIL E BRASILEIROS COM O FUTEBOL”

DATA	MANCHETE	DESCRIÇÃO
31/5	Brasil: o mundo aos seus pés	Relação Brasil e brasileiros com o futebol por meio de histórias de locais
31/5	Brasil 2014: o que a Copa do Mundo significa para nós	Depoimentos de locais sobre futebol
28/6	Copa do Mundo 2014: um carnaval colorido de futebol que poderia ser o melhor de todos	Atmosfera e revisão sobre a primeira fase da Copa
28/6	América Latina se deleita em seu momento na Copa do Mundo	Clima latino-americano na Copa do Mundo
28/6	Belo Horizonte segura sua respiração ao passo que Brasil acolhe Chile no confronto dos 16 últimos	Atmosfera na Copa diante do jogo Brasil x Chile das oitavas de final
30/6	Brasil luta para se recuperar da vitória por pênaltis emocionante sob o Chile	Estado emocional dos jogadores brasileiros após jogo contra o Chile
3/7	Paixão, pressão e preces carregando o Brasil nos sete degraus ao céu	Estado emocional dos brasileiros/torcida após jogo contra o Chile
4/7	Time do Brasil da Copa do Mundo chama uma psicóloga depois das lágrimas do jogo contra Chile	Estado emocional dos jogadores e medidas técnicas referentes a isso após jogo contra o Chile
5/7	Brasil coloca fãs através do moinho com a montanha-russa contra Colômbia	Torcida e sua reação ao jogo Brasil x Colômbia nas quartas de final

6/7	Copa do Mundo 2014: um Brasil aturdido chama falta sobre machucado de Neymar	Reação da torcida à lesão/saída da equipe de Neymar e relação passional dos brasileiros com o futebol
6/7	Entrevista de Neymar a TV brasileira deixa apresentador e audiência em lágrimas	Reação da torcida à lesão/saída da equipe de Neymar e relação passional dos brasileiros com o futebol
6/7	Reação da mídia: Brasil chora perda de Neymar enquanto Colômbia trilha em “injustiça”	Reação da mídia à lesão e saída da equipe de Neymar
8/7	A visão do Brasil – enquanto eles se preparam para encarar Alemanha na semi-final	Visão geral da torcida e da seleção pré-jogo da semi-final Brasil x Alemanha
9/7	Descrença ao Alemanha quebrar o coração do anfitrião Brasil em derrota por 7 a 1	Reação dos brasileiros à derrota por 7x1 contra a Alemanha
10/7	A noite em que um jogo de futebol no Brasil alcançou as alturas de um teatro trágico	Crônica sobre a derrota por 7x1 contra a Alemanha
10/7	Brasil é misto de motim e luto após “maior vergonha da história”	Atmosfera do país e da torcida após a derrota por 7x1 contra a Alemanha
13/7	Copa do Mundo 2014: Argentina tem Messi e o Papa. Pode o rival Brasil suportar ver levantar a Copa do Mundo também?	Rivalidade entre Brasil e Argentina

Com os cinco temas principais e suas correspondentes categorias de análise determinados, a fim de encontrar as representações dos aspectos culturais, aspectos políticos, aspectos sociais, impressões sobre a Copa e relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol, para esta parte da análise foram listadas as unidades de registro, ou seja, palavras, expressões e frases que dizem respeito a cada um dos temas, enumerando-as de acordo com sua aparição e ocasional frequência, com o cuidado de relacioná-las a um subtema quando há a necessidade. Estes subtemas, por sua vez, também devem ser enumerados de acordo com a sua aparição e frequência. Por exemplo, na categoria Aspectos sociais, a unidade de registro “passageiros irados” pode se referir ao subtema “greve” que, por sua vez, é o terceiro mais encontrado dentro da categoria.

Desta forma, podemos classificar as categorias tanto pela quantidade de matérias que fazem parte de cada uma delas quanto pela frequência de unidades de registro referentes a cada uma – diferentes classificações que resultam em números também diferentes: por exemplo, mesmo que a categoria Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol contenha mais matérias (17 no total), é a categoria Aspectos sociais que possui maior recorrência de unidades de registro; ou ainda a categoria Aspectos políticos, que, mesmo com apenas duas matérias, tem uma média maior de unidades de registro por matéria do que a categoria mais extensa Aspectos culturais (média de 9 por matéria contra 4.38, respectivamente), como podemos ver na tabela a seguir:

TABELA 2 – QUANTIDADE DE UNIDADES DE REGISTRO E MÉDIA POR MATÉRIA			
CATEGORIA	QUANTIDADE DE MATÉRIAS	QUANTIDADE DE UNIDADES DE REGISTRO	MÉDIA UNIDADES DE REGISTRO POR MATÉRIA
Aspectos culturais	13	57	4.38
Aspectos políticos	2	18	9
Aspectos sociais	11	100	9.09
Impressões sobre a Copa	10	81	8.1
Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	17	78	4.58
TOTAL	53	334	6.3

Assim, com objeto, *corpus*, método e categorias de análise descritos, passamos agora para a exploração, análise e interpretação do material coletado.

5. REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NO *THE GUARDIAN*

Para fazer a análise propriamente dita do *corpus* de pesquisa e buscar quais as representações do Brasil, assim como as de seus aspectos mais noticiados, no jornal *The Guardian* durante a Copa do Mundo 2014, este capítulo foi dividido em cinco subtítulos, cada um dedicado a uma das categorias de análise (1- Aspectos culturais, 2- Aspectos políticos, 3- Aspectos sociais, 4- Impressões sobre a Copa e 5- Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol), além de um subtítulo introdutório que aborda as representações gerais do Brasil e um posterior que faz a relação entre a imagem do Brasil e a da Copa do Mundo. Em todos, são apresentadas tabelas com a recorrência de unidades de registro referentes a cada tema – e ao Brasil e a Copa do Mundo, no caso de seus subcapítulos referentes –, a relação de todas as unidades de registro agrupadas por núcleo significativo e a subsequente análise quantitativa/qualitativa dos dados. Ainda foram feitos dois adendos, sendo eles Fontes e Palavras em português. Estes foram acrescentados por dois motivos: o primeiro por considerar as fontes de informação utilizadas pelo *The Guardian* uma forma de entender quais os influenciadores diretos na construção da imagem do Brasil e dos aspectos estudados e, o segundo, como indício de que a publicação inglesa, de uma forma ou de outra, tenta se inserir na cultura que reporta, utilizando termos da língua nativa que ou não tem uma equivalência no inglês ou possuem um significado mais amplo para os brasileiros.

5.1. O Brasil no *The Guardian*

Tendo as matérias constituintes do *corpus* de pesquisa sido escolhidas por possuírem como foco o Brasil no período da Copa do Mundo, era quase inevitável que esta unidade de registro surgisse como um termômetro capaz de medir a real aderência do texto com o tema proposto. O primeiro passo da análise foi, então, verificar a recorrência da palavra Brasil (*Brazil*, em inglês), aqui tabelada de acordo com sua frequência em cada categoria de análise:

TABELA 3 – RECORRÊNCIA DA UNIDADE DE REGISTRO “BRASIL” POR CATEGORIA DE ANÁLISE		
CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	130	34.04%
Impressões sobre a Copa	103	26.96%
Aspectos culturais	57	14.92%
Aspectos políticos	52	13.61%
Aspectos sociais	40	10.47%
TOTAL	382	100%

Foi encontrado um total de 382 menções à palavra Brasil, sendo que a maior parte (34.04%) se encontra na categoria Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol, condizendo com a lógica de que a categoria com maior número de matérias também teria a maior recorrência desta unidade de registro. Porém, a equivalência para aí. A segunda categoria com mais recorrência da palavra Brasil, Impressões sobre a Copa, é apenas a quarta em número de matérias e a terceira na média de unidades de registro temáticas por matéria. As duas, juntas, respondem por mais de 60% das aparições de “Brasil” no *corpus*, sendo que Impressões sobre a Copa “abre uma vantagem” quase dobrada em relação a Aspectos culturais, que vem em terceiro na lista. Com estes dados, percebemos que as únicas categorias que têm ligação direta com o futebol e a Copa do Mundo são as que se destacam em utilizar a unidade de registro “Brasil” em seus textos.

Outra observação é que, com o número de 382 repetições no total de 53 matérias, resulta-se em uma média geral significativa de 7.2 menções da palavra por texto, verificando-se positivamente que a temática Brasil é central na totalidade do *corpus*. Já a recorrência da unidade de registro “Brasil” em títulos e linhas finas foi tabelada separadamente:

TABELA 4 – RECORRÊNCIA DA UNIDADE DE REGISTRO “BRASIL” EM TÍTULOS E LINHAS FINAS POR CATEGORIA DE ANÁLISE		
CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	18	40%
Aspectos culturais	9	20%
Aspectos sociais	8	17.78%
Impressões sobre a Copa	8	17.78%
Aspectos políticos	2	4.44%
TOTAL	45	100%

Com um total de 45 aparições, nem todas as matérias apresentaram a unidade de registro em seus títulos e linhas finas. A única categoria que teve uma média positiva – mais unidades de registro “Brasil” do que o número de matérias – foi a Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol, sendo ela também a dona de 40% de todas as menções à palavra. Ainda assim, muitas reportagens das outras categorias deixam implícito já na manchete que a localidade a ser reportada será o Brasil. É o caso de “O lugar mais quente do Rio para se comer – as favelas” (29/5 – Aspectos culturais) e “Estádio de Manaus em pressa frenética para ficar pronto para o jogo Inglaterra x Itália” (13/6 – Impressões sobre a Copa), em que alguma cidade brasileira é mencionada no lugar do país; “Fãs da Copa do Mundo de todas as

classes se deleitam na praia, apesar da colonização da Fifa” (21/6 – Aspectos sociais), título no qual o termo Copa do Mundo deixa claro que o Brasil está envolvido; ou ainda “Políticos brasileiros apostando na vitória da Copa do Mundo para ajudar a suavizar inquietação” (9/6 – Aspectos políticos), em que “brasileiros” poderia ser substituído por “do Brasil” sem alteração de significado.

O que podemos inferir é que existe uma tendência no *The Guardian*, que também está presente no jornalismo impresso no geral, de deixar explícito, tanto nos títulos quanto na escolha de palavras, o tema central de seus textos. Soma-se a isso o fato de, pelo jornalismo internacional ter uma gama enorme de regiões passíveis de reportagens, ser necessário dar a referência de localidade para o leitor já no início da matéria. Assim, mesmo as que não trazem a unidade de registro “Brasil” tão em evidência, termos correlatos cumprem o papel de localizar o leitor geograficamente e tematicamente.

Com o levantamento específico sobre a unidade de registro “Brasil” já feito, pode-se visualizar que significados e representações são atribuídos a ela. Primeiro, listou-se as palavras e expressões substantivas referentes ao Brasil, ou seja, aquelas que gramaticalmente tomam o seu lugar. Foram encontradas sete expressões que se encaixaram nesta classificação:

TABELA 5 – UNIDADES DE REGISTRO SUBSTANTIVAS REFERENTES A BRASIL		
UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Nação anfitriã/anfitrião	26	48.14%
Nação	11	20.38%
País	8	14.81%
Nação/sociedade obcecada/louca por futebol	6	11.12%
Casa do jogo bonito	1	1.85%
Família global do futebol	1	1.85%
País do futebol (<i>em português</i>)	1	1.85%
TOTAL	54	100%

As primeiras e mais frequentes são “nação anfitriã” ou “anfitrião”. Além de servirem como um sinônimo para Brasil, dando mais fluidez e qualidade jornalística ao texto, as expressões também remetem ao papel do país como sede da Copa do Mundo, relacionando-o automaticamente ao torneio e ao esporte. A ligação entre o Brasil e o futebol também se encontra em “nação louca por futebol” e seus equivalentes, além de “casa do jogo bonito”, “família global do futebol” e “país do futebol” escrito em português mesmo. Embora menos recorrentes, elas são sinais da clássica atribuição que o amor pelo futebol está no sangue dos brasileiros. Enquanto pode-se perceber um tom elogioso em “casa do jogo bonito” e um

sentido de que o futebol é um unificador dos brasileiros em “família global do futebol”, as seis repetições de “nação/sociedade obcecada/louca” sugerem uma relação passional com tal esporte e que, inclusive, pode ter passado do ponto. Já “nação” e “país”, com 11 e oito repetições respectivamente, são termos neutros usados como sinônimo.

Diferentemente das unidades de registro substantivas, as adjetivas foram consideradas aquelas que atribuíram algo ao termo Brasil, funcionando como um adjetivo ou expressão adjetiva a ele. Na tabela a seguir, elas estão classificadas em subcategorias de análise e posteriormente relacionadas na tabela 7 (excluindo-se a subcategoria Quanto às cidades-sedes, tabelada separadamente):

TABELA 6 – UNIDADES DE REGISTRO ADJETIVAS REFERENTES A BRASIL		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto às cidades-sedes	39	24.53%
Quanto à sua relação com a Copa e o futebol	33	20.75%
Quanto a características sociais	26	16.36%
Quanto ao povo/população	21	13.20%
Quanto a avanços econômicos e tecnológicos	18	11.32%
Quanto à geografia	17	10.69%
Quanto à situação política	5	3.15%
TOTAL	159	100%

QUADRO 9 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO ADJETIVAS REFERENTES A BRASIL		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto à sua relação com a Copa e o futebol	- aturdido/em luto/chocado/desconsolado	5
	- mais bem-sucedido da história da Copa do Mundo/ganhou a Copa do Mundo cinco vezes/uma das maiores nações de futebol do mundo	4
	- unido pela paixão ao time nacional/fã apaixonado/paixão indiscutível pelo futebol/amantes de futebol	4
	- onde futebol significa mais/onde o futebol se mantém ligado à identidade nacional/sua autoimagem pode depender novamente de um único gol	3
	- planeja hospedar o maior show na terra	1
	- teve um preparo problemático para o torneio	1
	- no meio da histeria pelo esporte	1
	- escolhido para sediar os dois maiores eventos esportivos	1
	- acorda para a pior ressaca no futebol em seis décadas	1
	- falta decoração e entusiasmo para a Copa do Mundo	1
	- puro tesouro esportivo	1
	- casa do ataque livre	1
	- abraçou o torneio enquanto retém um ceticismo saudável	1
	- provou-se anfitrião perfeito	1
	- intoxicante e hospitaleiro, mas não anfitrião indiscutível	1
	- apaixonou-se pela própria Copa do Mundo	1
	- o mundo está a seus pés	1
	- casa do samba, futebol e jogo bonito	1
	- fornece o palco para o drama	1
	- era esperado que ganhasse	1
- à beira de um colapso nervoso	1	

Quanto a características sociais	- pobreza não só continua, mas a vida dos marginalizados tem ficado pior/pobreza continuada/urbanidade lotada e pobreza geracional imposta	3
	- inseguro/inconstante/fundo em um medo que não mostra sinais de abatimento	3
	- alimenta a esperança de viver com dignidade/vivendo sob expectativas/desperado para mostrar ao mundo que é sério, competente e moderno	3
	- terra de contrastes!/nação genuinamente adorável dos extremos em escala continental/completo demais	3
	- tem problemas profundos/com muitas outras necessidades urgentes	2
	- aconselho não dirigir no Brasil/estado pobre das estradas	2
	- tem grandes déficits nas áreas de saúde, educação e transporte urbano	1
	- terra dos tragicamente pobres, dos ricos inúteis	1
	- coisas parecem e são sentidas diferentes no Brasil	1
	- mantém seu senso de leveza mesmo em circunstâncias difíceis	1
	- merece agradecimentos eternos	1
	- permite os pobres olhar os ricos de cima	1
	- tem mantido as tradições vivas	1
	- nação tão grande, diversa e jovem quanto o Brasil	1
	- níveis de violência, vício em craque e crime são altos	1
- culturalmente conservador	1	
Quanto ao povo/população	- locais estão desapontados/residentes estão furiosos/ansioso, desanimado e ocasionalmente esperançoso/rezou que tudo não tenha passado de um pesadelo/foi deixado desorientado e confuso	5
	- energia maníaca/sempre vai ser colorido e energético/senso tremendo de energia	3
	- famoso espírito festivo/colocou suas preocupações de lado e resolveu curtir a festa	2
	- quentes e generosos anfitriões/recebeu todos de braços abertos	2
	- cheio de pessoas bonitas	1
	- um prazer muito típico brasileiro	1
	- classe industrial arraigada e horrivelmente auto-servicente	1
	- faz você sorrir	1
	- reputação por extravagância	1
	- quanto mais ao sul íamos, mais branca a mistura étnica	1
	- bastante supersticioso	1
	- 200 milhões de pessoas apaixonadas	1
- parecem estar curtindo a si mesmo	1	
Quanto a avanços econômicos e tecnológicos	- proeminente membro do BRIC/estava em ascensão/ganhou internacionalmente como nunca antes/símbolo do crescente poder do mundo em desenvolvimento	4
	- nação da rede social/louco por Twitter/viu uma onda no uso da internet, celulares e redes sociais	3
	- corrida de ouro pela música digital/destino de tours de grandes estrelas/mais preparado para turnês de grandes atos	3
	- perdeu a imagem do eterno país do futuro/não estava mudando rápido o suficiente	2
	- o maior consumidor	1
	- é no coração uma expectativa genuinamente excitante	1
	- colisão do velho e do novo que é central para o largo futuro do Brasil	1
	- inquieto, ansiosa e galopante modernidade	1
	- ótimo lugar para se estar agora	1
	- confiança é alta	1
Quanto à geografia	- subtropical/calor subtropical/subtropical e humidade/quente demais/paisagem plana e quente	5
	- verdadeiramente vasto/distâncias enormes	4
	- insetos tão grandes quanto seu punho se banqueteiavam em cachorros	2

	dormindo embaixo de árvores/estranhamente infeccioso	
	- melhor por causa da praia/com palmeiras	2
	- exuberante/as cores são mais vívidas	2
	- onde a chuva cai em rápidas e torrenciais rajadas	1
	- com muitas vantagens naturais	1
Quanto à situação política	- sofreu inquietante perda de confiança/perdeu a fé em toda uma classe política/no meio de uma crise de confiança	3
	- besta inchada por alegações de corrupção e nepotismo/com suas três camadas de governo e problemas endêmicos de corrupção	2
TOTAL		159

Valores foram atribuídos 159 vezes ao Brasil – aqui, contando também o que foi atribuído a certas cidades, consideradas como parte da totalidade que forma o país e, portanto, reflexo também da percepção que o jornal tem da nação – sendo possível dividi-los em sete subcategorias temáticas: Quanto às cidades-sede (categoria analisada separadamente), Quanto à sua relação com a Copa e o futebol, Quanto a características sociais, Quanto ao povo/população, Quanto a avanços econômicos/tecnológicos, Quanto à geografia e Quanto à situação política.

Tirando as menções às cidades-sede, o que mais aparece são unidades de registro sobre a relação do Brasil com a Copa e o futebol, somando o percentual de 20.75%. Em um período em que a Copa do Mundo 2014 estava acontecendo e muitas das matérias veiculadas pelo *The Guardian* sobre o Brasil estavam na editoria de esportes, é natural que este seja um viés que receba ênfase. Ao observar mais atentamente as palavras e expressões desta subcategoria, percebe-se que a maioria denota que tanto o futebol quanto a Copa significam mais para o país e seus habitantes do que seria habitual. Das 33 menções relacionadas, pode-se afirmar que ao menos 20 passam esta ideia: algumas diretamente, como “onde o futebol significa mais” e “sua autoimagem pode depender novamente de um único gol”; outras indiretamente ao sugerir que existe uma unidade nacional por meio do esporte (“unidos pela paixão ao time nacional” ou “amantes de futebol”), que o Brasil é a nação natural do futebol (“puro tesouro esportivo”, “casa do samba, do futebol e do jogo bonito”, “fornece o palco para o drama” ou “mais bem-sucedido da história da Copa do Mundo”), e ainda que, quando o assunto é futebol e Copa do Mundo, os brasileiros saem do domínio da razão, seja como “fãs apaixonados” ou sofrendo pela seleção. As expressões recorrentes que representam o sofrimento do torcedor perante a atuação do time nacional são quase todas em referência à derrota por 7x1 nas semifinais contra a Alemanha. Ainda nesta subcategoria, o restante das unidades de registro fala sobre o papel do Brasil no torneio em si, seja na preparação (de maneira negativa em “teve um preparo problemático para o torneio”, mas neutra nas outras),

na resposta dos brasileiros à função do país como nação-sede (aqui, com destaque à “falta de entusiasmo” e ao “ceticismo saudável” da população) ou na avaliação final da Copa, que de modo geral é positiva, ainda que com alguns poréns (podendo ser resumida pela expressão utilizada pelo jornal “intoxicante e hospitaleiro, mas não anfitrião indiscutível”).

Já quanto às características sociais, há a predominância de expressões que revelam problemas e fatores negativos sobre o país, em especial a desigualdade³². Além dela, são mencionadas a pobreza, a falta de planejamento urbano, a insegurança, o estado pobre das estradas, da saúde, da educação e dos transportes, a violência, os altos índices criminais e outros problemas (não especificados) que seriam mais urgentes e profundos do que a realização de uma Copa do Mundo. Fazendo jus a pesquisa anteriores que verificaram uma visão pessimista veiculada por mídias estrangeiras quanto aos problemas sociais do Brasil, o *The Guardian* engrossa a lista por este lado, porém também indica, com expressões como “terra de contrastes!”, “complexo demais” ou “coisas parecem e são sentidas diferentes no Brasil”, que não tem referências suficientes para entender a situação social tão diversa e caótica do país. Ao mesmo tempo que aponta tais problemas, o jornal transmite certa surpresa com o fato do Brasil, com tantas adversidades, manter “seu senso de leveza mesmo em circunstâncias difíceis”, alimentar “a esperança de viver com dignidade” e, resumidamente, ser a “nação genuinamente adorável dos extremos em escala continental”. Deve-se reiterar que o que predomina são representações negativa sob a ótica das complicações sociais, mas também há lugar para um espanto positivo de que um país possa continuar vivendo com tais disfunções.

Sobre a população brasileira, o *The Guardian* enfatiza seu caráter festivo, repleto de energia e paixão em pelo menos 13 unidades de registro, desde o que diz respeito à recepção “de braços abertos” na Copa do Mundo a o que seria a tradicional maneira de viver com alegria, “fazendo o turista sorrir”. A ideia de um povo caloroso e receptivo já estava presente na carta de Pero Vaz de Caminha e nas teorias do homem cordial de Sérgio Buarque de Hollanda e, nesta análise, prova-se ainda existente. Há também repetidas expressões de exagero, seja generalizando com “200 milhões de pessoas apaixonadas” ou “cheio de pessoas bonitas”, seja com palavras de ênfase como “tremendo”, “maníaca” ou “muito típico”. Outro ponto a se frisar é o registro das reações negativas dos brasileiros à derrota por 7x1 contra a

³² A unidade de registro “permite os pobres olharem os ricos de cima” pode parecer fora de contexto ao se afirmar que a desigualdade é o assunto predominante desta subcategoria, por isso é necessário explicar que ela se refere às favelas construídas nos morros, sendo, assim, um dos raros locais em que os pobres poderiam, de fato, serem superiores aos ricos e os olharem de cima na organização desigual da sociedade brasileira.

Alemanha, que abrangem tanto desapontamento quanto fúria, esperança, ansiedade, confusão, desorientação, desânimo e até superstição, reforçando a imagem de que o futebol, de fato, é maior para o Brasil do que apenas um esporte. Duas menções isoladas, contudo, notáveis, foram feitas por Jonathan Watts, que notou que “quanto mais ao sul íamos, mais branca a mistura étnica” e rotulou a classe industrial de “arraigada e horrivelmente auto-servicente” (*ingrained and horribly self-serving industrial overclass*, no original). Desta contribuição do correspondente internacional do *The Guardian*, é possível inferir que a presença *in loco* dos jornalistas ainda pode trazer percepções diferenciadas e mais aprofundadas sobre a realidade do país sobre o qual reportam, como já havia afirmado Natali (2004), ao dizer que uma boa rede de correspondentes não pode ser substituída por completo pela internet.

Não há uma percepção tão unificada na subcategoria que trata dos avanços econômicos e tecnológicos. Enquanto algumas ideias vão ao encontro de temas tratados em matérias específicas – é o caso das unidades de registro que focam no aspecto econômico do cenário musical brasileiro ou no uso exacerbado das redes sociais – outras chegam a ser conflitantes. Ao mesmo tempo em que o jornal inglês aponta o Brasil como “proeminente membro do BRIC”, “o maior consumidor” e “ótimo lugar para se estar agora”, o veículo também diz que ele “perdeu a imagem do eterno país do futuro” e “não estava mudando rápido o suficiente”. O embate também reflete na presença da dualidade entre moderno x tradicional ou cenário promissor x nem tanto, dando a sensação de que, apesar de proeminente e com uma confiança alta em alguns momentos, a condição de país do futuro – termo cunhado por Zweig (2013) – e em pleno desenvolvimento nunca realmente chega. No entanto, no quadro geral, a economia brasileira não está entre os assuntos principais abordados pelo *The Guardian*, já que nenhuma matéria constituinte do *corpus* trouxe o tópico como assunto central.

A subcategoria que chegou a dados mais próximos dos resultados já apresentados em pesquisas anteriores sobre as representações do Brasil na mídia estrangeira é a que agrupa as unidades de registro referentes à geografia do país. Ainda que represente apenas 10.69% do total computado, ela é basicamente monotemática, trazendo à tona a usual associação do Brasil a seu vasto território, a suas belezas naturais e às suas características tropicais, em especial o calor. As duas ocorrências em que o tom é negativo (“insetos tão grandes quanto seu punho se banqueteiavam em cachorros dormindo embaixo de árvores” e “estranhamente infeccioso”) falam sobre insetos, o que remete a uma imagem de atraso estrutural devido a condições climáticas/geográficas da região.

Por fim, a situação política do país teve pouca representatividade na sua associação direta com o país, com apenas cinco aparições do total de 54 unidades de registro. Todas têm caráter negativo ao abordar a corrupção – a qual o jornal chama de “problema endêmico” – e a perda de confiança na classe política.

As palavras e expressões que se referiram às cidades-sede da Copa do Mundo foram tabeladas separadamente, por se constituírem de regiões bastante distintas entre si. As maiores surpresas, em um primeiro momento, foram o destaque dado a Manaus (AM) e as poucas unidades de registro atribuídas ao Rio de Janeiro (RJ), levando em consideração que a cidade fluminense se mantém como a sede oficial dos correspondentes internacionais da América Latina do *The Guardian*. Os dados seguem na tabela 8:

QUADRO 10 – RELAÇÃO DE UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES ÀS CIDADES-SEDES					
CIDADE-SEDE	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM		
São Paulo	- reputação como a capital da festa/faz algumas das festas mais selvagens/espírito baladeiro/toda noite é uma sexta	4	48.71%		
	- engasgado em tráfico/ruas engarrafadas/loucura de congestionamento	3			
	- esse é a primeira regra em São Paulo: visuais podem ser enganosos/assim como muitos de seus prédios, não parece muito de fora/talvez não seja o lugar mais bonito pra se olhar	3			
	- existência estressada e workaholic/definida por sua ética trabalhadora	2			
	- diversidade que a faz uma cidade musical tão excitante/muito diversa e sempre mutável	2			
	- cidade de extremos/de contradições	2			
	- se futebol é uma religião, São Paulo parece agnóstica	1			
	- concreto infinito	1			
	- largas avenidas, diversidade étnica, organização cultural ativa, SESC, imagem de selva de pedra e rivalidade competitiva com Rio	1			
	Manaus	muito discutido clima severo da região/alardeado caldeirão/calor sufocante/o mais preocupante é o calor		4	38.46%
		- cidade que queremos evitar/escolha controversa/uma das mais improváveis e controversas cidades-sede/condições criticadas		4	
- jogando na floresta/cidade na floresta amazônica		2			
- Paris dos trópicos		2			
- tem uma das maiores taxas de homicídio no país		1			
- ritmos de samba soam na rua		1			
- mais ao norte e remota cidade-sede		1			
Salvador	- ruas pavimentadas bonitas e vibrantes	1	7.69%		
	- pôr-do-sol vibrante	1			
	- abraçou completamente seu papel como anfitriã do futebol itinerante das tribos	1			
Rio de Janeiro	- enorme favela	1	2.57%		

Fortaleza	- sufocante, suas praias estendem por milhas e é lotada de bares	1	2.57%
TOTAL		39	100%

A presença significativa de Manaus na cobertura da Copa do Mundo feita pelo veículo inglês muito provavelmente se deve pela cidade ter sido o local do primeiro jogo do time da Inglaterra, no dia 14 de junho, contra a Itália. Ainda que a floresta Amazônica e até a antiga expressão “Paris dos trópicos” tenham garantido seu lugar, a maioria das unidades de registro faz menção ao calor e às condições climáticas da região, menos pelo contraste entre o país reportado e o que reporta e mais pela preocupação quanto às consequências na atuação e adaptação do time inglês a tal ambiente. O jornal é claro ao criticar a escolha de Manaus para cidade-sede (podemos listar “cidade que queremos evitar”, “escolha controversa” e “condições criticadas”, por exemplo), alardeando sobre o clima severo, o local remoto e até os índices de violência. Comparando o número de 38.46% de menções à Manaus com o humilde 2.57% do Rio de Janeiro, cidade indiscutivelmente mais conhecida globalmente do que a anterior, podemos inferir que, quando se trata do jornalismo internacional, quem comanda as regras de noticiabilidade é, de fato, os interesses do leitorado doméstico. Do contrário, seria pouco provável que Manaus tivesse tanta importância, mesmo que algum fato local repercutisse nacional ou regionalmente.

Quanto ao Rio de Janeiro, a única menção generaliza-o como uma “enorme favela”. Apesar da cidade ser inexpressiva nesta subcategoria de análise, veremos em outras categorias que o tema “favelas” é frequente no *The Guardian*, principalmente sob a luz de suas implicações sociais. Ver a única representação direta da capital fluminense ligada a este fator é significativo para entender qual peculiaridade desta cidade salta aos olhos do jornal. Salvador e Fortaleza surgem brevemente com três e uma menção cada respectivamente, São Paulo firma-se como nome nacional com 48.71% do total das unidades de registro e as outras cidades-sede são completamente ignoradas no período analisado.

São Paulo, sendo a cidade-sede do segundo jogo da Inglaterra no torneio, diferentemente de Manaus não foi citada nenhuma vez por este papel. Pelo contrário, o que se sobressai é a sua representação como uma grande capital – menos tropical e exótica do que Manaus ou turística e intrigante do que o Rio – com direito a muitas das características inerentes às metrópoles cosmopolitas: trânsito, ética *workaholic*, diversidade, vida noturna, paisagem de concreto (que pode ser enganosa e muito mais do que aparenta ser) e certo caos inerente aos lugares onde tudo acontece. Sua associação com o futebol e a Copa do Mundo

aparece uma única vez, centrando em sua atitude agnóstica perante o esporte, o que revela um sentimento bem menos passional do que o geral delegado aos brasileiros e já apresentado na subcategoria Quanto ao povo e a população na tabela 14. Estes contrastes entre as representações das cidades-sede reforçam a ideia de que o Brasil é composto não por uma representação unificada de país, mas de diversas imagens que variam tanto em relação a períodos de tempo quanto a localidades geográficas e focos temáticos. Desta forma, embora São Paulo, Manaus ou Rio de Janeiro sejam retratados de maneiras tão distintas, não se ocorre um estranhamento diante do fato de se estar falando de um mesmo país.

5.2. Aspectos culturais

Esta categoria de análise engloba 13 matérias que dizem respeito a cultura e a manifestações culturais do Brasil, tais quais música, artes, danças, costumes, dia a dia, etc. Representando 24.55% do total, é a segunda categoria com o maior número de textos da pesquisa, sendo dela extraídas 57 unidades de registro que se referiram diretamente a algum tema que engloba os aspectos culturais brasileiros. Os temas foram classificados em sete subcategorias, listadas adiante:

TABELA 7 – UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS CULTURAIIS		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto às favelas	16	28.07%
Quanto à música	13	22.80%
Quanto à Trilha da Cachaça (turismo)	12	21.05%
Quanto à arte de rua anti-Copa	7	12.28%
Quanto à torcida	4	7.01%
Quanto às figurinhas da Copa	3	5.26%
Quanto à língua	2	3.50%
TOTAL	57	100%

As sete subcategorias mostram certa diversidade de temas que o *The Guardian* propôs em sua cobertura da Copa do Mundo, indo desde uma matéria inteira sobre o turismo culinário nas favelas – texto de onde saíram todas as 16 unidades de registro referentes ao tema – à febre dos álbuns de figurinhas da Copa (com direito a visita da correspondente Hadley Freeman a uma fábrica da Panini) e um especial sobre o cenário da música brasileira e latino-americana em seu caderno dominical *The Observer*. A reportagem sobre a arte de rua anti-Copa, que rendeu sete unidades de registro, inclusive, foi escrita pelo crítico de arte Jonathan Jones; o relato em primeira pessoa sobre o turismo na Trilha da Cachaça, por sua

vez, levou a jornalista *freelancer* Vicky Baker para cidades mineiras, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em um primeiro momento, percebe-se que algumas matérias e temas presentes só foram possíveis, sob a luz da guilhotina da notícia na editoria internacional, graças à realização da Copa do Mundo no país. Por exemplo, as sobre o álbum de figurinhas, a torcida, a arte de rua de protesto anti-Copa ou a trilha sonora do torneio. Outros aspectos, no entanto, parecem se aproveitar dos holofotes da competição esportiva para vir à tona, mesmo que nada tenham a ver com ela. É o caso das reportagens que focam no turismo não-convencional e a que explora a crescente indústria musical do Brasil. Assim, inferimos que a realização de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo tem, de fato, o potencial de levar percepções sobre a imagem nacional com mais ênfase e frequência ao cenário internacional por meio da mídia. Além disso, nota-se uma tentativa do jornal em aproximar o leitorado inglês à realidade brasileira (ou um pedaço dela), seja familiarizando-o com nosso idioma, nossas músicas e nossa maneira de torcer, seja trazendo lados pouco explorados que podem despertar o interesse do público do jornal. É interessante ressaltar também que, em ambas as situações, os jornalistas responsáveis pela reportagem tiveram contato direto com o tema que escreveram.

Para visualizar de maneira mais adequada quais as representações dos aspectos culturais encontrados nos dados obtidos, segue a relação completa das unidades de registro referentes a cada um deles segundo a classificação proposta:

QUADRO 11 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS CULTURAIS		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto às favelas	- lugar mais quente pra se comer no Rio/atraindo número crescente de turistas/na lista de coisas obrigatórias pra se ver no Rio/turismo bombou/fenômeno/tornando-se rapidamente uma das melhores experiências de visita do Rio	6
	- não é mais considerada um risco /coisas melhoraram bastante/foram pacificadas/tornaram-se lugares mais seguros	4
	- zonas "não-vá" sem lei/deve ser feito com olhos abertos e planejamento adiantado	2
	- restaurante sem menu e sem nome/sem placas de rua para seguir	2
	- vida ainda é longe de fácil para muitos vivendo aqui	1
	- não é a saída mais socialmente aceitável para a maioria da classe alta do Rio	1
	Quanto à música	- contém uma mensagem de auto aperfeiçoamento como meio de se escapar da pobreza/mais crítica/os protestos e as últimas músicas estão frequentemente ligados/agitação social foi adicionada à mistura inebriante/(<i>diferenças de classe</i>) é tema popular na sociedade brasileira
	- músicas de protesto rivais dão cotoveladas por atenção dos fãs/multidão de faixas rivais	2

	- tema oficial recebido pobremente/estereótipos culturais e parte muito breve em português	2
	- nova onda de artistas/mudanças ocorrendo na música brasileira	2
	- vídeo produzido ricamente	1
	- a combinação de juventude e experiência produz pistas de dança selvagens com um sabor brasileiro	1
Quanto à Trilha da Cachaça (turismo)	- no meio de plantações de banana e grama luminosa/pontilhada entre cachoeiras e riachos/jardins como um parque de diversões natural	3
	- tipo de lugar onde o staff é mais descolado do que a clientela/notável point noturno	2
	- a cachaça é considerada um meio barato, não-sofisticado e áspero de se ficar bêbado/a cachaça tem sua reputação	2
	- paisagem severa é casa de bonitas cidades coloniais/cidades coloniais de bonitos cartões-postais	2
	- sabor verdadeiro do Brasil	1
	- sentimento provincial que vem de ser um rejeitado	1
	- tudo ainda é feito à mão	1
Quanto à arte de rua anti-Copa	- faz piada sobre a Copa do Mundo/cheia de ceticismo e raiva/mensagem poderosa/adiciona uma pitada no usual e muito familiar ópio	4
	- show alternativo ao espetáculo dos estádios	1
	- torna-se um ícone de uma revolução começada no esporte	1
	- logo será mostrada por estações globais de televisão	1
Quanto à torcida	- feliz por receber o time inglês/recepção bastante calorosa	2
	- problema crescente	1
	- não está esperando problemas de seus torcedores	1
Quanto às figurinhas da Copa	- amor bíblico sul-americano por figurinhas da Panini	1
	- colecionar figurinhas da Panini se tornou sinal de patriotismo	1
	- o mais surpreendente é o quão manual é o processo	1
Quanto à língua	- estranha e floreada	1
	- similar, mas distinta do espanhol	1
TOTAL		57

As palavras e expressões sobre as favelas e a Trilha da Cachaça têm como mesma base o turismo: enquanto a primeira é tratada como um destino recente e crescente de turistas estrangeiros que visitam o Rio de Janeiro, a segunda é descrita por suas paisagens de cartão-postal, envolvendo natureza, certo sentimento provinciano, costumes rústicos, pessoas acolhedoras no caminho e, claro, a cachaça, considerada “sabor verdadeiro do Brasil”. Nos dois casos se sobrepõe a representação de um Brasil pouco urbano ou moderno, com a diferença de que na Trilha da Cachaça esse sentimento idílico é enaltecido e, no caso das favelas, é apontado como questão social.

Mesmo que o jornal coloque as favelas cariocas e seus restaurantes como opção turística para seu leitorado, inclusive mencionando que elas “tornaram-se lugares seguros”, a matéria não fica cega diante da condição de vida que a população que mora ali está sujeita. O *The Guardian* as chama de “zonas ‘não-vá’ sem lei”, afirma que é longe de fácil viver nelas, que não há placas de ruas, sugerindo pouca oficialidade, e ainda que, embora as favelas estejam se tornando um ponto turístico viável para os estrangeiros, sofrem com o desprezo

das classes altas brasileiras, acentuando, mais uma vez, a desigualdade e a tensão velada entre classes no país.

Questões sociais também aparecem quanto o assunto é música. Das 13 unidades de registro referentes ao subtema, ao menos nove a associam com protestos, agitação social, crítica e mudança. Ao invés de abordar artistas consagrados, o jornal opta por apresentar nomes independentes, critica as canções oficiais da Copa do Mundo – as quais considerou estereotipadas – e eleva o papel da juventude e novas cenas musicais na produção nacional. A arte de rua anti-Copa não fica para trás: menos arte e mais sua função como símbolo do descontentamento da população com a maneira que o torneio foi organizado/realizado é encontrada nas suas sete unidades de registro; basta citar a expressão “ícone de uma revolução começada pelo esporte” designada a ela.

As percepções sobre a torcida condizem parcialmente com o que foi constatado sobre a população brasileira de maneira geral no item anterior da pesquisa, realçando sua recepção calorosa e feliz do time inglês. Contudo, já é apresentado um outro viés que, nesta categoria, aparece timidamente: a violência dos torcedores, citada apenas uma vez na forma de um “problema crescente”. O amor exacerbado dos brasileiros pelo futebol, já observada também no item anterior da pesquisa, agora é representado sob a forma da febre dos álbuns de figurinha da Copa, chamada de “paixão bíblica sul-americana” e “sinal de patriotismo”.

As representações da língua portuguesa, embora somem apenas 3.5% do total das unidades de registro desta categoria, são bastante descritivas. “Estranha e floreada” ou “similar, mas distinta do espanhol” podem dar uma ideia do que o português deve soar aos ouvidos ingleses. Estas expressões têm lugar na matéria “Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e se desculpar em português”, que traz uma série de frases irônicas em português – que fazem graça do Brasil, dos ingleses e até da FIFA – com suas respectivas traduções no inglês, sugerindo que os turistas poderiam usá-las no Brasil. No total, são 20 frases escritas pelo jornalista Stuart Heritage, que aparentemente não deixa de usar o humor britânico em seu texto. A relação completa delas se encontra no Anexo 3.

5.3. Aspectos políticos

A categoria menos expressiva da pesquisa conta com apenas duas matérias e 18 unidades de registro referentes a aspectos políticos computadas. Elas se dividem em duas subcategorias: Quanto à relação política x futebol e Quanto ao governo, como podemos ver na tabela abaixo:

TABELA 8 – UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS POLÍTICOS		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto à relação política x futebol	14	77.77%
Quanto ao governo	4	22.23%
TOTAL	18	100%

As duas matérias desta categoria foram veiculadas com um grande período de diferença, a primeira no dia 9 de junho – logo antes do início oficial da Copa do Mundo – e a segunda no dia 10 de julho – na reta final do torneio. Enquanto a do começo de junho traz associações entre o sucesso (ou não) da Copa do Mundo com desdobramentos na política nacional, a última faz uma avaliação destes mesmos desdobramentos, ainda incertos com a eliminação do Brasil na semifinal contra a Alemanha. O espaçamento de tempo entre elas, somado à pouca quantidade de reportagens e unidades de registro que foquem em aspectos políticos e da aparição quase nula de implicações políticas em outros temas ou categorias de análise mostram que, para o *The Guardian*, pelo menos no período de realização da Copa do Mundo 2014, a situação política brasileira não é um dos assuntos mais relevantes. As escassas 18 unidades de registro que abrangem a classificação proposta seguem detalhadas:

QUADRO 12 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS POLÍTICOS		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto à relação política x futebol	- colocou gols nos jardins do palácio presidencial/um campo foi instalado no gramado presidencial/o amor de Lula pelo Corinthians é parte integral de sua imagem pública/Lula trouxe à presidência a paixão de um fã sofrido de longa data/(Lula) comporta-se mais como fã de futebol do que homem de Estado/Lula passou os primeiros fins de semana de presidência jogando bola, seguido por churrasco e cerveja	6
	- não intencionado mas poético sincronismo entre futebol e política/cidades-sede foram escolhidas baseadas na troca de favores políticos/futebol está novamente unindo o Brasil, desta vez contra seus próprios líderes eleitos	3
	- improvável que (<i>uma derrota</i>) vá machucar a campanha presidencial/possibilidade do humor piorar antes de melhorar (<i>com derrota</i>)/alguns fãs já se viraram contra a presidente perante a derrota	3
	- promessas de melhoras na infraestrutura de transportes foram engavetadas	1
	- construção civil tem sido objeto de suspeito aumento de gastos	1
Quanto ao governo	- ramificações políticas ainda devem ser vistas	1
	- criticado por gastar mais de \$10 bilhões no torneio que poderiam ser usados para melhorar saúde, educação e transporte	1
	- tragado por escândalos	1
	- situação política complexa	1
TOTAL		18

A relação passional do brasileiro com o futebol invade os bastidores políticos, notadamente na figura do ex-presidente Lula, que é citado seis vezes como o governista que “comporta-se mais como fã de futebol do que homem de Estado”, é fã do Corinthians, passa os fins de semana jogando bola em churrascos ou que, como um dos primeiros atos de seu governo, em 2002, mandou instalar traves e um campo nos jardins do Palácio Presidencial. É explícito que sua imagem como torcedor se sobrepõe ao de político – havendo um reflexo em sua representação com a do próprio povo brasileiro, que parece ser, antes de tudo, um torcedor fanático sempre. As ligações entre futebol e política ficam mais sérias quando o jornal sugere que os desdobramentos da Copa do Mundo podem influenciar, principalmente de forma negativa, os rumos políticos do país e as respostas dos brasileiros diante da atuação do governo. Esta última, por sua vez, é contestada ao menos três vezes, quando o *The Guardian* levanta a troca de favores políticos para a escolha das cidades-sede, as promessas engavetadas de melhorias na infraestrutura para a competição esportiva e os gastos excessivos nas obras do torneio, deixando clara a relação existente entre a rotina política do Brasil e o futebol.

Ainda que o governo esteja indiretamente incluído em muitas destas implicações, ele só foi abertamente citado em quatro unidades de registro, cada uma com interpretações distintas: sobre a incerteza das ramificações políticas após a Copa; novamente sobre os excessos de gastos no torneio, que poderiam ser melhor aplicados em outras áreas; sobre os escândalos que o engoliram e, por fim, sobre sua complexa situação política. De modo geral, ainda que a ligação da política com o futebol possa ser considerada neutra, o que predomina – inclusive nela – são representações negativas, de um governo que gastou muito, não cumpriu promessas e é envolto em escândalos, além de um cenário político que não pode ser levado a sério, com trocas de favores feitas de forma rotineira, falta de confiança da população em seus líderes políticos e um ex-presidente que está mais preocupado com um campo de futebol em sua residência do que em governar.

5.4. Aspectos sociais

Por mais que esta categoria seja formada por 11 matérias apenas, atrás de Impressões sobre a Copa e Aspectos culturais, é ela a que tem a maior média de unidades de registro por reportagem. Com aproximadamente 9.09 palavras e expressões que remetem ao seu assunto central por texto, os aspectos sociais do país se revelaram como um dos motes principais nas representações do Brasil pelo *The Guardian*. Além de aparecerem em outras categorias de análise – como foi o caso das favelas e de implicações sociais na música em Aspectos

Culturais ou das características sociais nas representações gerais do Brasil - os temas desta categoria foram divididos em sete classificações:

TABELA 9 – UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS SOCIAIS		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto aos protestos	23	23%
Quanto a atmosfera e o apoio à Copa	22	22%
Quanto a greves	14	14%
Quanto a infraestrutura e obras da Copa	13	13%
Quanto a desigualdades	11	11%
Quanto às favelas	11	11%
Quanto a festas e torcida	6	6%
TOTAL	100	100%

As sete classificações propostas podem ser subdivididas mais uma vez, se considerarmos suas características centrais: Quanto aos protestos, Quanto a greves, Quanto a desigualdades e Quanto às favelas somam 59% do total e remetem a problemas e agitações sociais tão atuais quanto endêmicas, já trazendo a imagem de um país com sérias e históricas disfunções em relação à sua estrutura social (o foco nos protestos deveria condizer com a imagem de uma democracia mais madura, porém, como veremos adiante, é a repressão policial e a violência que ganham destaque nos relatos sobre as manifestações); Quanto a atmosfera e o apoio à Copa, Quanto a infraestrutura e obras da Copa e Quanto a festas e torcidas, por sua vez, são três subcategorias que se relacionam com a realização da Copa do Mundo 2014 no país, trazendo, aqui, uma visão de como a sociedade brasileira se encontra na perspectiva do torneio.

Com a relação completa das unidades de registro que formam a categoria (que se encontra na tabela 14), podemos perceber que o posicionamento crítico e, de certa forma, negativamente revelador do jornal continua não só na escolha dos temas sociais de suas reportagens, mas também na abordagem proposta a eles, por meio das palavras e expressões utilizadas para representá-los.

QUADRO 13 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A ASPECTOS SOCIAIS		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto aos protestos	- repressão policial violenta/confrontos violentos entre polícia e manifestantes/o quão duro as autoridades irão reprimir os manifestantes/polícia prendeu vários ativistas/várias pessoas machucadas/tem condenado a polícia na Copa do Mundo/força excessiva da polícia/uso de balas de borracha e gás lacrimogênio/ataque da polícia na madrugada/aqueles que falharam em se mover a tempo foram expulsos por polícia montada e força	13

	<p>policial usando spray de pimenta/machucados e cortes deixados por balas de borracha e cassetetes/muitos feridos/a tática é a mesma usada contra criminosos</p>	
	- protestos recentes bem menores do que a multidão de mais de milhões que marchou em 50 cidades ano passado/foram discretos/o movimento protestante se fraturou	3
	- o quão igualitário os protestos têm sido/os protestantes vêm de todas vias da vida brasileira	2
	- demonstração em pequena escala contra a corrupção da FIFA e a brutalidade da polícia/o tema nas entrelinhas é o mesmo: anti-FIFA	2
	- outro lembrete da ligação indissociável entre futebol, Copa do Mundo e senso básico de si mesmo do Brasil	1
	- amplamente divulgados	1
	- de maneira pacífica	1
Quanto à atmosfera e o apoio à Copa	- o entusiasmo é longe de universal/apoio público baixo/declarações públicas de apoio são poucas/pouca animação sobre a Copa do Mundo/onde você encontraria bandeiras, encontra-se quase nada/o clima não é tão festivo quanto em torneios anteriores/falta de um sentimento festivo/mais fácil ver grafites anti-Copa do que sinais de amor pelo futebol	8
	- preparando-se no estilo tradicional/estão entrando no clima/mais decorações nas ruas, bandeiras nos carros e pessoas andando de camisetas amarelas/apoio ao time nacional se mantém fanático	4
	- zomba dos projetos de infraestrutura inacabados/criticismo/oposição e cinismo é evidente nos muros e redes sociais/consciência pública dos custos sociais e econômicos	4
	- humor conflitante/ambivalência sobre a Copa do Mundo/muitos inquietos sobre as demonstrações de entusiasmo	3
	- medo do caos nos transportes	1
	- música no ouvido dos organizadores	1
	- agonia coletiva	1
Quanto a greves	- caos no trânsito/congestionamento extremo/ruas congestionadas/pior tráfego do ano/problemas no tráfego/predições do tráfego mais caótico em uma abertura	7
	- passageiros enraivecidos/irados	3
	- arriscando os meios de se chegar ao estádio/dificultando chegada nos estádios	2
	- como um tumor pesado e fervilhante sufocando a cidade inteira	1
	- nem quatro horas de tráfego consegue matar o amor do Brasil por futebol	1
Quanto a infraestrutura e obras da Copa	- atenção não enche um estádio, menos ainda traz dinheiro para um lugar remoto como Manaus/questões sobre a sabedoria de construir um estádio com capacidade para 46 mil numa cidade remota sem nenhum time de futebol grande/300 milhões de dólares gastos e três construtores civis morreram por um estádio onde só quatro jogos da Copa do Mundo tomarão lugar/o elefante branco final/estádio bundão na cidade/há outras coisas chorando por dinheiro um pouco mais alto do que um novo estádio	6
	- fortuna gasta em construir estádios suntuosos/extravagância no projeto/projetos de desenvolvimento controversos	3
	- maioria dos projetos não está terminado e alguns nem começaram/preocupações reais se as obras serão terminadas a tempo	2
	- o design da Arena Amazônia é baseado numa cesta indígena com padrões usados somente por tribos indígenas locais	1
	- pessoas foram enganadas duas vezes nesta Copa	1
Quanto a desigualdades	- humilhação diária/brutaliza a vida dos brasileiros/vergonha do Brasil	3
	- residentes não podem passar livremente pelas ruas ao redor do estádio/eles têm caros estádios que não precisam mas não foram convidados para a própria Copa do Mundo/a chocante desconexão	3

	entre a pobreza do país e os gastos excessivos no evento	
	- patrocinadores começaram a ativar seus 890 milhões de libras em investimentos/caixas de dinheiro Visa foram instalados ao lado de freezers de Coca-Cola e bares servindo Budweiser	2
	- as coisas estavam indo bem até a Copa do Mundo chegar	1
	- desdém que aqueles no topo sentem pelos de baixo	1
	- vida de milhões que vivem em pobreza e miséria	1
Quanto às favelas	- ruas sinuosas e caóticas/escadas tão estreitas que seus ombros tocam as laterais/acessibilidade não é uma vantagem/calçadas perigosas que parecem ser inteiramente verticais	4
	- as casas não parecem muito/casa enganosamente espaçosa	2
	- viva, movimentada e quase sufocantemente amigável/mais como uma comunidade	2
	- lugar de popularidade crescente para se hospedar	1
	- turistas encaram de jipes os residentes como se estivessem olhando para animais em um zoológico	1
	- variedade absoluta e fortunas flutuantes	1
Quanto a festas e torcida	- Fan Fests são os lugares mais quentes da Copa do Mundo/verdadeira alegria da Copa do Mundo	2
	- onde a maioria dos fãs de outros países se reúne/bandeiras de aparentemente todos os países sendo usadas como toalhas	2
	- festival com as piores coisas de um festival e um pouco de futebol	1
	- sarados, surfistas de meia idade e skatistas adolescentes na praia	1
TOTAL		100

Com exceção das palavras e expressões utilizadas para designar as festas e as torcidas, em todas as outras classificações predomina um tom nada animador em relação à situação social do Brasil: os protestos, para o veículo, são marcados pela repressão policial e a violência; as greves geram caos no trânsito e ira nos passageiros; o apoio à Copa do Mundo é baixo e a atmosfera mantém um humor cético e conflitante; a desigualdade entre classes é a “vergonha do Brasil” e chega a ser contraditória, já que o jornal não consegue sustentar a desconexão entre gastos exorbitantes na Copa e a população empobrecida que não foi “convidada para a própria festa”; a infraestrutura e as obras do torneio são marcadas por gastos excessivos e pouca sabedoria em construir estádios em locais que não darão uso posterior a eles; as favelas, embora donas de um caráter amigável e comunitário, estão longe de fornecer uma qualidade de vida mínima para seus habitantes com suas “ruas sinuosas e caóticas” ou suas “calçadas perigosas”.

Trazer à tona problemas e contradições sociais do Brasil no período da Copa do Mundo não parece ser uma mera coincidência e, sim, a própria linha editorial adotada pelo jornal no período. Em especial na figura da colunista e enviada especial do *The Guardian*, Hadley Freeman (que produziu as matérias mais “engajadas” durante a Copa, por exemplo, a do dia 18 de junho, “Como a Copa do Mundo do Brasil vendeu seu povo a curto prazo na Amazônia”, cujo objetivo é contestar obras feitas para a competição em Manaus, que não

terão utilidade para a população local e economicamente excluída de participar do torneio), o veículo prova-se sensível aos fenômenos – por falta de nome melhor – sociais tão inerentes ao cenário do Brasil. Jonathan Watts, correspondente oficial na América Latina do veículo inglês, também é o autor de duas matérias desta categoria, contribuindo com seu olhar acostumado à realidade regional; e o texto opinativo do escritor e tradutor brasileiro Milton Hatoum, veiculado no dia 12 de julho e que tem como título “Verdadeiro esporte nacional do Brasil: enganar o povo”, sintetiza, mesmo que sob uma visão pessoal, o ceticismo do *The Guardian* perante as desigualdades e a facilidade clássica do governo brasileiro em se propor a iludir o povo em detrimento de interesses próprios.

Mais do que um tom negativo, podemos afirmar que a palavra que mais descreve a representação geral dos Aspectos sociais do Brasil no jornal é, na verdade, uma incredulidade diante de fatos que o veículo tem dificuldade em compreender. Por isso, o que se sobressai são matérias que trazem a realidade social ambígua do país com um tom de surpresa ao leitorado inglês. Ao mesmo tempo em que diz que os protestos são “amplamente divulgados” e realizados de “maneira pacífica”, o jornal descreve uma ação violenta em que “aqueles que falharam em se mover a tempo foram expulsos por polícia montada e força policial usando spray de pimenta”, numa “tática usada contra criminosos”. Os exemplos seguem nas outras classificações: a atmosfera da Copa não é nada menos do que caótica, ao dizer que a população se “prepara no estilo tradicional” e “entra no clima”, ao mesmo tempo em que vê “pouca animação” ou “sentimento festivo”; ou sobre a crescente popularização de hospedagens na favela, ainda que ela se mantenha com infraestrutura precária e como uma atração contestável, quando “turistas encaram de jipes os residentes como se estivessem olhando para animais em um zoológico”. São representações dualísticas que se contrastam, mas não se anulam, e que remetem às afirmações de DaMatta (1986) de que o Brasil não pode ser lido por apenas um ângulo.

Nesta categoria, ainda podemos destacar a interpretação das greves do transporte público em São Paulo como um tumor à cidade, afetando o trânsito e o acesso aos estádios; os gastos excessivos em projetos da Copa do Mundo, alguns que chegaram à véspera do evento inacabados; os elefantes brancos construídos para o torneio, em especial a Arena Amazônia; a desigualdade social, potencializada pelo “desdém que aqueles no topo sentem pelos de baixo” (ideia, inclusive, que já havia aparecido nas representações gerais do Brasil); e, finalmente, o encontro de nacionalidades no espaço público das praias, contrariando a oficialidade da FIFA e se tornando símbolo do “deleite” das classes mais baixas, apesar das tentativas das classes altas e organizadores de os excluírem da festa.

5.5. Impressões sobre a Copa

As duas categorias a seguir, apesar de falarem diretamente sobre o Brasil e os brasileiros, são as que têm ligação intrínseca com o futebol e com a realização da Copa do Mundo 2014 no país. Impressões sobre a Copa ocupa 18.86% do *corpus* e trouxe 81 unidades de registro que fizeram referência à maneira como a nação se relaciona com o evento, abordando desde o papel dos governantes na organização de gastos, obras, infraestrutura e segurança, passando pelo envolvimento da população refletido no público, nos voluntários e na atmosfera do torneio, até chegar a avaliações gerais de sucesso ou não da Copa, como podemos ver abaixo nas classificações subtemáticas propostas:

TABELA 10 – UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A IMPRESSÕES SOBRE A COPA		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto a infraestrutura e obras na Copa	31	38.28%
Quanto à atmosfera	22	27.16%
Quanto a visões gerais sobre a Copa	10	12.34%
Quanto ao público	6	7.40%
Quanto aos gastos	4	4.94%
Quanto à segurança	4	4.94%
Quanto aos voluntários	4	4.94%
TOTAL	81	100%

A preocupação com a infraestrutura preparada para o torneio, em especial o atraso na entrega das obras da Copa do Mundo, é o tema mais abordado pelo *The Guardian*, correspondendo 38.38% do total. Pode-se somar a eles a classificação Quanto à segurança, já que, embora mude o foco, também faz parte da infraestrutura da competição. Em seguida, temos as unidades de registro que falaram sobre a atmosfera geral da Copa, espelhando mais o humor da população e da torcida do que a organização propriamente dita do evento; e Quanto à torcida e Quanto aos voluntários, que podem se aliar à classificação anterior, pois deixam de lado a “burocracia” esportiva para tratar do ânimo geral do povo brasileiro, seja ele dentro dos estádios (como espectador ou voluntário), seja fora. As visões sobre a Copa e a seus gastos respondem a 12.34% e 4.94%, respectivamente.

Enquanto a escolha dos temas parece deixar claro o enfoque que o jornal pretende dar às suas impressões sobre a Copa – avaliando-a por meio de características físicas (obras, infraestrutura e segurança, por exemplo) e subjetivas (como é o caso da atmosfera do evento e da atitude da população diante dele) – o tratamento dado a cada um deles revela diversas angulações, que ora pendem para a representação de um evento que se configurou em um

sucesso, ora para a predominância de problemas que ocorreram durante sua preparação e realização. Podemos visualizar mais objetivamente a posição do *The Guardian* com a relação completa das unidades de registro:

QUADRO 14 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES A IMPRESSÕES SOBRE A COPA		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto a infraestrutura e obras na Copa	- trabalhadores ainda lutando com os toques final nos projetos cronicamente atrasados/construtores ainda trabalhando em diversos lugares/homens ainda tentando melhorar o estado do campo/trabalho cosmético sendo feito dentro e fora do estádio/trabalho frenético em processo/cabos ainda sendo colocados/construções acontecendo em algumas áreas/trabalho continua até o fio/trabalho é claramente não completo/não terminadas a tempo/projetos construídos pela metade/entregues com uma pressa indecente	12
	- transporte não estava caótico/ônibus e taxis têm, mais ou menos, funcionado/aviões decolaram no horário, estádios estavam cheios, telefones funcionaram, visitantes ficaram encantados/desafiou tantas predições de colapso e passou por todas/medo do caos nos transportes e disfunções operacionais foram infundadas/estádios terminados e lotados/o melhor que poderia ser/tintura fresca e megaestádios recém-construídos	8
	- falta de elevadores, escadas que vão pra lugar nenhum, filas, empurra-empurra e falta de informação/Arena Amazônia pareceu despreparada/hall de entrada empoeirado/incapaz de detalhar quais químicos foram utilizados	4
	- estádios elefantes brancos/novos estádios não têm óbvio uso sustentável/sem expectativa de de melhoras no curto-prazo	3
	- se não for esteticamente aprazível, deverá funcionar bem/a cor do gramado não interessa de verdade	2
	- atrasos e gastos excessivos solicitou a intervenção do governo	1
	- cidades-sede caem fundo em débitos para pagar por estádios e infraestrutura	1
	Quanto à atmosfera	- clima de festival cosmopolita nas ruas/só diversão até agora/corrida de alegria/humor celebratório/festa continuou/festa improvisada/momentos de não-esperada e pura alegria/sentimento feliz/maravilhosamente divertido
- fluxo de visitantes têm injetado um precisado agito/peculiar fervor viajante		2
- no emaranhado da grama do Brasil, sente-se estranhamente brasileiro/atmosfera doméstica em quase todos os jogos		2
- otimismo tentador baseado em um rápido começo/caos até agora não preenchido		2
- parece excitada, mas não suspeitamente excitada		1
- estado das coisas que não reflete o crédito dos políticos		1
- a qualidade-chave do Brasil é a alegria nesta Copa do Mundo e também nos protestos		1
- suave e livre de estresse		1
- caleidoscópio de bandeiras de diferentes cores		1
- senso de triunfo		1
- mudança está claramente a caminho nos estádios e nas ruas		1
Quanto a visões gerais sobre a Copa	- configurações têm sido brilhantes/como genuinamente prazeroso/ao contrário de más predições	3
	- os fãs e o futebol fizeram a Copa tão especial/as pessoas fizeram a atmosfera e o futebol ditou o humor	2
	- negócios feios ao redor do jogo bonito/coisas ruins pararam e a diversão começou	2

	- momento de ser esperançoso/esperança de que alguma parte deste ótimo, bagunçado, feio, bonito, global encontro do esporte possa falar mais alto do que os estrondos que cercaram os sete anos de trabalho para a Brasil 2014	2
	- prosperidade e educação tendem a tirar o topo de uma dieta de pão e circo	1
Quanto ao público	- uma coleção de pessoas ricas/fora do alcance dos que não podem pagar/ fora do alcance de um salário médio/grandes desigualdades	4
	- falta de faces não-brancas no estádio/os brasileiros preenchendo os assentos era quase exclusivamente brancos e bem de vida	2
Quanto aos gastos	- políticos gastadores no comando de orçamentos exagerados e que desaparecem/super-orçamento e fatalmente mal gerenciado	2
	- gastos são estimados em 11,5 bilhões de dólares – soma maior que o PIB de um quarto dos países do mundo	1
	- dinheiro público seria usado para construir arenas, mas quase 3 bilhões acabaram vindo do bolso dos contribuintes	1
Quanto à segurança	- implantaram jets de combate, 900 milhões do orçamento de segurança em 50 robôs americanos antibomba usados no Afeganistão, assim como 12 milhões em drones israelenses pra patrulhar os céus/guerras já foram lutadas com demonstrações de força menores	2
	- desafios domésticos de segurança	1
	- os tradicionais dois quilômetros de zona de exclusão ao redor dos estádios para impedir vendedores de rua parecem ter sido reciclados em barreiras para manter longe qualquer manifestantes	1
Quanto aos voluntários	- abrilhantada por um exército de voluntários locais, pessoas comuns não-pagas que frequentemente mantém esses eventos globais funcionando/voluntários dispostos têm ajudado a manter a boa vontade	2
	- têm que se desculpar e sempre com simpatia sobre as falhas dos de cima/leões liderados por burros	2
TOTAL		81

Por 12 vezes o *The Guardian* chamou atenção para os atrasos e a conseqüente pressa em terminar as obras idealizadas para a Copa do Mundo 2014. Além disso, traz um tom de crítica quanto à qualidade dos estádios, com “escadas que não dão em nada” ou aparente falta de preparo; quanto à inutilidade das obras pós-Copa, chamando-as de “elefantes brancos” (crítica que, inclusive, já havia aparecido na categoria Aspectos sociais); e quanto aos gastos exagerados e suspeitos para a realização de toda esta infraestrutura (também presentes em Aspectos sociais e Aspectos políticos), afirmando que a soma total de 11,5 bilhões de dólares seria “maior que o PIB de um quarto dos países do mundo”. Ao menos 25 vezes o veículo inglês manteve o tom crítico quanto a esses assuntos. Amenizando-os, o jornal também busca o outro lado, dizendo que, apesar das más previsões, tudo funcionou nos conformes: aviões decolaram a tempo, os estádios estavam cheios e terminados, não houve caos esperado no trânsito e, no geral, o evento foi o “melhor que poderia ser”.

O *The Guardian* crítico sai de cena e entra o *The Guardian* “torcedor” quando o foco muda para o futebol em si. Contrariando a imagem de população e torcida distante e cética quanto ao evento, que surgiu em outras categorias de análise, aqui a atmosfera não é nada menos do que uma festa constante. Sobrepõe-se uma ideia de um Brasil alegre, “maravilhosamente divertido”, “suave e livre de estresse”, em um verdadeiro “festival cosmopolita nas ruas”. Os visitantes se sentem em casa com a “atmosfera doméstica”, em um “caleidoscópio de bandeiras de todas as cores”, o que leva o jornal a chamar a alegria de “qualidade-chave do Brasil” nesta Copa do Mundo. A única ressalva na representação é que a publicação inglesa não deixa de notar que o “estado das coisas não reflete o crédito dos políticos”

Segue-se pelo mesmo caminho nas visões gerais sobre a Copa: para o *The Guardian*, o que fez o torneio ser um sucesso foram os fãs e o futebol. Ele deixa de se importar com as “coisas ruins” a partir do momento em que a “diversão começa”; tende a relevar os “negócios feios ao redor do jogo bonito” e clama pela esperança de que o “global encontro do esporte possa falar mais alto do que os estrondos que cercaram os sete anos de trabalho para o Brasil 2014”. A menção aos voluntários na Copa condiz com a visão de que o melhor do evento foi o povo, já que o veículo considera estes profissionais tão dedicados e pouco reconhecidos verdadeiros “leões liderados por burros”, em uma clara referência aos organizadores do torneio.

Assim, enquanto o *The Guardian* registra os problemas de infraestrutura, desigualdade (ao abordar a falta de diversidade étnica e social no público nos estádios), atrasos, gastos (inclusive com segurança, que se mantiveram no nível de guerras) e escândalos que envolveram a organização do torneio, ao mesmo tempo parece mudar sua angulação a partir do momento em que os jogos começam e ele próprio passa a “curtir a festa”, priorizando a exaltação da atmosfera alegre, das partidas históricas e do clima de que “a Copa deu certo, apesar de tudo”. Estas representações se distanciam das encontradas nas outras categorias de análise sem ligação direta com o esporte: enquanto as primeiras experimentaram o potencial da Copa do Mundo de trazer à tona diferentes temáticas e coberturas nacionais, inclusive com um corpo de jornalistas plural que envolvia críticos de artes, não-entendidos de futebol e até especialistas em culinária, a categoria Impressões sobre a Copa, quando direcionava sua atenção a aspectos subjetivos do torneio, ofuscava seus “problemas” para acentuar as festividades e o prazer que o esporte proporciona a seus torcedores.

5.6. Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol

A última categoria de análise é a que contém o maior número de matérias e é a segunda em quantidade de unidades de registro, sendo assim, numericamente, uma das mais expressivas. A relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol sempre fez parte do imaginário internacional referente ao país, com típicas expressões como “nação do futebol”, e durante a realização da Copa do Mundo é natural que esta representação retornasse com destaque. Diferentemente de outras categorias, os subtemas encontrados dentro do próprio tema variaram pouco, sendo divididos em três classificações com porcentagens relativamente bem distribuídas:

TABELA 11 – UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES À RELAÇÃO DO BRASIL E DOS BRASILEIROS COM O FUTEBOL		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto ao estado emocional dos jogadores	31	39.75%
Quanto à torcida	26	33.33%
Quanto à relação Brasil/brasileiros com o futebol	21	26.92%
TOTAL	78	100%

A frequência de palavras e expressões veiculadas sobre o estado emocional dos jogadores brasileiros começa a ganhar força a partir do jogo das oitavas de final contra o Chile, decidido nos pênaltis. Depois dele, os episódios do machucado nas quartas de final e consequente saída do jogador Neymar da seleção, além da derrota por 7x1 contra a Alemanha nas semifinais, também evocaram a ideia de um time instável e frágil emocionalmente, como é possível ver na relação da tabela 26. A imagem que o *The Guardian* faz da torcida condiz com a da seleção, já que ela é retratada como emocional, seja diante da tristeza de uma derrota, seja devido à paixão pelo esporte. Quanto à relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol propriamente dita repete-se a constatação encontrada na análise geral das representações do Brasil no veículo inglês de que, no país, o futebol significa mais do que um mero esporte, trazendo consequências nos ânimos da torcida e da população ou como fator de unificação e até salvação. A seguir, encontra-se a tabela com todas as unidades de registro consideradas:

QUADRO 15 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO REFERENTES À RELAÇÃO DO BRASIL E DOS BRASILEIROS COM O FUTEBOL

CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto ao estado emocional dos jogadores	- caiu em lágrimas/estavam em lágrimas/esfregou seus olhos como se pertencesse aos céus/lágrimas e traumas/chorando um sinal de fragilidade/time choroso/jogadores-chave aos soluços/reduziu-se a lágrimas/lágrimas e preces em todos os lugares/sofrendo em campo	11
	- time emocional/jogadores emocionais/conflito emocional/energia emocional/colapso emocional/fragilidade emocional/crítica difundida quanto às demonstrações emocionais	9
	- ligados em um coquetel de nervos, frustração e embriaguez/seguraram os nervos	2
	- pareciam despedaçados	2
	- falta de preparo mental/muito nervoso pra bater um pênalti	2
	- necessidade de deixar as cabeças deles limpas	1
	- escancarados ao admitir inseguranças	1
	- o drama tem sido implacável	1
	- sob muita pressão	1
	- loucura coletiva	1
	Quanto à torcida	- primeiro havia desânimo, depois descrédito, depois horror/primeiro lágrimas, xingamentos e, finalmente, desânimo/muitos fãs abatidos vagaram pra casa no intervalo/pesar/silêncio caiu sob o estádio/faces angustiadas e corpos torturados/miséria e humilhação prevaleceram sob raiva e recriminação/sua face uma máscara de lamentação/liberando seu pesar numa noite escura e encoberta/senso de agouro ao invés de celebração/gesto de rendição/ficaram entre o motim e um pesar resignado/ansiedade, desalento e ocasional esperança/simpatia de coração partido
- devotados ao jogo/fãs apaixonados/fervor incomparável/loucos por futebol/fervor entre os torcedores locais/apoio exausto/movidos pelos mesmos objetivos – às vezes ganhar, mas, acima de tudo, torcer		7
- juízes já foram mortos por fãs irados/violência se espalha pelas arquibancadas e pelo gramado/multidões raivosas queimaram uma bandeira brasileira		3
- fãs hipercríticos		1
- assalto dos sentidos		1
Quanto à relação Brasil/brasileiros com o futebol	- única forma que descobriram de tirar as crianças das drogas/violência seria pior sem o futebol/maior instrumento de integração/serve para distrair, unificar e encobrir problemas maiores	4
	- jogo que significa mais para o Brasil do que para qualquer outro país/apreciação mais elevada pelo futebol/todo mundo aqui fica um pouco histérico quando o Brasil está envolvido	3
	- homens choraram sem vergonha/movendo além do esporte em um reino estranhamente psicológico de sofrimento e luto/a profundidade da dor que este jogo de futebol parece ter liberado	3
	- superstição é uma parte massiva do futebol brasileiro/apoiam-se em crenças espirituais em ordem de lidar com isso	2
	- histórias de sacrifícios imensos pelo futebol/fãs dirigiram milhares de milhas para acampar nas praias	2
	- maior vergonha da história/pesadelo final	2
	- parece ter martelado não só algum orgulho esportista, mas no próprio senso de quem são e sobre o que a vida é	1
	- alguns bares fecharam mais cedo com medo que o mau humor levasse a brigas	1
	- parece sempre haver uma tela exibindo um jogo ao vivo	1
	- mesmo com a paixão que muitos expressam pelo jogo, é surpreendentemente difícil encontrar pessoas jogando	1
	- imagem mundial do futebol-samba feliz	1
TOTAL	78	

Embora o retrato do estado emocional dos jogadores da seleção não seja uma abordagem direta do Brasil, optou-se por incluí-lo na pesquisa ao observar que sua representação reflete a própria representação dos brasileiros quanto torcedores de futebol. A grande maioria das 31 unidades de registro, senão todas, que falam do assunto denotam jogadores que “caem em lágrimas”, vivem um “colapso emocional”, mostram-se frágeis, despreparados, nervosos e inseguros e que chegam a recorrer às preces para se acalmar. Mais do que profissionais do esporte, os jogadores da seleção são humanizados e, acima de tudo, brasileiros que sofrem.

A torcida brasileira, por sua vez, também é altamente descrita por meio de seus sentimentos e reações emotivas diante do futebol. O maior conjunto das palavras e expressões – 14 no total – são exclusivamente sobre a derrota por 7x1 da Alemanha, que gerou um caldeirão de emoções negativas na torcida, indo de angústia, desânimo e pesar a “miséria e humilhação que prevaleceram sob raiva e recriminação”. Tirando o ocorrido fora da rotina, a torcida, no geral, é retratada como um grupo de “fãs apaixonados” e “devotados ao jogo”, com o fator de união que é torcer pelo time nacional. Com três menções, a violência nos estádios e a ira que as emoções exacerbadas podem gerar também apareceram.

A representação de um Brasil em que a emoção prevalece sobre a razão continua nas unidades de registro sobre a relação do país e dos seus habitantes com o futebol: seria a única ocasião em que “homens choram sem vergonha” ou que a expressão de dor está liberada; a superstição é trazida como recurso de sorte; a reação a uma derrota é tão profunda que é comparada à “maior vergonha da história”, na qual o próprio orgulho do brasileiro é ferido. Além disso, a máxima de que o futebol é um “jogo que significa mais para o Brasil do que para qualquer outro país” é reforçada com afirmações como ele ser a única forma de tirar as crianças da droga, que a violência seria pior sem sua presença, que todos os brasileiros ficam um pouco fanáticos quando o futebol está envolvido ou que muitos estão dispostos a sacrifícios (por exemplo, “dirigir milhares de milhas para acampar na praia”) em nome do amor a este esporte. Por último, o jornal ainda menciona que, apesar de ser o país do futebol, onde sempre há uma tela de tevê ligada em um jogo, é difícil encontrar pessoas praticando o esporte, o que dá a entender que a verdadeira paixão do brasileiro é torcer.

Fazendo uma ligação com a categoria anterior, que também trouxe como um dos eixos o futebol na realidade brasileira – aquela por meio das impressões que o *The Guardian* teve da Copa, esta pela relação do país e dos brasileiros com o esporte – nota-se que estas foram as duas categorias que mais se deixaram levar pelo “emocional”, ou seja, trazem certas

interpretações subjetivas em detrimento de fatos ou dados. Em *Impressões sobre a Copa*, o jornal muitas vezes se encontra como torcedor; em *Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol*, ele destaca o que conseguiu captar dos ânimos da torcida, dos jogadores e dos brasileiros em geral em referência ao futebol e a atuação da seleção na Copa do Mundo 2014, apoiando-se mais em relatos e entrevistas com brasileiros (a relação de todas as fontes ouvidas se encontra na tabela 33). Enquanto os aspectos culturais, políticos e sociais, ainda que possam ser sujeitos de análises interpretativas e críticas com ângulos determinados, permanecem com certo distanciamento da realidade do país, as últimas duas categorias mergulham em uma proximidade com os acontecimentos que gera, justamente, a sensação de que a neutralidade jornalística passa a ser sensível ao ânimo e à atmosfera sobre quem reporta.

5.7. Ligações e influências: representação da Copa do Mundo 2014 sob a perspectiva das representações do Brasil

Para entender relações e verificar possíveis influências mútuas entre as representações do Brasil como um todo e a Copa do Mundo, uma categoria de análise a parte foi criada. A fim de levantar dados sobre como a Copa do Mundo 2014 se encontra retratada no *The Guardian* e se as ideias veiculadas a ela condizem, reforçam ou são contrárias ao que foi visto até o momento, propôs-se o mesmo caminho metodológico aplicado para a análise geral das representações do Brasil, com tabulação da unidade de registro “Copa do Mundo” – tanto no texto quanto em manchetes e linhas finas – além de palavras e expressões substantivas e adjetivas que fizeram referência ao evento. Primeiro, chegou-se a 292 repetições da unidade de registro “Copa do Mundo” no *corpus*:

TABELA 12 – RECORRÊNCIA DA UNIDADE DE REGISTRO COPA DO MUNDO POR CATEGORIA DE ANÁLISE		
CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Impressões sobre a Copa	73	25%
Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	72	24.66%
Aspectos sociais	68	23.28%
Aspectos culturais	45	15.42%
Aspectos políticos	34	11.64%
TOTAL	292	100%

Enquanto “Brasil” é mencionado 382 vezes, “Copa do Mundo” é repetida 292 vezes, em uma diferença de quase 100 repetições. A maior presença desta unidade de registro está

nas categorias relacionadas diretamente ao futebol e à competição, Impressões sobre a Copa e Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol, somando praticamente 50% do total de aparições. No entanto, é importante notar que “Copa do Mundo” aparece em todas as categorias de análise e, mesmo na que menos se encontra (Aspectos políticos, com 34 menções) não chega a ser irrelevante por sua expressiva quantidade numérica.

Agora, ao contrário do que poderia se esperar, “Copa do Mundo” aparece mais vezes em títulos e linhas finas do que a unidade de registro “Brasil”, mesmo com as 90 menções de desvantagens no texto das matérias. A tabela 20 traz estes dados:

TABELA 13 – RECORRÊNCIA DA UNIDADE DE REGISTRO COPA DO MUNDO EM TÍTULOS E LINHAS FINAS POR CATEGORIA DE ANÁLISE		
CATEGORIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol	15	28.85%
Aspectos sociais	12	32.08%
Impressões sobre a Copa	12	23.08%
Aspectos culturais	11	21.15%
Aspectos políticos	2	3.84%
TOTAL	52	100%

Chegou-se ao total de 52 aparições em títulos e linhas finas do vocábulo “Copa do Mundo” (contra 45 de “Brasil”), distribuídos equilibradamente em quatro das cinco categorias de análise – a exceção é Aspectos políticos, que conta com apenas 3.84% das aparições, porém, como é constituída de apenas duas reportagens, o número significa que todas as matérias tiveram a palavra em seu título ou linha fina. Uma vez que o *corpus* de pesquisa é formado por 53 matérias, a média de presença de “Copa do Mundo” em títulos e linhas finas chega a praticamente uma por texto. De fato, muitas das manchetes começavam com a expressão, indicando de forma clara que o evento estaria no assunto central da reportagem a seguir. Como exemplo temos “Copa do Mundo: prefeito de Manaus pede a fãs ingleses para se comportarem ‘como padres’ (4/6 – Aspectos culturais); “Copa do Mundo 2014: greves deixam São Paulo congelada ao invés de em fervor” (12/6 – Aspectos sociais); “Copa do Mundo 2014: nas finais brasileiras, o homem com óculos de proteção será rei” (29/5 – Impressões sobre a Copa); entre outras. Com estes dados em mãos, podemos inferir que o *The Guardian* optou no período, mesmo quando o eixo da reportagem seriam outros aspectos do Brasil, sempre conectar sua chamada principal com o fato quente do momento, ou seja, a Copa do Mundo 2014, que estava acontecendo ou prestes a acontecer. A escolha

editorial provavelmente se justifica tanto para situar o leitor no espaço-tempo quanto para atraí-lo para a leitura por meio de uma manchete mais chamativa.

Passando para como a Copa do Mundo foi representada na mídia inglesa, percebemos que o jornal recorreu frequentemente a sinônimos para substituir a expressão “Copa do Mundo”. Todas as unidades de registro substantivas, então, seguem relacionadas abaixo:

TABELA 14 – UNIDADES DE REGISTRO SUBSTANTIVAS REFERENTES À COPA DO MUNDO		
UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Torneio	79	80.61%
Brasil 2014	7	7.14%
Competição	6	6.12%
Copa das Copas	4	4.09%
Evento	2	2.04%
TOTAL	98	100%

A de maior destaque, com 80.61% do total, é a palavra “torneio”, bastante neutra quanto às suas implicações à Copa do Mundo que, antes de tudo, é um torneio esportivo. O mesmo podemos dizer de “competição”, que surge seis vezes nas matérias analisadas, e “evento”, embora este também conote que a Copa ultrapassa a esfera esportiva e se torna um acontecimento global. “Brasil 2014” foi utilizado como nome próprio para a Copa do Mundo 2014, já a associando ao seu país-sede; e “Copa das Copas”, expressão utilizada pela mídia nacional, chegou ao *The Guardian*, que a utiliza quatro vezes. Apesar da quantidade expressiva de 98 unidades de registro, percebemos que a grande maioria delas foi apenas usada como sinônimo ao vocábulo “Copa do Mundo”, em um recurso praxe do jornalismo em evitar a repetição de palavras iguais. Já as unidades de registro adjetivas surgem com menos neutralidade, como podemos ver na classificação temática proposta na tabela 22:

TABELA 15 – UNIDADES DE REGISTRO ADJETIVAS REFERENTES À COPA DO MUNDO		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Quanto a implicações críticas	28	40.57%
Quanto à magnitude	16	23.19%
Quanto à atmosfera	11	15.95%
Quanto à organização e infraestrutura	9	13.04%
Quanto a implicações esportivas	5	7.25%
TOTAL	69	100%

Da mesma forma que na categoria Impressões sobre a Copa houve o registro das avaliações do jornal em relação ao sucesso ou não do evento, assim como o “veredicto final” sobre sua infraestrutura, obras, gastos, atmosfera, etc., aqui também se encontram tais avaliações relacionadas diretamente à unidade de registro Copa do Mundo, divididas em cinco ocorrências principais. Quanto a implicações críticas e Quanto à organização e infraestrutura dizem respeito diretamente à edição 2014; Quanto à atmosfera traz a perspectiva da torcida, do público e do próprio clima brasileiro que o país-sede forneceu ao evento; Quanto à magnitude e suas unidades de registro denotam mais uma visão de que a Copa do Mundo 2014 é um megaevento global do que qualquer outra coisa; enquanto Quanto a implicações esportivas, embora com pouca expressividade, toque no ponto do que uma Copa do Mundo significa para o esporte e para o futebol. Todas as unidades de registro adjetivas referentes à Copa do Mundo encontram-se relacionadas na tabela 23:

QUADRO 16 – RELAÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTRO ADJETIVAS REFERENTES À COPA DO MUNDO		
CLASSIFICAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
Quanto a implicações críticas	- sucesso/bem-sucedida/maravilhosa/sonho/fez crianças de todos nós	9
	- revelou problemas de desigualdade/ilumina o abismo entre ricos e pobres/símbolo da desigualdade no Brasil/não é para o povo	4
	- ópio das massas/pão e circo do Brasil atual/prá se esquecer da sociedade ao redor do estádio	3
	- guerra por outros meios em um festival de nacionalismos/irá unir uma nação?	2
	- mais pesado do que o usual em implicações políticas/carrega mais do que o peso usual de expectativas e frustrações	2
	- tão financeira e moralmente cara que seria melhor que ganhasse uma residência permanente em algum lugar	1
	- a cereja do bolo e uma clara reivindicação da ordem do novo mundo	1
	- revelou momentos de graça e vilania	1
	- arriscada e importante	1
	- medida da capacidade do Brasil, dentro e fora dos campos	1
	- primeira Copa verdadeiramente do Twitter	1
	- torneio das não-pessoas: das marcas, das máquinas, dos personagens corporativos	1
	- deu a largada como um trem	1
Quanto à magnitude	- maior show do mundo/evento enorme/principal evento esportivo/maior momento do futebol/torneio como nenhum outro/melhor torneio dos tempos modernos	10
	- será catalítica?	1
	- poderosa	1
	- grande paixão nacional	1
	- muito grande e faminta pra sua própria saúde	1
	- mais desobediente das extravagâncias globais	1
	- maior, mais caro e discutivelmente mais controverso torneio	1
Quanto à atmosfera	- atmosfera de carnaval/multidão barulhenta/festa do futebol/festa de exportação/comovente festa/muita diversão para o público	6
	- misturada e confusa/caos suficiente/fermentação complexa	3
	- momento com que os brasileiros sonham nos últimos sete anos	1

	- contraste forte com os 10 mil que lotavam o centro de Johannesburg, soprando vuvuzelas	1
Quanto à organização e infraestrutura	- a mais cara da história/Copa mais cara/custos voaram a mais de 6.5 bilhões de libras	3
	- parece ter sido um sucesso apesar dos que a organizaram	1
	- sua preparação foi o mostruário para o pior e o melhor do Brasil	1
	- má publicidade sobre atrasos, morte de trabalhadores e custos altos	1
	- não mostrou sinal das promessas de melhoras na infraestrutura	1
	- cercada de muita controversa	1
	- maior operação militar em tempos de paz	1
Quanto às implicações esportivas	- era pra ter exorcizado o fantasma de 1950/convocou um novo espectro de humilhação	2
	- torneio que o esporte queria	1
	- mudou o foco para o futebol	1
	- potencial de ser tanto o melhor quanto o pior na história do futebol	1
TOTAL		69

As unidades de registro da classificação Quanto às implicações críticas reforçam ideias que já haviam aparecido em uma parte ou outra da análise: primeiro, de que futebolisticamente a Copa do Mundo foi um sucesso; em segundo, com quatro repetições, os problemas de desigualdade no país, que parecem ter vindo à tona durante a competição; em seguida, com número menor de menções, mas não menos importante, a maneira como a Copa funciona para se esquecer das questões “ao redor dos estádios” – ironicamente, algo que nas matérias das categorias relacionadas ao futebol o próprio *The Guardian* faz – sendo comparada ao “ópio das massas”; como a Copa do Mundo significa mais para o Brasil, carregando “mais do que o peso usual de expectativas e frustrações”; as dúvidas sobre a sua capacidade de “unir uma nação”; além de implicações adjetivas quanto a seus custos, seu papel na nova ordem mundial, seu reflexo da capacidade do Brasil também fora dos campos, seu envolvimento com as redes sociais ou, ainda, quanto a suas características ambíguas, por exemplo, “arriscada e importante” ou reveladora de “momentos de graça e vilania”.

O mesmo reforço de representações acontece nas palavras e expressões sobre a infraestrutura e a organização, que abordam novamente a imagem de Copa do Mundo “mais cara da história”, as controversas, os atrasos, os esquemas grandiosos para a segurança, o não-cumprimento das promessas em infraestruturas relacionadas à realização do evento e a impressão de que, no final, ela “parece ter sido um sucesso apesar dos que a organizaram”. Seguindo para a classificação Quanto à atmosfera – que, se englobarmos as referências à torcida e às festas, está presente em quatro das cinco categorias de análise da pesquisa – notamos que mais da metade das unidades de registro, mais uma vez, enfatiza o clima festivo, de alegria e diversão no país, sem deixar de lado os ingredientes “caos” e “confusão”, sem que haja uma representação negativa deles, mas, sim, de complexidade não compreendida.

Das cinco classificações propostas, percebemos, então, que o conteúdo de três delas serve para fortalecer representações já feitas sobre o Brasil, levando-nos a inferir que existe, de fato, uma ligação entre as imagens do país e da Copa do Mundo que este sediou veiculadas no *The Guardian*. A novidade fica por conta das classificações Quanto à magnitude e Quanto a implicações esportivas que, embora inéditas, não negam nenhuma das representações apresentadas pelo jornal sobre o Brasil. A primeira é evocada pela primeira vez agora, mostrando em praticamente todas as suas unidades de registro a Copa do Mundo como um “evento enorme”, “maior show do mundo”, “torneio como nenhum outro”, “poderosa” e até “muito grande e faminta para sua própria saúde”, entendendo-a como um megaevento não só esportivo, mas global. Já a segunda classificação, Quanto a implicações esportivas, levanta questões acerca do papel da competição tanto para a história do futebol (“potencial de ser tanto o melhor quanto o pior na história do futebol” ou mencionando a derrota do Brasil contra o Uruguai em 1950, comparando-a com o 7x1 contra a Alemanha, que “convocou um novo espectro de humilhação”) quanto para o esporte atual e seu futuro, já que a Copa teria mudado “o foco para o futebol” e sido o “torneio que o esporte queria”.

5.8. Adendo 1 – fontes

Além da própria visão interna do jornal, um fator que pode influenciar a construção das representações do Brasil no *The Guardian* são as fontes que ele seleciona para obter informações para as matérias que tiveram o país como assunto principal. Considerando este potencial, uma relação de todas as fontes utilizadas no *corpus* foi feita, para se verificar quem eram elas e como eram tratadas pela mídia inglesa. Os dados estão na tabela 24:

TABELA 16 – RECORRÊNCIA DE FONTES		
CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Fontes locais	85	57.44%
Fontes oficiais	22	14.87%
Autoridades/personalidades do futebol	21	14.18%
Veículos de comunicação	20	13.51%
TOTAL	148	100%

Mais da metade das fontes ouvidas pelo *The Guardian* (57.44%) são locais, pessoas comuns que não têm envolvimento oficial com o assunto tratado, sejam eles moradores da região do fato, turistas, cidadãos de passagem, donos de estabelecimentos ou ocupantes de diversas profissões. A diferença numérica entre esse tipo de fonte e a seguinte mais utilizada,

as fontes oficiais, é de mais de 40% e pode demonstrar que o veículo, pelo menos no que se refere às suas fontes, priorizou a voz “do povo”, cujas falas conseguiriam passar uma ideia mais interna e menos contaminada de vieses políticos ou econômicos da realidade do país.

Foram consideradas fontes oficiais aquelas que são capazes de falar com autoridade sobre o assunto tratado, por exemplo, professores, especialistas, políticos e instituições. Algumas delas foram, de fato, entrevistadas; outras tiveram suas falas retiradas de coletivas de imprensa e pronunciamentos. Autoridades/personalidades do futebol, por um certo ponto de vista, também poderiam ser consideradas fontes oficiais, mas optou-se por separá-las por terem sido ouvidas exclusivamente devido ao seu envolvimento com o esporte. Incluem-se nesta classificação jogadores, técnicos, especialistas e profissionais do futebol e até ex-jogadores ou jogadores estrangeiros.

A última classificação, que responde por 13.51% do total, é a única que não se refere a pessoas, mas, sim, a outros veículos de comunicação que serviram de fonte para os jornalistas do *The Guardian*. Apesar de menos frequente, a utilização da própria mídia nacional para pautar sua cobertura mostra que o jornal não está isento de reutilizar interpretações já veiculadas ou rotineiramente repetidas em outros meios, o que diminuiria o seu olhar estrangeiro em detrimento de uma visão regional sob os fatos. A relação com todos os veículos citados e as pessoas ouvidas encontra-se no Anexo 4.

Além da abundância de fontes locais diferentes – abrangendo diversas faixas etárias, gêneros, profissões e localidades – o que primeiro se nota é que não há um padrão de apresentação destas pessoas. Enquanto algumas são nomeadas com rigor, como no caso de “Peddy Dold, fundador da Navigation Partners, indústria de estratégia de marketing de entretenimento, e antigo vice-presidente para internacional no Univision Music Group”, outras sequer têm seu nome divulgado, por exemplo, o vendedor de rua e o residente do Rio de Janeiro, ambos anônimos. No geral, não há uma preocupação excessiva de situar quem são essas pessoas: algumas recebem a idade, outras não; algumas são apenas fãs ou torcedores, outras vêm acompanhadas pelo menos por sua profissão; grande parte é identificada apenas por um adjetivo, como músico, inglês, mineiro, fã ou dono de restaurante; outros aparecem pelo nome e nada mais. A tendência continua nas fontes oficiais e autoridades/personalidades do futebol. Algumas delas, por exemplo, Ronaldo, Lula, Neymar e Diego Maradona sequer são denominados com coisa alguma, talvez como um indício de que são conhecidos o suficiente para derrubar esta necessidade. Esta opção do jornal pode indicar que, além de procurar um tom informal de escrita, ele prioriza mais a fala do que propriamente quem a está pronunciando, buscando um retrato plural e “ordinário” do Brasil.

Entre as fontes oficiais podemos encontrar, como já citado, políticos, estudiosos, ministros, outros jornalistas e até a Igreja Católica. Como é esperado, este tipo de fonte é necessário a fim de dar credibilidade à matéria, embora não apareça com tanta frequência. As autoridades/personalidades do futebol também cumprem esta função, já que jogadores, ex-jogadores, técnicos e membros de delegações passam uma visão de dentro do esporte sem que suas afirmações sejam tão facilmente contestadas.

Quanto aos veículos de comunicação, podemos notar que todos os grandes jornais do país foram citados (*Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Estado de Minas, O Globo, etc.*), além de veículos especializados em esportes (*Lance!*, por exemplo), da TV Globo e de portais de internet, como o UOL. Algumas publicações internacionais chegam a ser mencionadas – elas aparecem após a contusão de Neymar e a derrota por 7x1 contra a Alemanha, quando suas manchetes e suas posições pós-acontecimentos são listadas. Neste quesito, observa-se que há uma pluralidade de fontes, mesmo quando seria mais simples um ou dois veículos nacionais de atuação ampla dominarem o cenário. Este fato, aliado à grande quantidade de fontes locais ouvidas, mostra que o *The Guardian* se preocupou em trazer uma visão abrangente sobre o país, ainda que, em alguns momentos, dependa da mídia nacional e fontes oficiais de informação.

5.9. Adendo 2 – palavras em português

Ao começar o levantamento de unidades de registro, saltou aos olhos a notável presença de palavras em português incluídas nos textos em inglês do *The Guardian*. Ao propor a listagem destas palavras e expressões, chegamos ao total de 70 ocorrências espalhadas pelo *corpus* de análise, detalhadas abaixo:

QUADRO 17 – RELAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS	
UNIDADE DE REGISTRO	QUANTIDADE
seleção	11
Copa das Copas	5
favela	3
jogo bonito	3
alambiques	2
cariocas	2
Força Neymar	2
Mineirão	2
olés	2
paulistanos	2
#OcupeEstelita	1
alegria	1

BH	1
caipirinha	1
caravela	1
cidade dos bares	1
contra-ataque	1
Copa do Mundo	1
Copa do Povo	1
Copa pra quem?	1
covardia	1
craque	1
futebol-arte	1
gaúchos	1
gringo	1
Holanda!	1
Imagina na Copa!	1
lanchonetes	1
Minha Casa, Minha Vida	1
Movimento dos Trabalhadores Sem Teto	1
Não vai ter capa (<i>referência à manchete do jornal Meia Hora</i>)	1
Não vai ter Copa	1
natal 2014	1
pagode	1
país do futebol	1
Partiu!	1
peladão	1
pinga	1
povão	1
pudim	1
salgados	1
sertão	1
Terra da garoa	1
tetra	1
torcedores organizados	1
tristeza	1
TOTAL	70

Com um número considerável de palavras em português em uma publicação voltada quase exclusivamente para o leitorado inglês, buscou-se compreender o porquê do uso de tais expressões e qual a utilidade delas. A primeira razão que podemos inferir é que algumas das unidades de registro não possuem tradução para o inglês. “Movimento dos Trabalhadores Sem Teto” e “Minha Casa, Minha Vida”, por exemplo, são nomes próprios; “Mineiraço”, “gringo”, “favela”, “pagode” e “olé” são expressões tipicamente brasileiras (embora favela possa ser traduzida como *slum* ou *shantytown*) que se, traduzidas, perderiam seu sentido original; “#OcupeEstelita”, “Força Neymar” e “Copa das Copas” foram frases altamente compartilhadas nas redes sociais e é cabível que o jornal as mantenha no português; “caipirinha”, “salgados”, “pudim” e “lanchonete” são nomes de comidas ou locais de alimentação que também dificilmente teriam um equivalente.

“Paulistanos”, “cariocas” e “gaúcho” denominam a região de nascimento de brasileiros. Embora não tenham similares, poderiam ser deixados de fora ou até explicados no inglês de outra maneira ao citar o nome do estado em si. Optando por apresentá-los dessa forma, o jornal enfatiza o caráter internacional da matéria: está se falando sobre outro país, não haveria nada demais, portanto, em pincelar extratos desta realidade regional. O mesmo acontece com “BH”, abreviação carinhosa de Belo Horizonte, além de “cidade dos bares” e “Terra da garoa”.

A intenção de trazer o Brasil mais próximo do leitorado inglês também se encontra na utilização de palavras e expressões que poderiam ser perfeitamente traduzidas, porém que, ao serem mantidas no original, transmitem um significado maior. Quando “tristeza” é escrita em português, dá-se a entender que é uma tristeza tipicamente brasileira, potencializando-a. Assim acontece com termos relacionados ao futebol (“país do futebol”, “tetra”, “contra-ataque”, etc.), já que este sempre parece significar mais para os brasileiros do que para o resto do mundo. A palavra que mais expressa este ponto de vista é “seleção”, que aparece 11 vezes no total. Para o *The Guardian*, ela tem um lugar tão institucionalizado no imaginário brasileiro que chamá-la apenas de time nacional (que é como chama a equipe inglesa, *national team*, no original), a colocaria abaixo de seu status único. Por último, “Povão”, “peladão”, “Partiu!”, “Imagina na Copa!”, entre outras, são todas expressões que, ao serem mantidas no original, intensificam seu significado e denotam que só poderiam ser entendidas por completo se aparecessem assim, em português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância das construções midiáticas para a formação da imagem internacional de um país e, muitas vezes, para o seu próprio auto senso de identidade, esta dissertação propôs como objetivo estudar as representações sobre o Brasil e sobre seus temas mais reportados na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal inglês *The Guardian*. Diante do que foi observado por meio da Análise de Conteúdo e baseando-se no suporte teórico apresentado, foi possível chegar a algumas considerações que passamos a descrever.

Para propor as categorias de análise, e já respondendo uma das perguntas de pesquisa, buscou-se verificar quais os aspectos da realidade brasileira que mais ganharam destaque durante a cobertura da Copa do Mundo 2014. Assim, nas cinco categorias de análise propostas, cada uma delas referente a um tema mais reportado (sendo eles Aspectos culturais, Aspectos políticos, Aspectos sociais, Impressões sobre a Copa e Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol), o que predomina é a cobertura de problemas sociais do país. Enquanto a sua própria categoria, Aspectos sociais, é a que registrou o maior número de ocorrências de unidades de registro, o tema permanentemente apareceu também nas outras categorias de análise. Assim, nuances da realidade do país como as favelas, as desigualdades (seja no cotidiano e historicamente, seja no contexto da Copa do Mundo), os protestos com repressão policial, as greves, as diferenças socioeconômicas entre as regiões, a atmosfera com certo caos e de pouco apoio popular ao evento esportivo, entre outras, predominaram na cobertura do veículo inglês. Esta tendência da mídia internacional focar em situações sociais problemáticas brasileiras não é nova, uma vez que pesquisas anteriores já mostraram que o tema é recorrente não só no *The Guardian*, mas em outros jornais estrangeiros.

No entanto, enquanto muitas vezes o tom dado à cobertura internacional do Brasil é majoritariamente negativo, o *The Guardian* apresentou um tom de incredulidade, de surpresa. O jornal dá a entender que, frequentemente, não possui referências para entender a complexidade política, cultural, econômica e social do país, perpetuando a imagem de um Brasil incompreendido. A nação seria pouco compreendida não só por sua realidade distante da inglesa, mas principalmente pela abundante diversidade de representações às quais está sujeita. Desta forma, a cobertura do veículo inglês leva a temas binários recorrentes, como a desigualdade entre ricos e pobres, a paixão pelo futebol x a insatisfação com a organização da Copa, contrastes entre regiões, ambivalência entre a população calorosa, festiva e hospitaleira contra torcedores violentos e polícia repressiva, etc. Esta pluralidade de representações encontra-se também dentro de cada uma das categorias de análise, uma vez que nenhum tema

reportado apresentou uma imagem isoladamente em destaque, predominando ideias que variavam de acordo com a angulação que se dava ao tema.

Diante disso, chegamos, como representação central do *The Guardian* sobre o Brasil no período da Copa do Mundo, ao que podemos chamar do “Brasil que não é bem assim”, frase que pode ser empregada em várias situações e temas encontrados nas reportagens do jornal inglês. Por exemplo: “a Copa do Mundo 2014 se provou um sucesso, mas não é bem assim, pois foi às custas de altos gastos e pouco retorno à sociedade”; “a torcida é devota ao jogo, mas não é bem assim, já que existiram casos de juízes mortos por fãs irados”; “o turismo na favela tem aumentado, mas não é bem assim, pois é mal visto pela alta sociedade carioca”, e assim segue. As representações sobre o Brasil são tão diversas que chegam a ser contraditórias, bastando citar a imagem de que ao mesmo tempo em que teria o potencial de ser o país do futuro, é também tragado pelos seus próprios problemas e a incapacidade de solucioná-los. Tal exuberância de ideias não só dificulta a leitura internacional dos fatos, como também faz o tom de incredulidade, já citado acima, tornar-se sobressalente.

Mesmo com um quadro em que as representações sobre o Brasil encontradas na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo *The Guardian* tenham se provado bastante diversas, uma se manteve constante: a noção de que, aqui, o futebol significa mais. A relação passional dos brasileiros com o futebol não só foi citada constantemente, como, inclusive, perpassou áreas que não seriam seu habitat natural, como a política, e influenciou o veredicto final sobre a Copa do Mundo. Assim, a imagem que se firma do megaevento esportivo no jornal inglês é a de um torneio que foi um sucesso, mesmo tendo em destaque a sua relação com os atrasos, os gastos nas obras e a organização controversa, enquanto os brasileiros, apesar de céticos e com sentimentos ambíguos diante da competição, no fim não resistem a se entregar à grande paixão pelo esporte nacional. Foi a Copa que “deu certo, apesar de tudo o que aconteceu de errado”.

No entanto, não pudemos deixar de notar que, enquanto a premissa de que o futebol significa mais e, por isso, teria a predisposição de ofuscar outros sentimentos e contextos seria inerente da identidade brasileira, o próprio *The Guardian* se envolve emotivamente na competição e, uma vez feito isso, gera influências em sua cobertura. Foi observado que nas categorias de análise diretamente ligadas ao esporte (Impressões sobre a Copa e Relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol), o veículo inglês demonstra uma tendência muito maior em relevar os acontecimentos sociais ou políticos por detrás do “jogo bonito”. Isso não acontece nas outras categorias, que priorizaram uma cobertura diversificada que, embora algumas vezes tenha caído na repetição de imagens já recorrentes sobre o Brasil (por

exemplo, ao ser descrito por suas características geográficas ou pela corrupção inerente de suas instituições públicas), também trouxe olhares diferenciados sobre o país. É como se, ao se aproximar demais do futebol, o *The Guardian* se deixasse levar pela alegria, diversão e grandiosidade da Copa do Mundo e, por um momento, se esquecesse dos cenários ao redor. Isto leva a crer que um megaevento esportivo nos portes da Copa do Mundo tem, de fato, a potencialidade de intensificar a veiculação de temas nacionais em mídias estrangeiras, mas não só isso: possui também a capacidade de os ofuscar em prol da cobertura esportiva.

Com isso, podemos afirmar que o legado na imagem internacional de um país-sede está muito mais ligado à postura editorial das mídias estrangeiras do que na realização do torneio em si. Embora as redações estejam sofrendo cortes e a internet continue substituindo cada vez mais o envolvimento direto de jornalistas com o fato, a cobertura internacional do *The Guardian*, que valorizou o trabalho de correspondentes e repórteres no local do acontecimento, além de escolher profissionais com experiências e áreas de atuação variadas, provou que este é um fator que ainda faz diferença. Fugindo do tratamento padrão com foco no esporte e usando fontes locais de informação – tanto pessoas quanto jornais e emissoras – ele conseguiu trazer um olhar mais próximo da realidade brasileira, diminuindo possíveis choques culturais ou angulações simplistas e ainda incentivando reportagens que tiveram temas não-usuais em uma editoria internacional (como foi o caso de tribos indígenas, arte de rua, turismo na favela, etc.). Uma cobertura plural, portanto, depende também de jornalistas e fontes plurais, não apenas de um acontecimento mais rico em fornecer diferentes leituras.

Por fim, respondendo à segunda pergunta de pesquisa deste trabalho, se a forma como a Copa do Mundo é representada poderia influenciar ou modificar as representações do Brasil, constatamos que existe, sim, uma equivalência entre as representações propostas pelo *The Guardian* sobre o país e a Copa do Mundo 2014. Características encontradas na representação do torneio (por exemplo, atmosfera de caos e alegria ao mesmo tempo, significado maior do que apenas futebol, a corrupção e o mascaramento de problemas sociais para sua realização, etc.) condizem com o que se fala sobre o país e seus aspectos mais destacados, mostrando que um megaevento de proporções globais pode ter – embora dependendo de outros fatores, como a linha editorial do veículo – a potencialidade de influenciar e/ou modificar a percepção internacional sobre o país que o recebe.

De modo geral, na visão de pesquisadora, embora tenha se exaltado em certos pontos da cobertura, o *The Guardian* conseguiu fazer um trabalho completo e ao menos tentou se aproximar o máximo possível da realidade brasileira, traduzindo-o em representações que muitas vezes surpreenderam: o jornal deixou de lado algumas ideias clássicas sobre o país

para se aprofundar em sua complexidade – inclusive admitindo não entendê-la por completo, em um sinal de maturidade jornalística. Esta pesquisa, além de trazer dados atuais sobre as representações internacionais do Brasil em um momento tão rico e único quanto a Copa do Mundo, que podem ser usados para entender os caminhos das construções de ideias estrangeiras sobre o nosso país, também deixa as portas abertas para estudos futuros, em especial os comparativos e os que dizem respeito à evolução dos conceitos, percepções e temas que englobam o que se entende por Brasil.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **COMUM**, v. 6, n. 17, jul/dez, p. 111-125, 2001

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004

BIANCHI, Paula & HATJE, Marli. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. In: **Motrivivência**, Ano XVIII, Nº 27, 2006, p. 165-178

BRASIL, Antonio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. In: **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 775-794, 2012

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CEVASCO, Maria E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003

CUNHA, Raquel Cantarelli Vieira da. **Os conceitos de cultura e comunicação em Raymond Williams**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010

DALPIAZ, Jamile Gamba. **Representações do Brasil na imprensa britânica**: uma análise cultural do jornal The Guardian. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986

DE ALMEIDA, Bárbara Schaustek. Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 31-32, p. 178-192, 2009

DE ALMEIDA, Paulo Henrique Soares. **O Brasil na Copa do Mundo**: uma identidade redescoberta. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014

DOTA, M. I. M. A imagem do Brasil no discurso do New York Times. In: **Signo y Pensamiento**, v. XXIX, p. 388-404, 2010

FONSECA JUNIOR, Wilson Correa. Análise de Conteúdo. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2009, p. 280-304

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. In: **ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, agosto-dezembro; p. 45-71, 2004

FREIRE FILHO, João. HERSCHMANN, Micael Herschmann; PAIVA, Raquel. Rio de Janeiro: estereótipos e representações midiáticas. **COMPÓS**, ed. 1, dezembro, 2004

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, n. 28, dezembro, 2005

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003

GASTALDO, Édison Luis. Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático. In: **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 41, p. 115-133, 2004

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 31-32, p. 193-210, 2009

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

HALL, S. The work of representation. In: **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997

HOHENBERG, John. **O jornalista profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O homem cordial. In: **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013

KELLNER, Douglas **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Geração Editorial, 2003

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

LIMA, Raquel Sousa. **O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson**. Disponível em: www.historia.uff.br/cantareira/edic_passadas/V8/artigo02.htm. Acesso em: 19 de nov. 2015

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Correspondente internacional**. Editora Contexto, 2011

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru: EDUSC, 2000

MATTELART, Armand; MATTELARD, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003

MEZZAROBBA, Cristiano; MESSA, Fábio de Carvalho; PIRES, Giovani de Lorenzi; Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, Giovani de Lorenzi. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011

MILLER, Toby. Cidadania cultural. In: **MATRIZES**, Ano 4, Número 2, 2001, p. 57-74

MINISTÉRIO DA CULTURA. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 2 fev. 2016

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo**. Uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Globo, 2007

MOREIRA, Fabiana Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

MOTA, Célia. Identidade nacional na narrativa jornalística: um novo Brasil? In: **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais em Humanidades**, Brasília, 2013

MURAD, Angèle. Os valores-notícia na imprensa oligopolizada e multimídia: olhares a partir do newsmaking. In: **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Salvador, 2002

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. Editora Contexto, 2004

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006

OLIVEIRA FILHA, Elza & MOREIRA, Rejane de Mattos. Cenário do jornalismo impresso: entre tensões e potencialidades. In: DE MORAES, Osvando J. (ORG). **Ciências da comunicação em processo**: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI. Conhecimento, leituras e práticas contemporâneas. São Paulo: Intercom, 2014

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora Braziliense, 1994

PAGANOTTI, Ivan. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. In: **Revista Rumores**, v. 1, n. 1, 2007

PAYNE, Michael. **A virada olímpica**: como os Jogos Olímpicos se tornaram a marca mais valiosa do mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006

POUSA, Luis Álvares. La especialización em el tempo de la globalización. In: DEL MORAL, Javier Fernández (COORD). **Periodismo especializado**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004

RAMONET, Ignacio. **O quinto poder**. Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd211020032.htm. Acesso em: 30 de set. 2015

RASIA, Régis Orlando. E quando o "outro somos nós"? O estereótipo do Brasil e do brasileiro no audiovisual. **Revista Universitária do Audiovisual**, v. 1. 2011

ROCHE, Maurice. **Mega-events and modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. New York: Routledge, 2000

SANTIN, Silvino. Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios – contradições. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 31-32, p. 332-334, 2009

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2009

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005

VILLANO, Bernardo *et al.* Gestão de legados de megaeventos esportivos. In: DACOSTA, Lamartine *et al* (ORG). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**: 1780 – 1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969

WHITE, Leslie. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009

ZWEIG, Stefan. **Brasil, o país do futuro**. Porto Alegre: L&PM, 2013

ANEXO 1

Relação de autores das matérias analisadas

AUTORES		
NOME	FUNÇÃO*	NÚMERO DE MATÉRIAS
Jonathan Watts	Correspondente na América Latina do The Guardian	14
Owen Gibson	Correspondente-chefe de esportes do The Guardian	10
Hadley Freeman	Colunista do The Guardian e “features writer” (que não escreve <i>hard news</i>)	5
Barney Ronay	Escritor de esportes sênior do The Guardian	2
Daniel Taylor	Escritor-chefe sobre futebol para o The Guardian e Observer	2
David Hytner	Correspondente sobre futebol para o The Guardian	2
Jonathan Jones	Escreve sobre arte para o The Guardian	2
Adrian Chiles	Apresentador de TV	1
Alex Bellos	Foi o correspondente no Brasil do The Guardian entre 1998 e 2003	1
Andy Hunter	Correspondente de futebol para o The Guardian	1
Catherine Balston	Blogger sobre comida e editor de comida & bebida da Time Out São Paulo	1
Dominic Fifield	Correspondente de futebol de Londres do The Guardian	1
Ed Aarons	Editor-adjunto de notícias do The Guardian Sports	1
Laura Barton	“Features writer” (que não escreve <i>hard news</i>) para o The Guardian	1
Luke Bainbridge	Antigo editor associado do Observer Music Monthly	1
Marina Hyde	Colunista do The Guardian sobre comentários em geral, esportes e celebridades	1
Milton Hatoum	Escritor brasileiro e tradutor	1
Stuart Heritage	Escreve sobre TV, filmes e música para o The Guardian	1
Tim Jonze	Editor de música do guardian.co.uk	1
Vicky Baker	Freelancer	1
Associated Press	Agência de notícias	1
Editorial	-	1
The Guardian Staff	-	1
Observer Staff	-	1

* De acordo com a descrição do *The Guardian*

ANEXO 2

Títulos originais em inglês e links de acesso das matérias do jornal *The Guardian* analisadas

TÍTULOS ORIGINAIS E LINKS DE ACESSO			
DATA	MANCHETE (TRADUZIDA PELA AUTORA)	MANCHETE ORIGINAL EM INGLÊS	LINK DE ACESSO
29/5	Músicas de protesto rivais da Copa do Mundo dão cotoveladas por atenção dos fãs	Rival World Cup protest songs jostle for football fans' attention	www.theguardian.com/football/2014/may/28/world-cup-protest-songs-2014-brazil-shakira-pit-bull-jennifer-lopez
29/5	Copa do Mundo 2014: nas finais brasileiras, o homem com óculos de proteção será rei	World Cup 2014: at the Brazil finals a goggle-eyed man will be king	www.theguardian.com/football/blog/2014/may/28/world-cup-2014-brazil-security-measures
29/5	O lugar mais quente do Rio para se comer – as favelas	Rio's hottest place to eat – the favelas	www.theguardian.com/lifeandstyle/2014/may/29/favelas-restaurants-rio-de-janeiro
31/5	Brasil: o mundo aos pés dele	Brazil: the world at their feet	www.theguardian.com/football/2014/may/31/-sp-brazil-2014-world-cup-photo-essay
31/5	Brasil 2014: o que a Copa do Mundo significa para nós	Brazil 2014: What the World Cup means to us	www.theguardian.com/football/2014/may/31/-sp-brazil-2014-world-cup-means-to-us
3/06	Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e se desculpar em português	World Cup 2014: how to get drunk, flirt and apologise in Portuguese	www.theguardian.com/sport/2014/jun/02/world-cup-2014-how-to-get-drunk-flirt-apologise-in-portuguese
4/06	Copa do Mundo: prefeito de Manaus pede a fãs ingleses para se comportarem “como padres”	World Cup: Manaus mayor asks England fans to behave 'like priests'	www.theguardian.com/football/2014/jun/03/world-cup-manaus-mayor-england-fans-priests-italy
6/6	Copa do Mundo 2014: cidade do jogo de abertura, São Paulo, atingida por greve no transporte público	World Cup 2014: opening match city São Paulo hit by public transport strike	www.theguardian.com/world/2014/jun/05/world-cup-2014-opening-match-sao-paulo-public-transport-strike
7/6	Espírito latino: trilha da cachaça do Brasil	Latin spirit: Brazil's cachaça trail	www.theguardian.com/travel/2014/jun/06/brazil-cachaca-trail-sao-paulo-belo-horizonte
8/6	Copa do Mundo 2014: grupos e protestos nas ruas do Brasil	World Cup 2014: parties and protests on the streets of Brazil	www.theguardian.com/world/2014/jun/07/world-cup-brazil-parties-and-protests
8/6	Os ingredientes essenciais do Brasil 2014: o logo, o mascote e a música de J-Lo	Brazil 2014's essential ingredients: the logo, the mascot and J-Lo's music	www.theguardian.com/football/2014/jun/07/brazil-2014-ingredients-memes-j-lo
9/6	Políticos brasileiros apostando na vitória da Copa do Mundo para ajudar a suavizar inquietação	Brazil's politicians banking on World Cup victory to help soothe unrest	www.theguardian.com/football/2014/jun/08/brazils-politicians-banking-on-world-cup-victory-to-help-soothe-unrest
10/6	Deixe-os comer futebol: arte de rua anti-Copa do Mundo do Rio de Janeiro	Let them eat football: Rio de Janeiro's anti-World Cup street art	www.theguardian.com/artanddesign/2014/jun/09/let-them-eat-football-rio-de-janeiro-sao-paulo-anti-world-cup-graffiti

12/6	Copa do Mundo 2014: pronto ou não, é hora do Brasil se mostrar ao mundo	World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world	www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff
12/6	“A Copa do Mundo é realmente só para as pessoas de helicópteros”	'The World Cup is really just for the people in helicopters'	www.theguardian.com/world/2014/jun/11/world-cup-helicopters-streets-sao-paulo
12/6	Copa do Mundo 2014: greves deixam São Paulo congelada ao invés de em fervor	World Cup 2014: Strikes leave São Paulo frozen rather than at fever pitch	www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-2014-metro-strikes-threaten-to-clog-football-excitement
12/6	Brasil 2014 está aqui: não só qualquer Copa do Mundo, mas a Copa das Copas	Brazil 2014 is here: not just any old World Cup but the Copa das Copas	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/11/brazil-croatia-opener-world-cup-2014
13/6	Estádio de Manaus em pressa frenética para ficar pronto para o jogo Inglaterra x Itália	Manaus stadium in frantic rush to be ready for England v Italy match	www.theguardian.com/football/2014/jun/12/manaus-stadium-england-italy
15/6	Brasil: prisões e repressão, mas ativistas anti-Copa do Mundo levam sua mensagem	Brazil: Arrests and crackdowns but anti-World Cup activists get their message across	www.theguardian.com/world/2014/jun/14/brazil-protests-crackdown-arrests-online-media
15/6	Ingleses encontram uma quente boas-vindas no calor lancinante da floresta Amazônica	England find a warm welcome in the Amazon jungle's searing heat	www.theguardian.com/football/2014/jun/14/england-warm-welcome-amazon-jungle
17/6	Fábrica de figurinhas da Copa do Mundo Panini: São Paulo é meca para colecionadores	Panini's World Cup sticker factory: São Paulo's mecca for collectors	www.theguardian.com/football/2014/jun/16/panini-world-cup-sticker-factory-sao-paulo
18/6	Gols, emoção e vilania – até agora, esta foi uma Copa do Mundo para se saborear	Goals, thrills and villainy – so far this has been a World Cup to savour	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/18/world-cup-2014-goals--thrills-brazil-hosts
18/6	Como a Copa do Mundo do Brasil vendeu seu povo a curto prazo na Amazônia	How Brazil's World Cup has sold its people short in the Amazon	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/17/brazil-world-cup-people-amazon-fifa-manau
19/6	Polícia brasileira criticada sobre incursão em campo de protesto	Brazilian police criticised over raid on protest camp	www.theguardian.com/world/2014/jun/18/brazil-police-raid-protest-camp-recipe
20/6	Cena musical de São Paulo: “todo dia é segunda, toda noite é sábado”	São Paulo's music scene: 'Every day is Monday, every night is Friday'	www.theguardian.com/music/2014/jun/19/sao-paulo-every-day-monday-every-night-friday
20/6	América Latina: nova fronteira da indústria musical	Latin America: the music industry's new frontier	www.theguardian.com/music/2014/jun/19/latin-america-music-industry-new-frontier
21/6	Fãs da Copa do Mundo de todas as classes se deleitam na praia, apesar da colonização da Fifa	World Cup fans of all stripes revel on beach despite Fifa's colonising	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/20/world-cup-copacabana-beach-fifa
22/6	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	World Cup 2014: a ground-hopper's day-by-day diary	www.theguardian.com/football/2014/jun/21/world-cup-2014-ground-hopper-diary-england-uruguay-brazil
24/6	Residentes das favelas fazem a Copa do Mundo funcionar para eles com hospedagem para fãs	Favela residents make World Cup work for them with home stays for fans	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/23/favela-residents-world-cup-home-stays-fans
28/6	América Latina se deleita em seu momento na Copa do Mundo	Latin America revels in its World Cup moment	www.theguardian.com/football/2014/jun/27/latin-america-world-cup-brazil-argentina
28/6	Copa do Mundo 2014: cinco coisas que disseram que daria	World Cup 2014: five things they said would	www.theguardian.com/football/2014/jun/27/world-cup-2014-five-things-

	errado no Brasil	go wrong in Brazil	go-wrong
28/6	Copa do Mundo 2014: um carnaval colorido de futebol que poderia ser o melhor de todos	World Cup 2014: a colourful carnival of football that could be the best ever	www.theguardian.com/football/blog/2014/jun/27/world-cup-2014-best-ever-brazil-argentina
28/6	Belo Horizonte segura sua respiração ao passo que Brasil acolhe Chile no confronto dos 16 últimos	Belo Horizonte holds its breath as Brazil host Chile in last-16 clash	www.theguardian.com/football/2014/jun/27/brazil-chile-last-16-world-cup
30/6	Brasil luta para se recuperar da vitória por pênaltis emocionante sob o Chile	Brazil struggle to recover from emotional shootout win over Chile	www.theguardian.com/football/2014/jun/29/brazil-chile-world-cup-2014-last-16-match-report
3/7	Paixão, pressão e preces carregando o Brasil nos sete degraus ao céu	Passion, pressure and prayers carrying Brazil on seven steps to heaven	www.theguardian.com/football/2014/jul/02/brazil-world-cup-2014-pressure-scolari
4/7	Time do Brasil da Copa do Mundo chama uma psicóloga depois das lágrimas do jogo contra Chile	Brazil World Cup team calls in psychologist after Chile match tears	www.theguardian.com/football/2014/jul/03/brazil-world-cup-2014-psychologist-tears
5/7	Brasil coloca fãs através do moinho com a montanha-russa contra Colômbia	Brazil put fans through the mill with rollercoaster ride against Colombia	www.theguardian.com/football/2014/jul/04/world-cup-2014-brazil-fan-fest-colombia
6/7	Copa do Mundo 2014: um Brasil aturdido chama falta sobre machucado de Neymar	World Cup 2014: A stunned Brazil calls foul over Neymar injury	www.theguardian.com/football/2014/jul/06/world-cup-stunned-brazil-neymar
6/7	Entrevista de Neymar a TV brasileira deixa apresentador e audiência em lágrimas	Neymar interview for Brazil TV leaves presenter and audience in tears	www.theguardian.com/football/2014/jul/05/neymar-interview-brazil-tv-leaves-presenter-audience-tears-world-cup
6/7	Reação da mídia: Brasil chora perda de Neymar enquanto Colômbia trilha em “injustiça”	Press reaction: Brazil mourn Neymar loss while Colombia rail at ‘injustice’	www.theguardian.com/football/2014/jul/05/press-reaction-brazil-colombia-neymar-world-cup
8/7	A visão do Brasil – enquanto eles se preparam para encarar Alemanha na semi-final	The view from Brazil – as they prepare to face Germany in the semi-final	www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/07/neymar-brazil-germany-world-cup
9/7	Descrença ao Alemanha quebrar o coração do anfitrião Brasil em derrota por 7 a 1	Disbelief as Germany break hosts Brazil's hearts in 7-1 defeat	www.theguardian.com/football/2014/jul/09/germany-brazil-7-1-defeat-dejection-disbelief-world-cup
10/7	A noite em que um jogo de futebol no Brasil alcançou as alturas de um teatro trágico	The night a football match in Brazil reached the heights of tragic theatre	www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/09/brazil-tragic-theatre-world-cup-sophocles-shakespeare-7-1
10/7	Corrida do Brasil na Copa do Mundo acabou, mas ramificações políticas ainda não são claras	Brazil's World Cup run is over but political ramifications still unclear	www.theguardian.com/world/2014/jul/09/brazil-world-cup-postmortem-dilma-rousseff
10/7	Brasil é misto de motim e luto após “maior vergonha da história”	Brazil a mix of mutiny and mourning after ‘biggest shame in history’	www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/09/brazil-mutiny-mourning-germany-world-cup-2014
11/7	Polícia brasileira indica executivo da Match, Ray Whelan, como “fugitivo”	Brazilian police label Match executive Ray Whelan ‘a fugitive’	www.theguardian.com/football/2014/jul/10/ray-whelan-match-fugitive
12/7	Verdadeiro esporte nacional do Brasil: enganar o povo	Brazil's true national sport: cheating the	www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/11/brazil-national-sport-

		people	football-politics
12/7	A visão do The Guardian sobre os borrões e as glórias desta Copa do Mundo	The Guardian view on the blots and the glories of this World Cup	www.theguardian.com/commentisfree/2014/jul/11/guardian-view-blots-glories-world-cup
13/7	Copa do Mundo 2014: Argentina tem Messi e o Papa. Pode o rival Brasil suportar ver levantar a Copa do Mundo também?	World Cup 2014: Argentina has Messi and the pope. Can rival Brazil bear to see it lift the World Cup too?	www.theguardian.com/football/2014/jul/12/argentina-brazil-world-cup-final-rivalry
13/7	Adrian Chiles: porque a Copa do Mundo foi maravilhosa	Adrian Chiles: why the World Cup has been wonderful	www.theguardian.com/football/2014/jul/13/adrian-chiles-why-world-cup-2014-wonderful
13/7	Copa do Mundo 2014: um diário dia a dia de um “ground-hopper”	World Cup 2014: a ground-hopper’s day-by-day diary	www.theguardian.com/football/2014/jul/12/world-cup-2014-ground-hopper-diary
14/7	Brasil se prova anfitrião perfeito para inspirar uma comovente festa da Copa do Mundo	Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast	www.theguardian.com/football/blog/2014/jul/13/brazil-intoxicating-host-inspire-world-cup-feast
16/7	Organizadores das Olimpíadas Rio 2016 confiantes depois do sucesso da Copa do Mundo Brasil	Rio 2016 Olympics organisers confident after Brazil’s World Cup success	www.theguardian.com/sport/2014/jul/15/rio-2016-olympics-brazil-world-cup

ANEXO 3

Frases em inglês e traduzidas (pelo jornal *The Guardian*) presentes na matéria “Copa do Mundo 2014: como ficar bêbado, flertar e se desculpar em português”, do dia 3 de junho de 2014

RELAÇÃO DE FRASES		
PROPÓSITO DA FRASE	EM INGLÊS	EM PORTUGUÊS
Algumas desculpas úteis	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"Sorry for making a mess of your country. I promise we'll be out of here by the semi-finals, tops."</i> - <i>"I apologise for being unable to refer to the Arena Pantanal without giggling like a four-year-old."</i> - <i>"I apologise for claiming a caxirola was simply a poor man's vuvuzela."</i> - <i>"I'm sorry for torching your Fiat Strada, but I couldn't find any Costa Rican cars during my brief post-loss rage window."</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Desculpe por fazer bagunça no seu país. Prometo estar fora daqui até as semifinais, no máximo. - Me desculpe por não conseguir me referir à Arena Pantanal sem rir como uma criança de quatro anos. - Me desculpe por dizer que a caxirola era simplesmente uma vuvuzela de pobre. - Me desculpe por incendiar seu Fiat Strada, mas não consegui achar nenhum carro da Costa Rica durante meu breve acesso de raiva pós-derrota.
Como pedir ajuda	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"Excuse me, your radio appears to be playing Pitbull's official World Cup song. I will require a box of matches and an axe as quickly as you are able."</i> - <i>"Wayne Rooney has been sent off again. Please give me a cushion to wail obscenities into."</i> - <i>"Pardon me, can I borrow a calculator? I am an England supporter and I can't work out how many years of hurt it's been."</i> - <i>"Please read me one newspaper column about Brazilian football, so I can pass the whole thing off as my own opinion for the duration of the tournament."</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Com licença. Seu rádio parece estar tocando a música oficial do Pitbull para a Copa. Vou precisar de uma caixa de fósforos e um machado o mais rápido possível. - Wayne Rooney foi expulso de novo. Por favor, me dê uma almofada para abafar obscenidades. - Me desculpe, me empresta a calculadora? Eu torço pela Inglaterra e não consigo somar há quantos anos sofro. - Por favor, leia para mim uma coluna do jornal sobre o futebol brasileiro, para que eu possa passar tudo como minha própria opinião durante o torneio.
O que falar durante um jogo	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"I sure hope that trumpet guy continues to play the same two bars of The Great Escape theme again and again for the duration of this game."</i> - <i>"Allow me to wait until we have either scored or conceded a contested goal before I pass judgment on Fifa's new goal-line technology."</i> - <i>"You know, as much as I appreciate watching world-class football in a glorious country full of beautiful people, I can't help but miss Clive Tyldesley's keen-eyed observations."</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Eu realmente espero que o cara da trombeta continue tocando repetidamente as mesmas duas faixas de Fugindo do Inferno até o fim do jogo. - Deixa eu esperar até que tenhamos feito um gol, ou termos um contestado a nosso favor, para dar minha opinião sobre a nova tecnologia na linha de gol da Fifa. - Você sabe que por mais que eu aprecie assistir a um futebol de primeira, num país glorioso cheio de gente bonita, eu ainda sinto falta dos comentários afiados do Clive Tyldesley.
Como tomar um drink	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"Give me your wateriest lager. I'm warning you, though, I don't want it to taste of anything."</i> - <i>"I don't care what you give me, so long as it's enough to help me fling this patio table through that shop window."</i> - <i>"What's Portuguese for Wetherspoons?"</i> - <i>"We both know that I won't be able to</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Me dê sua cerveja mais aguada. Mas estou te avisando: não quero que tenha gosto de nada. - Não me importa o que você me dê, desde que seja o suficiente para me ajudar a arremessar essa mesa naquela vitrine ali. - Qual o equivalente em português para 'Wetherspoons'? - Nós dois sabemos que não vou conseguir

pronounce 'caipirinha' properly, so it's probably better for all involved if you just give me a gin and tonic."

- "I am drunk and wish to commemorate this trip with a tattoo. Please hilariously misspell the Portuguese for 'Live without regrets' in a place where everyone can see it."

**Alguns
xavecos fatais
para bater
papo**

- "Hey baby, let's practise for the Olympics. I'll be the water hygiene expert, you be the corrupt local mayor."

- "I'm going to call you dengue fever because, honey, you give me gastrointestinal bleeding ... of the heart."

- "Was it heaven you fell from, or the cab of a badly maintained, unregulated tower crane?"

- "Has anyone ever told you that you look like Sepp Blatter?"

pronunciar 'caipirinha' direito, então provavelmente é melhor para todos os envolvidos que você me dê simplesmente uma gin tônica.

- Estou bêbado e quero comemorar essa viagem com uma tatuagem. Por favor, só de farra escreva errado "Viva sem arrependimentos" num lugar em que todos possam ver.

- Oi gata, vamos praticar para as Olimpíadas. Eu serei o especialista em higiene da água, e você a prefeita local corrupta.

- Vou te chamar de febre da dengue porque, querida, você me dá sangramento gastrointestinal ... do coração.

- Você caiu do céu, ou da cabine de um guindaste irregular e sem manutenção?

- Alguém já te disse que você se parece com o Sepp Blatter?

ANEXO 4

Relação completa das fontes de informação utilizadas pelo *The Guardian*

RELAÇÃO DE FONTES		
CLASSIFICAÇÃO	FONTE	QUANTIDADE
Fontes locais	- Awyató, chefe da tribo Sateré-Mawé	3
	- Josemir Pedro da Silva, pastor evangélico	2
	- Luiz Carlos Beskow, gaúcho	2
	- Paulo Cezar Bento, professor de educação física na favela do Vidigal	2
	- (anônimo) um residente do Rio de Janeiro	1
	- (anônimo) um vendedor de rua	1
	- “Índio” Rogerio Bueno dos Santos, 15, Bairro de Fazendinha, São Paulo	1
	- “Kiki” Christopher Roberts dos Santos Ramos, 13, Ouro Preto	1
	- Adeilson Freitas, participante do acampamento de 27 anos	1
	- B. Shanti, artista de rua	1
	- Barbara Eugenia, música	1
	- Barbeiro, detento da prisão Curado	1
	- Barbeiro, Tato e Galo Cego, detentos no complexo prisional Curado, Recife	1
	- Brenda Carioca Pontes, Peladão Queen, 19, Manaus	1
	- Bruno Dana, agente de viagens no Rio	1
	- Bruno Marais, tímido obsessivo por gravações	1
	- Cassiano Silva, consultor, advogado e contador, 30, Belo Horizonte	1
	- Curumim, artista influente de funk, samba e hip-hop	1
	- Diogo Barbosa, fã do Rio	1
	- Don L, músico	1
	- Dudu Tsuda, músico	1
	- Elliot Rosenberg, fundador da Favela Experience	1
	- Eloisa Samy, uma advogada e ativista em direitos humanos do Rio	1
	- Emicida, rapper	1
	- Emilia Ramalho, residente do Rio que gerencia um quiosque no Sambódromo	1
	- Fábio Freire, dono de restaurante	1
	- Felipe Atenfender, da Mídia Ninja	1
	- Felipe Cordeiro, músico	1
	- Felipe Trindade, fã brasileiro no Rio	1
	- Francisco Fredes, de Santiago, hóspede na favela	1
	- Gabriel Alvim, um nativo do Rio	1
	- Gianna, organizadora da comida no acampamento do Movimento dos Sem Teto	1
	- Gilcileine Garrido, vendedor no distrito da Glória	1
	- Glimário João dos Santos, chef relaxado e proprietário	1
	- Gui Jesus Toledo, transformou uma velha garagem em estúdio	1
	- Helena Santos, organizadora de luz no acampamento do Movimento dos Sem Teto	1
	- Ivan Moraes Filho, que trabalha para uma organização local de direitos humanos	1
	- Janiana, babá que vive perto da Arena Corinthians	1
	- Jessie Salustiano da Silva, 31, trabalhador de manutenção, São Paulo	1
	- João Marcos Santana Melo, 22, técnico de TV a cabo,	1

Ondina, Salvador	
- José Bueno dos Santos (<i>sem identificação</i>)	1
- José Carlos, 10, e Gabriel Brayan Marques, 13, Manaus	1
- José Eduardo artions, o próprio Mr. Panini, chefe-executivo de conversa suave	1
- José Meireles, que mora perto do estádio	1
- Joyce Rocha, um jogador de futebol	1
- Juan Santia, estudante de engenharia em Córdoba, Argentina	1
- Karol Conka, MC e rapper	1
- Luis dos Santos, 20, mineiro	1
- Luiza Ramos, torcedora	1
- Maria Clara, esperta e rígida avó que aluga sua casa na favela	1
- Maria dos Milagres Meira, 39, dona de casa, Cabaceiras, Sertão	1
- Marina Faissal, instrutora de ioga	1
- Martin Becker, torcedor alemão	1
- Matthew Wilmington, 25 e de Londres, está ficando na favela da Babilônia	1
- Mauricio Maia, equivalente a um sommelier de cachaça e fundador do blog O Cachacier	1
- MC Guimê, rapper e funkeiro	1
- Miguel Nicolelis, neurocientista brasileiro	1
- Nicolás Padilla, argentino	1
- Paulo Lamkin, inglês	1
- Peddy Dold, fundador da Navigation Partners, indústria de estratégia de marketing de entretenimento, e antigo vice-presidente para internacional no Univision Music Group	1
- Pedro Luna, fã do Santa Cruz conhecido como Jesus Tricolor, Recife	1
- Peter Vele, de Sidney	1
- Rafael Barros da Silva, 13, pupilo na escola de futebol Saber Viver, Recife	1
- Rafael Vilela, jornalista da Mídia Ninja	1
- Rafaela Bueno, visitante de Belo Horizonte	1
- Ricardo Canara, fã no meio da multidão amarelo-canário na Avenida Atlântica	1
- Roberta Medina, promotora musical e filha de Roberto Medina, fundador do Rock in Rio	1
- Roberto Alzir, oficial do Rio de Janeiro	1
- Rodrigo Carvalho, outro fã	1
- Rodrigo Coelho, músico	1
- Sérgio Bloch, cineasta local	1
- Silas Lima, fã	1
- Silvia Rodrigues da Silva, gerencia um pequeno café no centro de São Paulo	1
- Sombra, rapper de Guarulhos, pobre subúrbio de São Paulo	1
- Steve Exley, turista de Manchester	1
- Thiago Santos, 77, fã veterano	1
- Tim Bernardes, cantor de 22 da banda O Terno	1
- Valmir Xavier, torcedor	1
- Valter Peixoto, um dos organizadores comunitários da Glória	1
- Vinicius Patrocínio, vizinho de 14 anos	1
- Walter, produtor de cachaça	1
- Wesley Lima Rios, professor de geografia	1
- Williams Aurelino, artista de rua	1

	- Yara Castro Roberts, chef original de Minas Gerais que gerencia uma escola de gastronomia	1
	- Zegon, DJ	1
Fontes oficiais	- Dilma, presidente	3
	- Aldo Rebelo, Ministro do Esporte	2
	- Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro	2
	- Agberto Guimarães, executivo da Rio 2016 diretor-executivo de esportes e integração paraolímpica	1
	- Arthur Virgílio Noto, prefeito de Manaus	1
	- Barack Obama	1
	- David Fleischer, professor de ciência política na Universidade de Brasília	1
	- Euclides de Freitas Couto, professor de ciências sociais da Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil	1
	- Fabiano Maisonnave, repórter da Folha de São Paulo	1
	- Fabio Barucke, investigador	1
	- Igreja Católica	1
	- Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA	1
	- John Ricardo Cozac, da Associação de Psicologia do Esporte de São Paulo	1
	- José Maria Marin, membro do comitê executivo do Brasil	1
	- Josimar Melo, um dos mais renomados críticos de comida e bebida do país	1
	- L Ron Hubbard, fundador da Cientologia	1
	- Lucas Alves, do fórum civil de direitos Urbanos	1
	- Lula	1
	- Mario Andrada, antigo executivo da Nike que se juntou ao Rio 2016	1
	- Rachel Barber, chefe-superintendente líder de uma delegação britânica de polícia	1
	- Raquel Paiva, professora de comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro	1
Autoridades/personalidades do futebol	- Juca Kfourri, colunista	4
	- David Luiz, jogador brasileiro	2
	- Fernandinho, meio-campo do Manchester City	2
	- Luiz Felipe Scolari, técnico da seleção brasileira	2
	- Ronaldo	2
	- Zuniga, jogador da Colômbia	2
	- Adam Lallana, meio-campo da Inglaterra	1
	- André Forastieri, comentarista	1
	- Careca, antigo capitão da seleção	1
	- Carlos Alberto Parreira	1
	- Demetrio Albertini, chefe da delegação italiana	1
	- Diego Maradona	1
	- Galvão Bueno, locutor e comentarista	1
	- Gary Cahill, jogador inglês	1
	- Joe Hart, jogador inglês	1
	- Julio Cesar, goleiro da seleção brasileira	1
	- Marcos Guterman, autor de Futebol Explica o Brasil	1
	- Neymar	1
	- Paulo Vinicius Coelho, respeitado comentarista brasileiro	1
	- Thiago Silva, jogador brasileiro	1
	- Wagner Ribeiro, amigo e agente do Neymar	1
Veículos de comunicação	- Jornal Extra	2
	- Jornal Folha de São Paulo	2
	- Jornal Lance!	2
	- Jornal Meia Hora	2
	- Jornal O Dia	2
	- Jornal O Globo	2
	- Jornal Daily Mirror (<i>inglês</i>)	1

- Jornal Diário Catarinense	1
- Jornal Diario del Magdalena (<i>colombiano</i>)	1
- Jornal Hoje	1
- Jornal O Estado de Minas	1
- Jornal O Estado de São Paulo	1
- Jornal O Povo	1
- Jornal O Tempo	1
- Jornal Q'hubo (<i>colombiano</i>)	1
- Jornal Super Notícias	1
- Jornal The New York Times (<i>americano</i>)	1
- portal on-line UOL	1
- TV Globo	1
TOTAL	148